



Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia

ROSANA DE FÁTIMA PADILHA DE SOUSA

REDUTO DE SÃO JOSÉ:
História e Memória de um bairro operário (1920-1940)

BELÉM
2009

ROSANA DE FATIMA PADILHA DE SOUSA

REDUTO DE SÃO JOSÉ:
História e Memória de um bairro operário (1920-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História. Orientadora: Professora Doutora Maria de Nazaré Sarges (DEHIS/UFPa).

BELÉM

2009

ROSANA DE FATIMA PADILHA DE SOUSA

REDUTO DE SÃO JOSÉ:

História e Memória de um bairro operário (1920 – 1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para a obtenção do título de mestre em História. Orientadora: Professora Doutora Maria de Nazaré Sarges (DEHIS/UFPA).

Data de Aprovação: 13/03/2009

Banca Examinadora:

Professora Doutora Maria de Nazaré Sarges – (DEHIS – UFPA)

Professora Doutora Franciane Gama Lacerda – (DEHIS- UFPA)

Professor Doutor Antonio Paulo Rezende – (UFPE)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Sousa, Rosana de Fátima Padilha de

Reduto de São José: história e memória de um bairro operário (1920-1940) / Rosana de Fátima Padilha de Sousa; orientadora, Maria de Nazaré Sarges. - 2009

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.

1. Belém - História, 1920-1940. 2. Indústrias - Belém (PA) - História. 3. Reduto (Belém, PA). Título.

CDD - 22. ed. 981.15

Dedico este estudo aos
operários das fábricas do Reduto,
personagens anônimos que
ajudaram a construir a história de
um bairro que marcou a história
desta cidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me concedido a alegria de vivenciar mais essa experiência em minha vida. Em seguida à minha orientadora Maria de Nazaré Sarges, carinhosamente Naná, pelas primeiras conversas que despertaram em mim o interesse pelo estudo do bairro do Reduto e depois a aceitação em orientar a pesquisa e todo o acompanhamento dado através das conversas, dos empréstimos de livros, trabalhos, enfim, função procriativa completa: concepção, gestação e parto.

Agradeço também aos professores que ministraram as disciplinas durante o curso: Aldrin Figueredo, Francesca Focarolli, Geraldo Mártires, Pere Petit, e de modo especial à Professora Magda Ricci, primeiro por ter, juntamente com Naná despertado em mim o interesse pelo tema da pesquisa; segundo pelo apoio dado à minha pesquisa, ao ter, enquanto diretora do Arquivo Público, autorizado a utilização dos aparelhos de microfilmagem com material de outra instituição.

De modo particular, agradeço ao Professor Aldrin Figueiredo e a Professora Franciane Gama pelos valiosos comentários feitos no exame de qualificação que deram fundamental contribuição para a formatação do texto final ao chamarem atenção para os problemas existentes apontando possíveis soluções.

Quanto ao apoio institucional, agradeço à administração da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará por ter me liberado das funções docentes, assim como sou profundamente grata aos meus colegas de trabalho pela saudável “cumplicidade” no desenvolvimento desta pesquisa ao “segurarem à barra” com as turmas do NPI.

Agradeço a atenção dispensada pelos funcionários das várias instituições onde realizei minhas pesquisas, Arquivo Público do Pará, Arquivo da Junta Comercial do Pará, Biblioteca Pública Arthur Viana, particularmente das seções de Obras Raras, Microfilmagem, Periódicos e Obras do Pará.

Com todo carinho agradeço aos meus entrevistados, fontes vivas de uma história que resiste tenazmente para não ser apagada das memórias desta cidade e que gentilmente me receberam em suas casas me concedendo informações preciosas.

E finalmente, agradeço aos meus familiares que compartilharam comigo direta ou indiretamente esse período de trabalho, minha mãe, meu marido Juracy pela assessoria nos recursos de informática, meus filhos, de modo especial a Juliana - Tita Padilha, pela produção e editoração das imagens utilizadas nesta dissertação.

Belém, 13 de março de 2009.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE ICONOGRAFIAS	10
INTRODUÇÃO	11
CAPITULO 1 - A cidade e o reduto: Expansão de Belém e origem do bairro	
1. Fortificação e expansão de Belém	20
2. O Reduto de São José	27
2.1 A doca do Reduto	29
2.2 Da “areia triste da doca aterrada” a Praça Ilha Moreira	36
2.3 A correção do canal do Reduto e a mudança para Praça Magalhães	39
2.4 Um bairro mercado: “cheio de povo e pequenos comerciantes”	43
2.5 “Bairro menos abastado, sobretudo de nacionalidade síria”	49
CAPITULO 2 - Belém e o Reduto - dos anos 20 aos 40	
3. Belém e a expansão industrial nas primeiras décadas do século XX	56
4. Reduto: bairro operário ou bairro industrial?	63
4.1 As Fábricas do Reduto	65
4.2 As vilas e os operários	75
5. História e Memória da cidade e do bairro: outras lembranças	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS: FONTES E BIBLIOGRAFIA	98

RESUMO

O Reduto é uma área contígua ao centro da cidade de Belém surgida na segunda metade do século XVIII com a construção de uma fortificação militar. Foi efetivamente ocupado durante o século XIX, quando viveu um período de intensa atividade comercial resultante da economia da borracha. Na primeira década do século XX com a implantação de um projeto modernizador surgiram obras na cidade que forçaram uma reestruturação do espaço urbano. Enquanto o restante da cidade era embelezado, a área do Reduto, para atender aos interesses capitalistas da economia exportadora, sofria uma descaracterização no seu espaço original: o aterramento da sua doca e a quebra do seu movimentado comércio. Entretanto, novas formas espaciais foram surgindo no bairro. Ocupando uma posição conveniente, a margem imediata da baía, o Reduto tornou-se uma área atrativa para a instalação de fábricas e foi pouco a pouco assumindo ares de bairro industrial. Funcionários, comerciantes e empresários de várias nacionalidades, ou simplesmente operários em busca de trabalho deram ao Reduto até meados do século XX características bem particulares que ficaram marcadas no imaginário coletivo da cidade e ainda hoje são presentes na memória dos seus antigos moradores.

Palavras-Chave: modernização; fábricas; memória.

ABSTRACT

Reduto is an area next to the centre of the city of Belém that appeared in the second half of the XVIII century with the construction of a military fortification. It was effectively occupied during the nineteenth century, when it lived a time of intense commercial activity resulted of the rubber economy. In the first decade of the XX century with the introduction of a project of modernization some works appeared in the city, and they forced a new structuring of the urban space. While the rest of the city was getting beauty, the area of Reduto, to answer the capitalist interests of the exporting economy, was suffering with changes of its original space: the levelling of its dock and the break of its dynamic commerce. However, new space forms were appearing in the district. Occupying a convenient position, the immediate edge bay, Reduto became an attractive area for the installation of factories and it was little by little looking like an industrial district. Employees, traders and businessmen of several nationalities, or just workers looking for jobs gave to Reduto, until the middle of twentieth century, peculiar characteristics that had been marked on the collective imagination and are still present now a days in the memory of its old residents.

Key words: modernization; factories; memory

LISTA DE ICONOGRAFIAS

Figura 1	Planta Geométrica da Cidade de Belém do Gram Pará – 1753	22
Figura 2	Mapa da Cidade de Belém – 1773	23
Figura 3	Mapa da Cidade do Pará – 1780	25
Figura 4	Plano Geral da Cidade do Pará – 1791	26
Figura 5	Mapa da delimitação do bairro do Reduto	29
Figura 6	Mapa das Avenidas e Ruas do bairro do Reduto	30
Figura 7	Doca do Reduto vista da baía de Guajará	33
Figura 8	Doca do Reduto vista da Rua 28 de Setembro	34
Figura 9	Avenida Marechal Hermes	37
Figura 10	Drenagem da Bacia do Reduto – vista da Rua 28 de Setembro	39
Figura 11	Drenagem da Bacia do Reduto – vista da Avenida Marechal Hermes	40
Figura 12	Praça General Magalhães	42
Figura 13	Coreto da Praça General Magalhães	42
Figura 14	Anúncio Loja Ferreira Gomes	46
Figura 15	Anúncio da Casa Mascote	46
Figura 16	Usina de beneficiamento de algodão	57
Figura 17	Galpões das Oficinas Carniceiro	64
Figura 18	Escritório da Fábrica Perseverança	66
Figura 19	Complexo das Fábricas Perseverança	67
Figura 20	Operários da Fábrica Perseverança	68
Figura 21	Instalações dos galpões da Perseverança	68
Figura 22	Instalações dos galpões da Perseverança	68
Figura 23	Antigo prédio da Phebo	69
Figura 24	Anúncio da Fábrica Boa Fama	71
Figura 25	Anúncio da sapataria Boa Fama	73
Figura 26	Anúncio do Pó Phebo	73
Figura 27	Vila Áurea	78
Figura 28	Vila Nelly	78
Figura 29	Ed. Dom Carlos	91
Figura 30	Aliança Nacional S.A. prédio do antigo Cinema Íris	93

INTRODUÇÃO

“Maior felicidade que amar uma mulher, amor de longo olhar e presente saudade...

Amor muito maior é amar uma cidade!”

Dante Milano

Ao adentrarmos um estabelecimento comercial situado em um dos limites do bairro do Reduto, na cidade Belém, nos deparamos com um quadro que contem uma imagem datada do final do século XIX, da antiga doca existente no bairro situada entre a Rua 28 de Setembro e Avenida Marechal Hermes denominada de ***Doca do Reduto***. Percebendo ao longo desta pesquisa que as pessoas ao visualizarem esta imagem acham que se trata da atual Doca de Souza Franco quis certificar-me deste erro e fui até o referido local indagar algumas das pessoas que por ali circulavam sobre a origem do local retratado no quadro. Das dezenas de pessoas abordadas, inclusive o Gerente da loja, menos de uma dezena responderam corretamente, ou seja, que se tratava da antiga Doca do Reduto e não da Doca de Souza Franco, local onde está situado o referido estabelecimento¹.

As duas docas apesar de situadas no mesmo bairro se formaram de diferentes igarapés. A primeira se originou do chamado Igarapé do Reduto e, no início de século passado foi aterrada e transformada em uma praça, mas, devido a problemas de saneamento, foi reaberta e mantida até hoje como um canal, sem nenhum aparato estético. A segunda se originou do Igarapé das Almas que foi transformado também em doca para atender ao comércio naquela área antes mesmo do aterramento da Doca do Reduto e que, após uma grande reforma iniciada na década de 60 e concluída na de 70 transformou-se em uma área de foco atrativo para investimentos imobiliários. As condições das duas docas seriam muito semelhantes se não fosse as diferentes configurações urbanas dadas às respectivas áreas em que estão localizados os dois canais. O “Canal da 28”, como ficou conhecido a antiga Doca do Reduto é hoje na verdade um espaço abandonado e despercebido pelas pessoas que passam por ali, enquanto o “Canal da Doca”, ou simplesmente “a Doca” é circundada por uma

¹ Esta abordagem foi feita nos dias 13 e 20 de novembro de 2008 com aproximadamente 30 pessoas de idade entre 35 e 70 anos de idade, entre moradores e não moradores do bairro. Entre as pessoas que acertaram algumas precisaram ler a referência escrita na imagem.

extensa avenida com um movimentado tráfego de carros e circulação de pessoas que as ocupam com práticas esportivas ou simplesmente para lazer pois lá estão estabelecidos restaurantes, bares, lojas e prédios residenciais de alto padrão que tornaram aquele lugar um dos metros quadrados mais caros da cidade.

Até o ano de 2005 o Reduto era para mim uma parte da cidade quase desconhecida. Até que um dia, trocando conversa com algumas amigas historiadoras lhes revelei sobre meu interesse em voltar a pesquisar novamente sobre a cidade de Belém, visto que durante a especialização eu havia desenvolvido uma pesquisa nesta linha ². A conversa então chegou até o bairro do Reduto em que se constatava o parco material historiográfico existente sobre aquela região que havia sido tão importante para vida econômica da cidade até a primeira metade do século XX. Desde então passei a ver o Reduto com outros olhos. Sempre que tinha oportunidade passava por aquelas ruas estreitas e quietas e começava a perceber as suas casas com arquitetura simples, seus moradores sentados nos pátios, ou debruçados nas janelas; os grandes galpões das antigas fábricas semi-abandonados; o canal que antes fora uma doca comercial dinâmica. E assim fui me interessando cada vez mais pelo “velho Reduto” e meus questionamentos foram se avolumando a ponto de se transformarem no projeto que apresentei a este Programa de Pós- Graduação em 2006 e que resultou nesta dissertação que ora lhes apresento.

À medida que a pesquisa ganhava novas perspectivas metodológicas a partir dos debates desenvolvidos nos cursos da linha de pesquisa Trabalho, Cultura e Etnicidade e as orientações da dissertação fui tendo clareza das dificuldades que poderiam surgir como, por exemplo, a temporalidade. O recorte temporal inicial demarcado foi entre os anos de 1910 e 1960, entretanto fui percebendo que seria melhor iniciar com a década de 20 por ter sido este o momento em que as transformações decorrentes do desenvolvimento capitalista, como o aterramento da doca em 1910, passaram a ser mais sentida pela população do bairro do Reduto. Assim como fazer um recuo da década de 60 onde pretendia analisar a decadência da produção industrial local por ocasião da entrada de produtos externos via estrada rodoviária para a década de 40 por ter sido uma época de grandes influências na vida socioeconômica da cidade.

² SOUSA, Rosana de Fátima Padilha de. *Marco da Léguas: História e Memória*. 1995. Monografia apresentada ao curso de Especialização em História da Amazônia. CFCH, UFPA. Belém, 1995.

A proposta inicial desta pesquisa sobre um dos bairros mais antigos da cidade de Belém era o de focalizá-lo na sua realidade própria procurando através de uma narrativa coerente identificar aspectos de sua história. Entretanto, meu propósito não era o de desenvolver uma investigação somente através de uma abordagem econômico - social da cidade retracando seu crescimento e sua evolução urbanística como muitos já fizeram. A proposta começou a ganhar o contorno que eu desejava ao longo das leituras e discussões do curso especialmente sobre História Cultural, onde pude encontrar um manancial de idéias sobre o estudo da vida urbana.

Sandra Pesavento (2005) apresenta o estudo da cidade sob a perspectiva da História Cultural onde a cidade não é mais considerada um *locus*, seja da realização da produção ou da ação social, mas, sobretudo como um problema e um objeto de reflexão. O estudo dos processos econômicos e sociais construídos na cidade e sobre elas não são exclusividades na História Cultural que vai além deles, resgatando discursos e imagens de representação da cidade.

O Reduto que nas primeiras décadas do século XX usufruiu do fausto gerado pela borracha através do intenso comércio resultante da economia gomífera, e que apesar de estar situado entre bairros reconhecidos como da elite foi historicamente considerado um “bairro de gente pobre”.

Para muitos e por muito tempo, falar de Belém na virada do século XIX para o XX necessariamente significaria falar de transformações estéticas que aconteceram no seu interior - fruto dos projetos urbanistas arquitetados para atender à expansão capitalista e a mentalidade moderna que se instalava no mundo ocidental - e do segmento social que usufruía dessas transformações, a elite econômica. Ignoravam-se os segmentos populares da cidade que não se beneficiavam dessas transformações da mesma forma que a elite, mas que sentiram no seu dia-a-dia o impacto dessas mudanças. É verdade que as modernidades urbanas iam ao encontro dos interesses de segmentos privilegiados da sociedade e, por outro lado, excluía outros menos favorecidos. Entretanto, esses segmentos “excluídos” não deixaram de ser agentes nesse processo de transformações e muito menos de se manifestarem através de suas expressões culturais.

A modernidade urbana é por si só, outra representação que propicia uma série de apreciações. A transformação da cidade, por exemplo, gera um conflito entre o progresso - o novo e a tradição - o velho. “Uma cidade moderna é aquela que destrói para construir, arrasando para embelezar, realizando cirurgias urbanas para

redesenhar o espaço em função da técnica, da higiene, da estética”. (PESAVENTO, 2005, p.79).

No início da pesquisa a minha preocupação era a de entender como as mudanças urbanísticas do projeto lequista, como por exemplo, o aterramento da doca Reduto - teriam afetado a vida das pessoas que dependiam daquele sítio. À medida que fomos “adentrando” as ruas do bairro e as soleiras das portas, fomos conhecendo outros aspectos da vida daquelas pessoas que ali construíram sua história e outras inquietações foram surgindo sobre aquela área.

Os questionamentos surgidos foram formando o *corpus* desta pesquisa que além de reconstruir o processo de configuração do bairro do Reduto a partir das representações criadas sobre ele como o de espaço de intensa dinâmica comercial e industrial procurou também contribuir para a discussão da natureza e dos desdobramentos da chamada crise da borracha.

Sabemos que a escrita da história de Belém sobre o período do contexto da economia da borracha na Amazônia vem sendo exaustivamente estudado pela historiografia local³, entretanto, uma discussão mais ampliada sobre o real desencadeamento dessa crise na economia paraense ainda se faz necessária.

Procurei desenvolver minha pesquisa em fontes documentais encontradas no acervo do Arquivo Público do Pará, da Biblioteca Municipal, da Junta Comercial do Pará, das firmas industriais como “Casas Granado”, outrora Fábrica “Phebo” e, no escritório administrativo da extinta Fábrica “Perseverança”. Percorri ainda bibliotecas de órgãos públicos onde foi encontrado um vasto acervo historiográfico e fotográfico além de dissertações e teses sobre temas vinculados à escrita da história de Belém que muito enriqueceram a pesquisa.

Compartilho da linha de estudos que interpreta a cidade como o espaço das mudanças, entretanto neste trabalho gostaríamos de rever a cidade de Belém não somente através das lentes das transformações urbanísticas projetadas por seus administradores, mas, de escrevê-la como um ambiente construído e experimentado pelos seus próprios habitantes, principais sujeitos da história de um bairro e de uma cidade. Nessa perspectiva busquei a colaboração de antigos moradores do bairro,

³ Entre as diversas produções historiográficas sobre esse período, destaca-se o trabalho da historiadora Nazaré Sarges *Belém. Riquezas Produzindo a Belle Epoque (1870-1912)* considerado pioneiro na abordagem do enfoque urbanístico da política Lemista e suas implicações sociais.

brasileiros e imigrantes, ou descendentes destes, que através de suas recordações de infância e juventude repassaram parte de suas histórias de vida ajudando-me nesse processo de registro e reflexão do passado e da memória do bairro.

As fontes orais foram utilizadas nesta pesquisa porque acredito que a memória é uma fonte possível para a história. Ela pode plenamente ser utilizada como possibilidade de construir narrativas históricas a partir de histórias de vidas individuais ou coletivas. Sou consciente que elas apresentam problemas como qualquer outra fonte. A possibilidade de a memória ser fidedigna é a mesma de um documento escrito, assim como não existem textos escritos neutros também não existem relatos orais neutros. Todos são discursos indiretos e, portanto reelaborados por quem os produz. É sempre uma representação do real.

Sem querer fazer apologia da história oral, devo considerar que o uso da técnica de história oral permite a apreensão da realidade que nenhum outro documento consegue revelar. Informações ausentes nos documentos escritos são claramente reconstituídas nas entrevistas. Ecléa Bosi na introdução de sua obra *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos* diz que não se preocupava com a veracidade das narrações, material de sua pesquisa, pois achava que os erros e lapsos dos seus narradores eram menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial.

As falas dos meus entrevistados remeteram-me a Ítalo Calvino (1990) quando diz que uma cidade comporta muitas outras, assim também as narrações feitas sobre o bairro do Reduto me fizeram entender que um bairro comporta muitas realidades. Conhecer o Reduto através da memória de seus moradores e constatar no que ele se tornou é possível compreender aquilo que ele foi um dia.

É inegável, como afirma Pesavento, que a forma de uma cidade, seus prédios e monumentos contam uma história não verbal do que a urbe vivenciou um dia, mas, por mais que este patrimônio tenha sido preservado, os espaços e socialidades se alteraram completamente.

É difícil visualizar hoje no atual “Canal da 28” que mais parece uma grande vala a céu aberto o local da animada doca que emoldurava as lembranças do

memorialista Osvaldo Orico⁴ (1956) cheia de canoas coloridas abarrotadas de pães de açúcar e de bacaba, peixe fresco e defumado e frutas de vários sabores.

Assim como a Rua 28 de Setembro com suas casas comerciais, cafés, confeitarias e com o memorável Cinema Íris onde muitos populares iam assistir as películas distribuídas pela *Cinematographica Paraense, Ltda*, encontramos hoje um número reduzido de lojas, fachadas de velhos prédios muitos descaracterizados.

E a Rua Gaspar Viana com seus inúmeros prédios fabris, suas calçadas cheias de operários transitando nos intervalos do almoço ou durante a chegada e saída do turno de trabalho. Das grandes fábricas que existiram no bairro resta somente a “Phebo”, hoje sob o nome de “Casas Granado do Brasil”.

Em 1994 a Câmara Municipal de Belém através de Lei 7.709 regulamentou a preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Belém protegendo principalmente a parte mais antiga da cidade. O bairro do Reduto classificado por esta lei como Zona de Uso Misto, é considerado uma Zona Especial do Patrimônio Histórico por está situado na área de entorno do Centro Histórico da Cidade de Belém.

O bairro do Reduto foi beneficiado diretamente pela referida lei porque entre as determinações encontrava-se a da construção de prédios com altura máxima de 7m o que além de favorecer condições climáticas agradáveis à cidade, visto que a área se encontra nas proximidades da Baía do Guajará, ainda o preserva das garras da especulação imobiliária. Contudo, antes da lei, algumas mudanças já haviam sido implementadas, como a construção de edifícios com mais de dez andares e a descaracterização de alguns prédios históricos.

Entre as construções históricas do Reduto que ainda resistem ao tempo encontramos no bairro menos de uma dezena: a antiga fábrica “Perseverança” onde hoje está instalada a ESAMAZ - Escola Superior da Amazônia; a Gráfica “Amazônia” que foi comprada na década de 60 pela Universidade Federal do Pará para funcionar a Imprensa universitária e que hoje abriga o Centro da Memória da Amazônia; o Batalhão da Polícia Militar, atualmente desativado e sendo preparado para ser o Museu da Polícia do Estado; o reservatório de água da CDP, Companhia das Docas

⁴ O autor na infância era morador do bairro e escreveu esse livro depois de sua visita à Belém em setembro de 1928, dez anos após ter ido morar no Rio de Janeiro e se tornado ministro. O livro registra fatos de sua infância e juventude em Belém e particularmente no bairro do Reduto. Seu pai português era dono de uma oficina de metalurgia onde trabalhava como ferreiro.

do Pará e a própria Praça Magalhães, antiga Doca do Reduto, reduzida hoje a um coreto situado na Avenida Marechal Hermes.

O presente trabalho foi dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo, *A cidade e o reduto: Expansão de Belém e origem do bairro* onde volto o olhar para o século XVII durante o processo de expansão e fortificação da cidade de Santa Maria de Belém do Grão – Pará quando se deu a origem do bairro do Reduto. A partir de fontes oficiais como os mapas produzidos pela administração colonial e os relatórios das intendências municipais apresento um pouco da história deste bairro desde a construção do Reduto de São José até as mudanças decorrentes do aterramento da doca que afetou o seu ativo comércio que até o início do século XX lhe rendia a denominação de “bairro mercado”. Entretanto, o Reduto resistindo às intempéries econômicas retoma seu dinamismo comercial e com o estabelecimento de inúmeras lojas assume o título de “bairro comercial”.

Outra questão levantada neste capítulo é a da significativa presença de estrangeiros no bairro, sobretudo os de nacionalidade portuguesa e sírio-libanesa que foram se estabelecendo desde o final do século XIX até mais precisamente a primeira década do XX sem conflitos aparentes, conforme nos demonstraram as fontes escritas consultadas e a memória de nossos entrevistados, antigos moradores do bairro.

O segundo capítulo, *Belém e o bairro do Reduto – dos anos 20 aos 40*, procuro rever a cidade de Belém entrelaçando nuances da sua história com a do bairro do Reduto através de uma forma de leitura que procura fugir ao padrão estruturante de descrição dos grandes acontecimentos e grandes realizações que marcaram a história da cidade neste período. Procuro levantar neste capítulo a discussão de que apesar da “estagnação” que lhe foi imputada pela situação econômica e administrativa a cidade de Belém sobrevive à crise da borracha e, no bairro do Reduto isso se traduz em números reais de estabelecimentos fabris e comerciais que continuam a se instalar no bairro.

Apesar de não haver uma zona industrial “bem definida” na cidade e desta apresentar um desenvolvimento industrial razoável, como se referiu Penteado (1968, p.182-183), há de se considerar que para uma cidade que se “nutria” da seiva da *Hevea brasiliensis* e que perdeu a hegemonia mundial da produção da borracha, o parque industrial que surgiu na capital do Pará era no mínimo, expressivo. Procuro

realçar que paralelo ao declínio da borracha outras alternativas econômicas tomaram novo fôlego naquele período evitando o caos econômico na cidade.

Como muitas dessas empresas que se estabelecem na década de 20 e 30 em Belém ficavam no Reduto, o bairro passou a assumir o caráter industrial que lhe deu a nova classificação de “bairro operário” da cidade. Procurando recompor a memória do bairro do Reduto focalizamos algumas das grandes fábricas instaladas no bairro, abordando ainda aspectos característicos daquele espaço urbano como os tipos de moradias e moradores, assim como o cotidiano e o lazer ali existente.

Procurei visualizar este passado não por rejeitar o presente e nostalgicamente querer emoldurar um tempo pretérito, mas faço exatamente para entender que esse presente é parte daquele passado e que existe um fio de ligação entre esses dois tempos. Inspiro-me em Marc Bloch para desenvolver este método de movimento duplo de compreensão do presente pelo passado e do passado pelo presente, assegurando-me de que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente” (2002, p.65)

O Reduto com seus traços característicos, suas poucas construções suntuosas, a pitoresca expressão fabril de suas ruas e, principalmente sua grande atuação na estruturação econômica de Belém, merecem sensibilidade e acuidade de escrita mais hábil. Assim, de modo tímido, mas responsável, procuro mostrar nesta dissertação o quanto é nobre o antigo bairro do Reduto e, o quanto oculta de história a ser desvendada. Não foi, nem poderia ser mérito meu esgotar a discussão sobre todos os pontos da história desta área que foi tão significativa na história da cidade e que há muito reclama seu devido inventário.

CAPITULO 1

A CIDADE E O REDUTO:

Expansão de Belém e Origem do bairro

1. Fortificação e expansão de Belém

A colonização portuguesa nos idos do século XVII se assentava inicialmente sob edificações militares - os fortes ou fortalezas. Erguidos como símbolo da posse e da conquista, os fortes foram o nascedouro de muitas cidades coloniais brasileiras.

A construção da primeira fortificação portuguesa no Pará coube a Francisco Caldeira de Castelo Branco após a chegada da primeira expedição lusitana em terras paraenses, em janeiro de 1616 “trazendo consigo a incumbência de firmar, definitivamente, o domínio de Portugal sobre as regiões do extremo norte brasileiro” (CRUZ, 1973, p.231). Os portugueses construíram por todo o vale amazônico um notável conjunto de fortificações para garantir a soberania de Portugal e que se tornaram as bases da conquista e garantia do domínio lusitano.

A “pequena praça d’armas” denominada inicialmente de forte do Presépio tornou-se o centro de irradiação das muitas ações empreitadas pelos colonizadores. De lá “saíram os soldados do Rei para a conquista da região; os colonos para a obra da colonização; os religiosos para o trabalho espiritual” (CRUZ, 1973, p.233).

Na segunda metade do XVII novos fortes foram sendo erguidos ao longo do Guajará. Em 1665, nos fundos do Convento das Mercês⁵ construiu-se o Forte de São Pedro de Nolasco⁶ e, em 1685, o capitão Antonio Lameira da Franca em troca de ser nomeado comandante vitalício da praça, construiu a Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra⁷. Essas fortificações foram erguidas ao longo da baía do Guajará pelos séculos XVII e XVIII.

Eidorfe Moreira (1966, p.48) ao tratar sobre a expansão urbana da cidade destaca a relevância que o elemento hídrico exercera no processo de expansão da cidade “situada no vértice de um estuário, no ponto de junção das influencias marítimas e fluviais” e aponta dois vetores que nortearam o crescimento inicial da cidade: um voltado para o rio Guamá e outro voltado para o mar que corria ao longo da baía do Guajará em direção à barra.

Dessas diretrizes opostas surgiram os dois primeiros “bairros” da cidade: o primeiro chamado Cidade, onde surgiram as primeiras ruas, acompanhando o sentido do rio Guamá e, o segundo denominado Campina que se desenvolveu ao longo da baía do Guajará, onde suas ruas se espraiavam no mesmo sentido. Sobre este tema trataremos mais adiante.

Ressalta ainda Moreira que não foram somente as condições geográficas que impuseram à capital paraense a restrição ribeirinha que lhe foi peculiar nos primeiros tempos, mas também a própria função histórica que desenvolveu a cidade de Belém “como praça forte, como boca de sertão e como centro missionário” sempre ligada à beira d’água. Desse modo, o rio tornou-se ao mesmo tempo, a “via, o atrativo e o campo comum de ação do militar, do aventureiro e do missionário” (MOREIRA, 1966, p.49).

⁵ Segundo Cruz (1973, p. 157-158) este forte foi erguido em 1640 pela Ordem dos Mercedários Calçados na orla da baía do Guajará, de taipa e pilão com cobertura de palha..

⁶ Este forte foi muito depredado durante o período da Cabanagem sendo demolido em 1842 e anos depois foi construído no lugar o Galpão Mosqueiro – Soure .

⁷ Até 1947 essa fortaleza servia de depósito de inflamáveis para o SNAPP (Serviço de Navegação e Administração do Porto do Pará) antiga “*Port Of Pará*” e para a 8ª. Região militar, quando foi destruída por uma explosão.

Do decorrer do século XVII até a primeira metade do XVIII, Belém permaneceu restrita á beira do rio desenvolvendo-se “consideravelmente em termos periféricos, mas muito pouco em termos de penetração” (MOREIRA, 1966, p.50). Somente na segunda metade do século XVIII é que Belém passou a se expandir para o interior, para dentro do continente. Porém, paralelo a essa interiorização, o Governador da Capitania, Fernando da Costa de Athaide Teive, para garantir a segurança da sede da colônia, sentiu a necessidade de reforçar a defesa do território e, no ano de 1751 mandou executar a construção de um reduto. Segundo Viana seria uma construção pequena levantada “no flanco do Convento dos Capuchos de Santo Antonio”, sobre a praia, para “completar a resistência do forte de São Pedro Nolasco, ampliando também a trecho do *littoral* fortificado” (MOREIRA, 1966, p.293). Este reduto, portanto, surgiria com três funções bem definidas: militar, proteção e expansão da cidade e recebeu o nome de *São José*, sobre o qual trataremos detalhadamente mais adiante.

Em 1753, fazendo parte do projeto reformista idealizado por Pombal, chegou a Belém um grupo de profissionais composto por capitães engenheiros, naturalistas, geógrafos, astrônomos, artistas, funcionários da Coroa Portuguesa, integrantes das Comissões Demarcadoras de Limites que tinham como função definir os limites territoriais lusos e espanhóis⁸. Entretanto, além dos trabalhos demarcatórios desenvolvidos por esses profissionais estava também o de representar o território através de mapas para que a Coroa portuguesa possuísse uma melhor definição do território ocupado.

O trabalho que passou a ser desenvolvido pelos engenheiros militares das referidas Comissões estava associado ao projeto pombalino de implementação do urbanismo da cidade na segunda metade do século XVIII visando, sobretudo expressar o poder do Estado monárquico.

Renata Araújo (1992)⁹ defende que a terra apregoada pela reforma após medida e escrita pelos cartógrafos e engenheiros deveria transformar-se em outra terra, portanto, do conhecimento do território, decodificado em mapas, cartas e plantas, adviria a real possibilidade de domínio e intervenção sobre estes. É a partir

⁸ Foram duas as comissões que ficaram sediadas em Belém em dois períodos: 1753 e 1777. Estas Comissões acabaram prestando um serviço de grande importância para a difusão de um conhecimento cientificizado sobre o território da colônia.

⁹ ARAÚJO, Renata Malcher de. *As cidades da Amazônia no século XVIII. Belém, Macapá e Mazagão*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: vol. I, II, e III, 1992

desta noção que trabalha a idéia transformadora de Pombal na Amazônia. Assim os homens das Comissões não pararam de fazer levantamentos cartográficos, de produzir mapas de rios e de fazer descrever roteiros de navegação e de rotas terrestres.

Guimarães (2006, p.38) destaca a importância do trabalho desenvolvido por esses funcionários do governo português que através de suas produções como os registros em mapas, projetos reformistas e relatórios nos legaram um riquíssimo acervo que nos servem de importantes fontes para o conhecimento e estudo da cidade em uma época onde pouco se contava com recursos visuais. Além de retratarem a cidade revelando a situação em que se encontrava o espaço urbano, estes técnicos estrangeiros nos deixaram conhecer as impressões de uma mentalidade onde “as estratégias militares se confundiam com o ideal de uma *urbe* racional”¹⁰.

No mapa de autoria de João André Schwebel¹¹ (figura 1) observamos que a cidade encontrava-se voltada para o rio e para a baía, estendendo-se desde o Convento de São Boaventura, do lado do Guamá (lado direito do mapa), até o Convento de Santo Antonio, pelo lado do Guajará¹² (extremo do lado esquerdo do mapa). Este mapa, possivelmente o primeiro em que a cidade é apresentada na sua forma integral, pois nele se visualiza claramente as duas primeiras áreas que formavam a cidade até então, Cidade e Campina, nesta última, porém não figura ainda o igarapé que ficou conhecido tempos depois como igarapé da Fábrica, sobre o qual trataremos mais adiante.

Figura 1 – Planta Geométrica da Cidade de Belém do Gram Pará – 1753



No Mapa da Cidade de 1773 (figura 2) de Gaspar João Geraldo de Gronsfeld, membro da Comissão, desenhado vinte anos após o acima referido, podemos visualizar os cinco fortes instalados no Guajará, assim também como se pode observar que o engenheiro quis deixar transparecer que a área seguida ao Reduto de São José, futuro bairro do Reduto, era também uma área alagadiça. Área que na verdade inicialmente não despertava o interesse do poder público por ser de solo pouco adequado para a ocupação humana. Somente após o estudo da topografia de Belém realizado por Gronsfeld, que identificou o local como canal natural de escoamento das águas vindas das terras altas e propôs em 1777 um plano urbanístico considerado para época, no mínimo ousado. Segundo Baena (1839), o engenheiro alemão queria aproveitar as formas naturais do sítio urbano em vez de realizar trabalhos de ensecamento dos cursos naturais. Pretendendo aproveitar a hidrografia local propôs um plano de integração dos cursos dos igarapés que corriam para o Rio Guamá e para a Baía do Guajará através de um sistema de canais.

Segundo Meira (1976, p.642) a idéia do engenheiro alemão era de ligar as bacias do Piri e do Reduto através de um corte no eixo da Estrada de Nazareth¹³ que permitiria “que as duas áreas baixas se interligassem, formando uma só bacia, um

¹³ As antigas Estradas passaram a se denominar Avenidas, por disposição da Lei nº 261, de 16-06-1900 (Relatório de 1897-1902, p.168). A Estrada de Nazareth é hoje a Avenida Nazaré e esse corte, segundo Meira (1976), seria no local onde hoje existe o Edifício Manuel Pinto da Silva, construído na década de 50 e na época o prédio mais alto de Belém.

grande canal”, seria, “ilhar Belém”, venezianar a cidade. No mapa de Gronsfeld se vê ainda que além do eixo original circundado pelos canais que ligariam o Piri que teria um aprofundamento e seria transformado em um lago permanente, ao valado do igarapé do Reduto e das Almas, somente a parte mais antiga da cidade teria um sistema de defesa, pois seria protegida por muros e baluartes.

Figura 2 - Mapa da Cidade de Belém – 1773



Fonte: REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens das Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, CD-ROM. Original manuscrito do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.

O governo pombalino avaliando que a proposta demandaria muito capital e no momento o interesse de Portugal estava voltado para a produção extrativista das drogas do sertão, resolveu não considerar a proposta e, deste modo, o projeto de Gronsfeld de transformar Belém em uma Veneza tropical foi parar nos arquivos do governo. Porém, como destacou Guimarães (2006, p. 40-41), o projeto foi importante porque demonstrou que a cidade estava assentada em um grande espaço infiltrado por

canais e o quanto a cidade corria riscos, o que não tardou a se tornar uma das grandes preocupações das autoridades no primeiro decênio do século XIX.

Na Planta da Cidade do Pará de 1780 (figura 3) também de Gronsfeld, aparecem os demais fortes do Guajará menos o de São José, entretanto é o primeiro mapa onde aparece nitidamente na parte esquerda uma abertura para o Guajará que se supõe ser o Igarapé de Reduto e, uma edificação próxima que se supõe ser a Fábrica de Sola que fez o igarapé ficar conhecido como Igarapé da Fábrica. Destaca as terras alagadas do Pântano do Piri que “provavelmente nessa época começava a ter a sua forma fixada em caráter mais permanente” (REIS FILHO, CD-ROM 1999).

Figura 3 – Mapa da Cidade do Pará – 1780



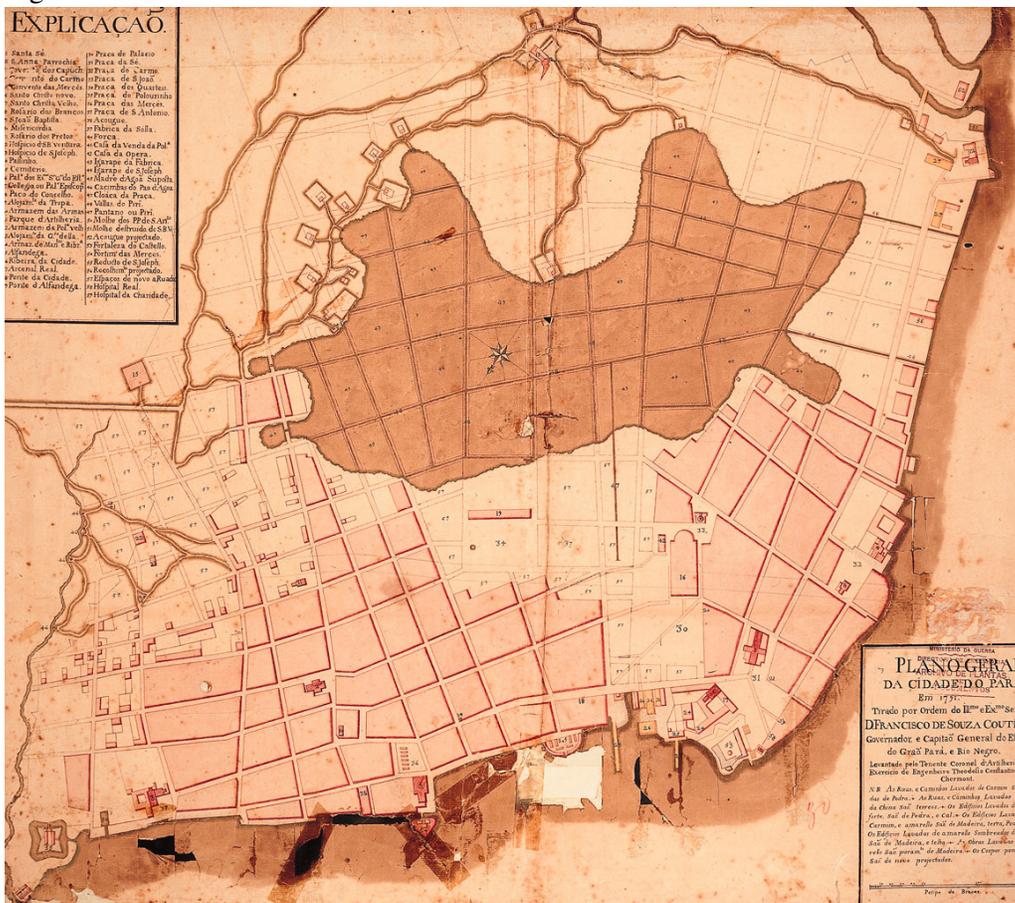
Fonte: REIS FILHO, N. Goulart. CD-ROM, *Imagens das Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, 1999. Original manuscrito do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

No mapa de 1791 (figura 4) de Theodosio Constantino Chermont¹⁴ elaborado quarenta anos depois da construção do Reduto de São José podemos ver todas as fortificações existentes na baía do Guajará e, pela primeira vez aparece o

¹⁴ Engenheiro militar, membro da segunda Comissão Demarcadora, produziu trabalhos importantes sobre a cidade de Belém, sendo este de 1791, “o mais precioso levantamento da cidade efetuado no século XVIII” no dizer de Meira Filho.

Igarapé do Reduto em toda a sua extensão, desde a nascente até a desembocadura no Guajará. Meira (1976, p.724) referindo-se a este mapa comenta sobre a origem do Igarapé do Reduto “cujas águas vinham de Nazareth, próximo ao cemitério Velho e desciam pelo Paul d’Agua (Piedade) cortava o baixio do Reduto e lançava suas correntes na baía de Guajará”.

Figura 4 - Plano Geral da Cidade do Pará – 1791



Fonte: REIS FILHO, N. Goulart, CD-ROM, *Imagens de Cidades e Vilas do Brasil Colonial*. 1999. Original manuscrito do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

De suma importância é a representação da grande área de ocupação alcançada com a urbanização do Piri, onde se percebe a dimensão da expansão dos limites urbanos para o interior da cidade, redefinindo novas áreas de ocupação da cidade. Meira (1976, p.754), ressaltou que “o mapa nos mostra Belém avançando para a Campina e partindo para novas zonas urbanas”. Percebe-se então com esse mapa

que já desde a metade do século XVIII, Belém conheceu um crescimento urbano significativo.

Aparecem ainda vários outros lugares existentes na cidade no período, porém, percebe-se um erro, alguns lugares não estão devidamente identificados de acordo com a legenda, como é o caso da Fábrica de Sola e do Igarapé da Fábrica. O próprio Reduto de São José só se consegue identificá-lo devido a forma que está representado ser semelhante a que aparece no mapa de Gronsfeld de 1773.

Chama atenção ainda no mapa o fato de ser mostrado o traçado das quadras identificando as áreas ocupadas e também as que ainda não haviam sido ocupadas como era o caso da região do Piri. No comentário de Reis Filho (CD-ROM, 1999) sobre este mapa ele infere que esse seria “o modo pelo qual se previa a urbanização da área do Piri, em continuidade ao arruamento já existente”.

Segundo Penteado (1968) o aterramento do Piri gerou a integração da Cidade e da Campina, com o ensecamento da área surgiram a Estrada das Mongubeiras (Tamandaré), Estrada de São Mateus (Padre Eutíquio) e Estrada de São José (16 de Novembro). Surgiram também as Praças do Relógio, D.Pedro II e Felipe Patroni¹⁵.

Em virtude dos problemas dos alagados na região vizinha ao local onde foi iniciada a cidade que era imprópria às construções, a expansão urbana tornou-se na segunda metade do XVIII uma preocupação constante das autoridades políticas, daí se entende que a expansão para a Campina tinha em vista o aproveitamento dos terrenos altos. Contudo, “antes de findar o século XVIII, Belém contava com 10.620 habitantes que ocupavam 1.083 casas” distribuídas nos dois bairros principais da Capital: Cidade e Campina. (CRUZ, 1973, p.246).

2. O Reduto de São José

¹⁵ No final do século XVII I foi feita aquisição das áreas do Piri próxima ao palácio governamental onde foram feitos trabalhos de ensecamento e de terraplenagem, trabalho que segundo Cruz (1973) durou mais de um século.

“*A este Reducto deu-se o nome de São José*”(Antonio Baena)

“Obra simples” no dizer de Baena (1839) cuja construção foi descrita por Arthur Viana da seguinte forma:

Fez-se um reducto de fachina à borda d’água, com a barma circuitada de palissada, e montaram-se ahi quatro canhões de grosso calibre. O terreno foi previamente estaqueado e tudo executado com as exigências das construcções militares da época (VIANA, 1905. p, 293).

A construção deste reduto, segundo Meira Filho (1976, p.724) seria “para garantir a segurança da sede da colônia e a conselho e experiência dos locais estratégicos do litoral à entrada da cidade”. Deste modo, o Reduto de São José passou a fazer parte de um conjunto de baluartes militares já existentes ali ao lado da baía do Guajará, região que precisava ser reforçada devido a facilidade de acesso à cidade pelo litoral¹⁶.

Renata Araújo (1992) investigando a ação urbanística da política pombalina na Amazônia na segunda metade do século XVIII explica que esta se fundamentava na criação de uma linha de defesa por meio das fortificações e na ocupação da terra pela fundação de povoações. Deste modo, assegurava-se o controle dos limites exteriores do território e ao mesmo tempo, investia-se na ocupação efetiva do domínio colonial.

Como foi dito anteriormente, a construção do Reduto pretendia, além de ter a função militar e de proteção à cidade, representar mais um passo em direção à expansão da cidade para o Norte, à margem do Guajará¹⁷. Essa expansão empreendida em Belém nos meados do século XVIII vai definir a configuração do espaço urbano que a cidade vai assumir até o início do XIX.

No início do XIX, entre 1806 e 1810 foi construído um semibaluarte e uma muralha unindo a fortificação de Santo Antonio com a de São José. Em 1832 esta muralha foi demolida para ser construída no lugar uma praça e serem abertas ruas. Seria o início da ocupação da parte mais ao sul da cidade. No entanto o investimento se mostrou o inverso do que era previsto no projeto de expansão da cidade. A região

¹⁶ Os fortes existentes no litoral guajarinero eram o do Castelo (antigo Presépio), o da Barra e o de São Pedro de Nolasco, O Forte de Santo Antonio, segundo Viana, construído pelo Governador Francisco de Sousa Coutinho “ mais de vinte annos depois” do Reduto de São José era “uma sólida bateria, sobre a praia” construída em alvenaria de pedra e cal, com muros largos e planta no formato retangular(p.291).

¹⁷ Ver MEIRA FILHO, Augusto. *Evolução histórica de Belém do Grão-Pará*. Fundação e história. Belém: Grafisa, 1976. CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Coleção Amazônica. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

era marcada pela existência de duas bacias: a do Igarapé da Fábrica e a do Igarapé das Almas cujas baixadas dificultaram inicialmente a sua ocupação. O terreno do Reduto de São José era alagadiço e cheio de irregularidades sendo então, utilizado como campo para instruções militares.

Aos poucos, foram sendo feitas obras de terraplenagem e urbanização naquela área alagadiça visto que as autoridades reconheciam a importância da mesma na ligação com o núcleo urbano já existente (Cidade e Campina) e as áreas mais distantes, favorecendo assim a expansão da cidade. Deste modo, ruas e caminhos foram surgindo e ligando o núcleo da cidade às áreas circunvizinhas e desta forma ocupando toda aquela área que passava a ser inserida ao espaço urbano belenense. O processo de inserção daquela área foi feito lentamente. Iniciando-se paralelo ao processo de expansão para a Campina, na segunda metade do XVIII, a área do Reduto de São José só foi efetivamente ocupada e inserida à vida da cidade no final do século.

2.1. A doca do Reduto

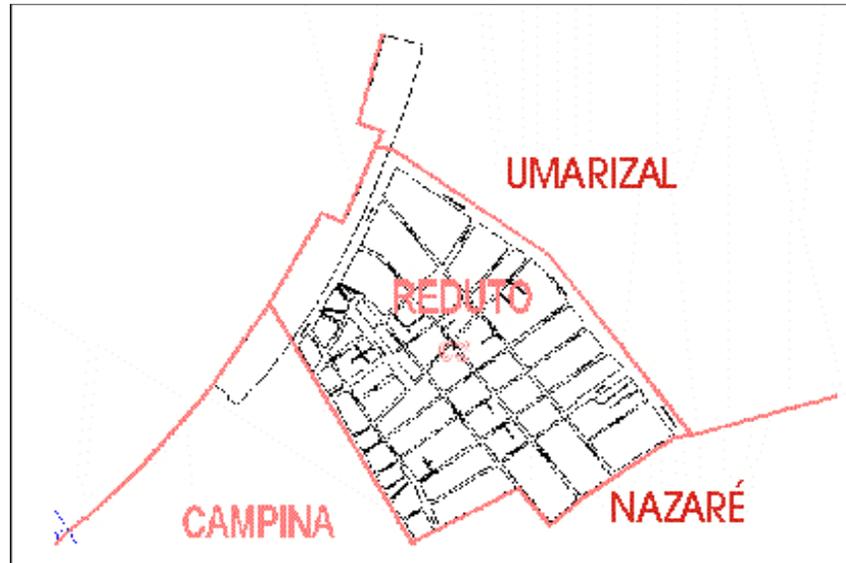
Na introdução deste trabalho fiz uma consideração sobre o desconhecimento de muitos moradores de Belém, sobretudo dos “redutenses” mais novos, da imagem da antiga doca do Reduto, hoje um canal aberto margeado pela Avenida Magalhães, limitado pela Rua 28 de setembro e Avenida Castilho França. É verdade que a referida imagem é de 1910, ano de seu aterramento, portanto, quase um século do final de sua existência e, assim sendo, certamente não poderíamos mais encontrar pessoas que tivessem visualizado-a, porém se aquele espaço não tivesse sofrido tantas “interferências” ao longo do século passado, seria mais fácil identificá-lo mesmo não se tendo visualizado-a *in locu*. Para falar deste espaço do bairro se faz necessário primeiramente apresentar o bairro.

O Reduto, como passou a ser conhecido o bairro onde ficava a referida doca, é uma região contígua ao Centro de Belém, limitada ao norte pelo bairro da Campina, ao sul pelo bairro do Umarizal, a leste pelo bairro de Nazaré e a oeste pela baía do Guajará (figura 5).

De acordo com a Lei nº 7.245 de janeiro de 1984 o bairro do Reduto passou a ter a seguinte delimitação que perdura até os dias de hoje:

Tem como ponto inicial o encontro da Avenida Visconde de Souza Franco, lado par: Rua Boaventura da Silva, lado ímpar; Assis de Vasconcelos, lado ímpar; linha seca do encontro da Av. Assis de Vasconcelos com a Marechal Hermes; Baía de Guajará margem oriental; linha seca da margem oriental da Av.Visconde de Souza Franco com a Av. Marechal Hermes

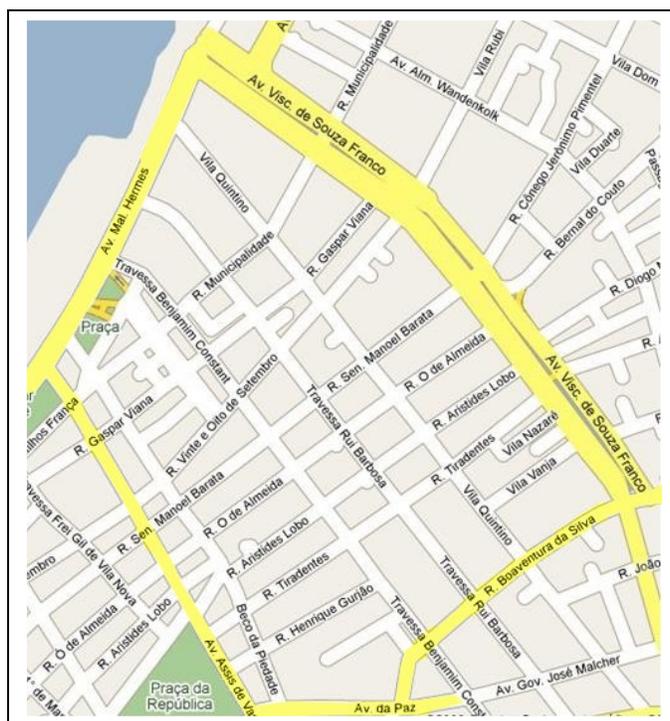
Figura 5 - Mapa da Delimitação do bairro do Reduto



Fonte: CODEM

O bairro do Reduto é formado por três avenidas: Avenida Visconde de Souza Franco, Avenida Assis de Vasconcelos e Avenida Marechal Hermes; quatro travessas: Quintino Bocaiúva, Rui Barbosa, Benjamim Constant e Piedade; sete ruas: Gaspar Viana, 28 de Setembro, Manoel Barata, Ó de Almeida, Aristides Lobo, Tiradentes e Henrique Gurjão e uma praça: a Praça General Magalhães.

Figura 6 – Avenidas e ruas do bairro do Reduto



Fonte: maps.google

A primeira área a ser ocupada no Reduto foi a que atualmente corresponde a Rua 28 de setembro e que foi descrito por Baena (1969) como um “terrapleno que começa do fim da rua dos Mártires¹⁸ na vizinhança do *Reducto* de São José e atravessa todo o espaço de vasa atoladiça”. Este terrapleno era atravessado pelo igarapé do Reduto onde em meados dos XIX foi construída uma doca chamada *Doca do Reduto* que devido sua aprazível localização e seu dinamismo comercial se tornou literalmente um dos “cartões-postais” da cidade de Belém no século XIX (figura 7).

As docas assumiram uma importância vital para as atividades econômicas na época, como podemos perceber no próprio relato do intendente municipal Antonio Lemos:

Têm n’esta capital, a designação de docas as aberturas quadrilongas n o litoral, por onde penetram as águas fluviais durante as cheias da maré, *offerecendo* assim vasto espaço e seguro abrigo a barcos e canoas. As principais docas são as do Ver-o- Peso e *Reducto* e por *ellas* têm fácil acesso aos mercados os múltiplos *productos* da *lavoira* e outras industrias do interior(...) *Ellas* prestam consideraveis serviços ao *commercio*, às industrias e até a navegação. (Antonio Lemos “O Município de Belém”, *Relatório apresentado ao Conselho Municipal*. Belém: Intendência Municipal, 1904, p. 182-183)

A conversão de igarapé do Reduto se iniciou em 1851, mas somente atingiu uma forma mais regular e duradoura em 1859 quando passou a ser chamada de Doca do Imperador, posteriormente, Doca do Reduto¹⁹. Segundo Cruz (1967) esta doca tinha uma dimensão de 10 braças de largura e 120 de extensão, contadas a partir da Estrada da Olaria²⁰ na direção do mar e uma profundidade de 12 palmos do nível do aterro. O aterro e construção desta doca favoreceram a ocupação da área do Reduto.

¹⁸ Segundo Cruz (1992, p. 50) Rua dos Mártires era o nome inicial da Rua 28 de Setembro que em 1871 passou assim a se chamar em homenagem ao dia em que foi assinada a Lei do Ventre Livre.

¹⁹ Vicente Chermont no prefácio do Álbum Belém da Saudade (1998) informa que esta doca foi construída pelo major Antonio José de Miranda para a municipalidade com o aval de seu pai Vicente Galego.

²⁰ Após a República passou a chamar-se Avenida da Municipalidade, nome mantido até os dias de hoje.

A Doca do Reduto recebia as águas pluviais que vinham do antigo Largo da Pólvora (atual Praça da República) por meio de esgotos laterais construídos a partir do calçamento da Estrada do Paul d'Água ²¹. A partir dessa obra e do calçamento de várias ruas do Reduto realizados no final do século XIX o problema de saneamento das terras baixas predominantes na área foi sensivelmente reduzido, porém somente na segunda metade do século XX é que o problema das enchentes no bairro foi parcialmente solucionado, como trataremos mais adiante.

Oswaldo Orico, literato paraense, depois de uma visita à Belém em 1928, dez anos após ter ido morar no Rio de Janeiro, escreveu suas memórias onde relembra seus tempos de “moleque do Reduto” vividos na primeira década do século passado quando ainda menino percorria livremente os “vários recantos e paragens de Belém”²².

Figura 7: Doca do Reduto vista da baía de Guajará e tendo ao fundo a Rua 28 de Setembro



21 D... ..
 Me... .. Belém: Universidade Federal do
 Pa... Fonte: Álbum *Belém da Saudade*, 1996, p.43. ... loutorado). SILVA, Ivo Pereira da.
 Te... .. XIX. Belém: UFPA/IFCH/PPHIST,
 2008 (dissertação mestrado).

²² O historiador Aldrin Figueiredo em trabalho intitulado *Memórias da Infância na Amazônia* (p. 317-346) apresentado em *História das Crianças no Brasil* (1999) recompõe a partir das lembranças de alguns literatos que viveram sua infância e adolescência na Amazônia nas primeiras décadas do século XX, modos de vida das crianças daquela época. Entre os literatos apresentados por Figueiredo encontra-se Oswaldo Orico, menino pobre do Reduto que viveu sua infância livremente por vários pontos da cidade, mas que revela em suas lembranças um carinho especial pelos lugares do bairro que vivia.

As lembranças de Orico (1956, p.76) remontam ao tempo que no bairro existia a doca “aonde os caboclos vinham entregar à pobreza, por meia pataca, paneiros de assai e de bacaba, peixe fresco e defumado, frutas gostosas e ácidas”.

Mesmo com pouca idade, o menino transitava com tamanha liberdade por aquelas ruas a ponto de sentir-se íntimo e referir-se carinhosamente ao bairro como o “velho Reduto” em que ele tocava “de pés descalços” e por onde percorria “comendo filhós nos tabuleiros que ficavam ali todas as tardes”, ou “chupando com os beijos ardidos, o jambú que boiava nas cuias de tacacá da porta d’A Sereia”.Era este o Reduto do início do século XX, cheio de gente circulando pelas ruas ou em torno da Doca que “era o mercado dos pobres, da gente dos bairros modestos” (ORICO,1956, p.74-81).

Figura 8: Doca do Reduto vista da Rua 28 de Setembro ao fundo a Baía do Guajará



Fonte: Álbum *Belém da Saudade*, 1996, p.42.

Filho de um ferreiro de descendência alemã, Orico viveu sua infância em uma modesta casa na Rua da Indústria nº 159, entre Rui Barbosa e Benjamim Constant ao lado da oficina do pai. Logo próximo, ficava uma casa de comércio de ferragens pertencente a um português e em frente, a antiga Fábrica de Gelo de Bolonha & Paiva. Por estas referências da vizinhança podemos inferir que aquela era uma área de grande movimentação comercial.

A descrição do cotidiano do bairro feita pelo memorialista é perfeitamente visualizada em uma imagem do Reduto que foi eternizada nos cartões postais (figura 8) onde parece que podemos sentir “a poesia daquelas canoas que vinham das margens verdes, trazendo na popa o nome de santas, de cunhãs, de flores, de pássaros” (ORICO, 1956, p.81). Vindas de ilhas próximas ou distantes, aquelas canoas chegavam abarrotadas de produtos a serem possuídos por mulheres simples, homens do povo e até crianças que circulavam pelos arredores da doca, acompanhando adultos ou cumprindo a tarefa doméstica de levar para casa as compras do dia, ou exercendo a função de pequenos vendedores, como nos parece ser os meninos que aparecem na parte destacada da imagem (Detalhe A, fig.8), ou simplesmente brincando no “arremedo de praia ou pontão” como fazia Orico em parceria com outras crianças do bairro quando se banhavam nus nas águas do Guajará (1956, p.76).



Detalhe A – figura 8

A imagem da cidade de Belém na virada do século XIX para o XX foi registrada por diferentes expressões, entre estas se destaca a fotografia. Muitos fotógrafos se preocuparam em registrar a cidade não somente através de seus prédios, praças e avenidas, mas também das pessoas envolvidas nas várias atividades

cotidianas como os vendedores das canoas, as mulheres e as crianças que aparecem na imagem feita por Fidanza²³ para demonstrar o dinamismo e o cotidiano da doca do Reduto²⁴. Percebemos que ao retratar em primeiro plano os tipos sociais que circulavam aquele espaço cotidianamente o fotógrafo quis ratificar que aquele espaço apesar da presença de elementos naturais como o céu e o rio, não era um espaço de lazer, mas sim de trabalho, era importante mostrar uma realidade compatível com o movimento urbano de uma cidade em processo de modernização.

2.2 De doca aterrada a Praça Ilha Moreira

Nos últimos anos do século XIX, Belém prescindia cada vez mais do aparelhamento da estrutura portuária. Crescia no porto de Belém de forma extraordinária a exportação de borracha Belém se transformara num grande centro exportador de borracha e importador e redistribuidor de grande quantidade de produtos variados, desde os alimentares até utensílios e equipamentos diversos. Em decorrência dos índices crescentes de exportação da borracha surgiu a necessidade de se construir um porto em Belém, pois os trapiches existentes na época eram ineficientes, perigosos e enfeavam a cidade.

Percival Farquhar (1864-1953), um homem de negócios, natural da Pensilvânia - Estados Unidos, depois de participar da organização da *Light and Power* em São Paulo e no Rio de Janeiro, recebeu do governo federal a autorização para executar diversas obras no cais da cidade de Belém. O Decreto nº 6.283, de 20.12.1906 dava ainda a concessão para explorar os serviços portuários, através da empresa *Port of Pará Co.* As obras do porto começaram em 1907, houve o aterramento de toda a orla da baía de Guajará. Percival Farquhar retirou todos os trapiches existentes em frente à cidade e no mesmo local construiu o Porto de Belém, inaugurando em 02 de outubro de 1909, 120 metros de cais e o primeiro armazém de

²³ Felipe Fidanza, fotógrafo português, vindo para Belém provavelmente na década de 60 do século XIX, tornou-se a maior expressão da fotografia no norte do Brasil, destacando-se, sobretudo na reprodução de paisagens urbanas.

²⁴ REREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. *Paisagens Urbanas: fotografia e modernidade na cidade de Belém (1846- 1908)*. UFPA. Belém, 2006. Pereira (2006) em sua recente pesquisa ao trabalhar o cotidiano da cidade através de imagens indica que a cidade de Belém visuais tais como a fotografia, a pintura e a cartografia. Elegendo a fotografia pode perceber que as imagens que circularam nos meios de propaganda oficial revelavam um outro aspecto da cidade: o cotidiano. O recorte do cotidiano fez da fotografia um testemunho das maneiras de ver e pensar a cidade, evidenciando as práticas cotidianas daqueles que também faziam parte do cenário urbano como os tipos sociais pertencentes às ditas camadas populares.

20 por 100 metros. Deste modo em 1910, a doca do Reduto foi aterrada e nas lembranças do filho do ferreiro do Reduto ficou somente a triste lembrança de que “um dia, os ingleses da *Port of Pará* encheram aquilo de terra e taparam a passagem das canoas, dos mastros e dos remos, para colocar barracões de zinco em toda a extensão do cais”. (ORICO, 1956, p.110)

Sem dúvida, a natureza foi a que primeiro sentiu o impacto dessas transformações, porém o desgaste social sofrido por aquelas pessoas que fizeram daquele lugar seu espaço de vivência e sobrevivência foi extremamente danoso, como veremos mais adiante. Com o desaparecimento dos trapiches, das serrarias, das indústrias e das companhias de navegação houve uma modificação da paisagem da orla. Foram eliminadas as irregularidades do litoral junto à baía de Guajará com o aterramento e recuperação da área baixa.

As obras de aterramento do cais e da Doca do Reduto foram concluídas ainda no início da primeira década do século XX. A *Cia Port of Pará* gastou 1.269.473 metros cúbicos de areia para aterrar a área do cais primitivo da cidade e construir a Avenida Marechal Hermes (figura 9) que contornava o porto e que foi inaugurada em 13 de maio de 1912.

Em setembro do mesmo ano, o Conselho Municipal aprovou a Resolução nº 282 denominando a antiga doca do Reduto de Praça General Ilha Moreira²⁵.

Figura 9 - Avenida Marechal Hermes



²⁵ O G Na déc Gener: encontrada nennuma imagem reterente a Praça Ilha Moreira.

Fonte: Álbum *Belém da Saudade*, 1996, p.47.

3).
ao
foi

Os ingleses quando projetaram a construção do Porto de Belém e decidiram eliminar as docas não se preocuparam com as conseqüências sócio-ambientais geradas por aquele empreendimento. E essas conseqüências foram graves. Desde a segunda década do século XX, os moradores do Reduto passaram a conviver com o problema das enchentes no bairro principalmente nas adjacências da Rua 28 de Setembro o que gerava constantes reclamações à Intendência.

A década de 20 representou para os moradores do Reduto uma fase de readaptação à nova paisagem e aos novos problemas advindos dessas alterações no espaço físico do bairro. Os problemas foram crescendo que na década seguinte, a administração da Intendência Municipal teve que dirigir uma atenção especial ao bairro do Reduto.

Sabemos que as exigências de modernização da cidade no período de transição dos séculos XIX e XX eram provenientes dos grupos enriquecidos graças à borracha e que moravam nas áreas privilegiadas da cidade²⁶ mas para a grande maioria da população que foi prejudicada pelas “reformas modernizantes” era de se esperar manifestações de protestos o que não pudemos perceber nas fontes jornalísticas consultadas. Sem dúvida que os moradores do Reduto não ficaram indiferentes às mudanças que de certa forma influíam na qualidade de vida e no cotidiano deles, porém não externaram seus descontentamentos, como o fizeram no final do XIX por ocasião dos trabalhos de calçamento da Rua 28 de Setembro²⁷.

Segundo o Relatório Municipal de 1930 (p.70 -71) “as margens do córrego do *Reducto*” eram baixas e alagadiças, porém as águas pluviais e domésticas que desciam de toda a área do Reduto e da parte alta (Nazaré) tinham um franco escoamento porque encontravam um “ponto de despejo natural” nas galerias de esgotos que corriam paralelos ao córrego e que “desaguavam no *littoral*”. Segundo o Relatório, a companhia concessionária das obras do porto, ao aterrar a parte compreendida entre o cais e o litoral “*construiu galerias addcionaes de secções circulares em addução às galerias ovóides d’essa parte da cidade e canalizou o*

²⁶ Essas áreas são as que vieram compor os bairros de Nazaré, Batista Campos e Umarizal.

²⁷ Nesta ocasião muitos moradores reclamaram através dos jornais, principalmente Folha do Norte, do “desleixo municipal” em relação às obras que estavam trazendo sérios problemas de saúde aos moradores, principalmente às crianças.

córrego do *Reducto*” reunindo todos os “*exutorios*” a um único “*collector*” que despejava todo o volume de água que vinham na saída que ficava na Avenida Marechal Hermes. Sem considerar adequadamente as águas domiciliares e as das fontes que surgiam naturalmente nas margens do córrego e calculando deficientemente os índices pluviométricos, o resultado foram as “grandes *innundações* nas margens do dito córrego do *Reducto*. A antiga *docca do Reducto* foi transformada n’uma praça que recebeu o nome de Ilha Moreira, mas que na verdade não era mais do que um charco no coração da cidade”

A Intendência apontava os erros cometidos como se a empresa responsável pela realização dos trabalhos de aterramento da área – a *Port of Pará* – não tivesse o real conhecimento da área que sofreria intervenção por não ter feito nenhum estudo topográfico da mesma. As novas medidas tomadas pela administração municipal como a organização de “um projecto geral de desaguoamento da bacia”, procurariam “*alliviar* a parte baixa da bacia, do excesso de águas que para *alli afflue*” sem, entretanto, substituir toda a canalização construída pela empresa inglesa, “por ser despesa demasiada para o erário municipal”²⁸.

2.3. A correção do canal do Reduto e a mudança para Praça Magalhães

As obras de correção do canal do Reduto foram realizadas na administração do Intendente Antonio Almeida Faciola (1930) e registradas em imagens fotográficas impressas no Relatório Municipal de 1930 (figuras 10 e 11).

Figura 10 - Drenagem da Bacia do Reduto – vista da Rua 28 de Setembro



As imagens visuais não são produzidas despretensiosamente. Existe uma objetividade na sua elaboração. No caso dos documentos oficiais como os relatórios da intendência municipal, essa objetividade era explícita. As imagens eram “encomendadas pelo poder público” para serem utilizadas como instrumentos de divulgação da cidade, mas, sobretudo da laboriosidade da administração pública.

A obra de correção do canal do Reduto foi levada a efeito porque a situação de insalubridade causada pelas enchentes da bacia do Reduto tornou-se aviltante para a Municipalidade. Vimos no Relatório de 1930 que a Intendência deixava bem claro que os erros cometidos na realização dos trabalhos de aterramento da área não eram da sua competência, entretanto, tomaria medidas a fim de solucionar o problema. Deste modo o registro da execução da obra era de fundamental importância para comprovar o cumprimento do compromisso assumido e, que, indubitavelmente, lhe renderia méritos.

As imagens das obras apresentadas no Relatório Municipal de 1930, comparadas com as dos álbuns e relatórios da Intendência de Antonio Lemos não apresentam o mesmo padrão de qualidade, mas demonstram que as fotografias continuavam a “fazer parte dos mecanismos de propaganda que atendiam aos interesses do governo e parte de um determinado segmento da sociedade belenense”(PEREIRA, 2006, p.174-175).

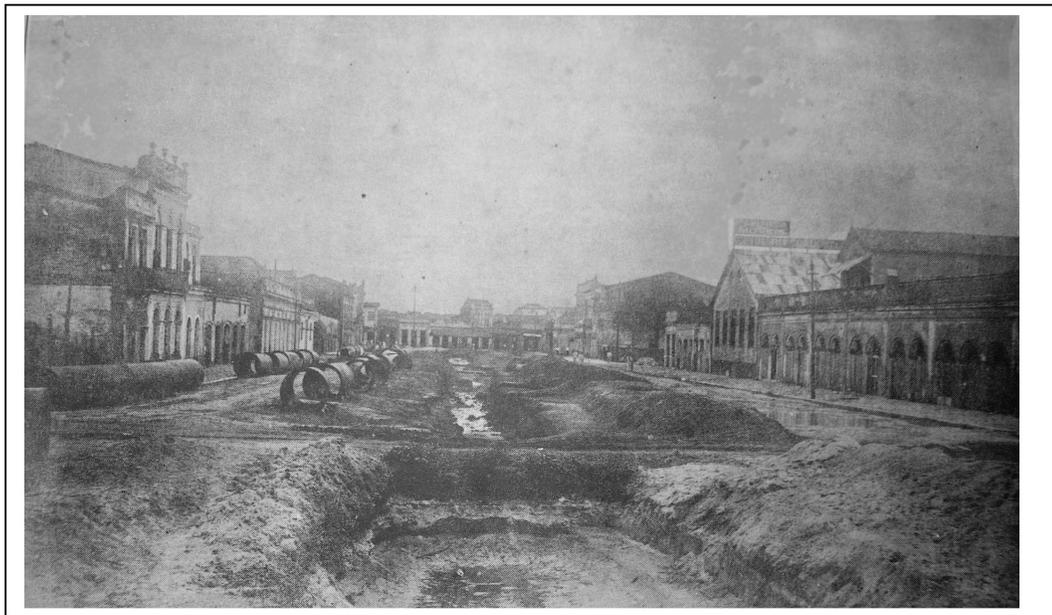
Havia fotografias que revelam o segmento social de baixa renda mesmo que, na maioria das vezes, aparecessem somente como figurantes compondo o cenário ora trabalhando, ora somente posando essas eram principalmente as publicadas nos relatórios municipais e álbuns governamentais. O registro fotográfico de pessoas trabalhando em lugares públicos tinha a intenção de informar a funcionalidade da

manutenção de um espaço ordenado e limpo, como era o caso da Intendência de Belém nos anos 30 na questão do canal do Reduto (PEREIRA,2006, p.155).

Na outra imagem da obra (fig. 11) aparece somente o espaço do canal aberto porque o foco principal que o fotografo pretendia mostrar era a amplitude da obra que estava sendo realizada, por isso destacou em primeiro plano a extensa abertura do canal e os tubos que seriam utilizados, ou que foram remanejados da obra anterior.

A propósito dos tubos, Orico (1956, p.81). expressando a saudade da paisagem que emoldurou seus dias de infância lamentava que dali restasse somente “a lembrança de suas velas na areia triste da doca aterrada. Na doca por onde hoje se estende a chamada ‘Vila Tubo’, com seus redondos e grossos canos de cimento”.

Figura 11 - Drenagem da Bacia do Reduto – vista da Avenida Marechal Hermes



Fonte: Relatório Municipal de 1930, p.62.

Após as obras de drenagem da Bacia do Reduto a praça foi reconstruída, recebendo uma nova denominação que perdura até os dias atuais - Praça General Magalhães (figuras 12 e 13). Não se tratava de uma homenagem ao próprio Interventor Magalhães Barata como muita gente acredita, e sim a um General-de-

brigada baiano chamado Joaquim José de Magalhães que chegou a Belém como tenente e depois foi comissionado capitão por ter participado da Guerra do Paraguai²⁹.

A Praça Magalhães como ficou popularmente conhecida se constituiu por muito tempo num espaço por excelência de deleite para os moradores do bairro tão desprovidos de logradouros desta natureza. Dona Waded Rachid Viana, antiga moradora do bairro lembra: “Os mais jovens se reuniam na Praça Magalhães, lá onde tinha um coreto. Os amigos se encontravam lá”³⁰.

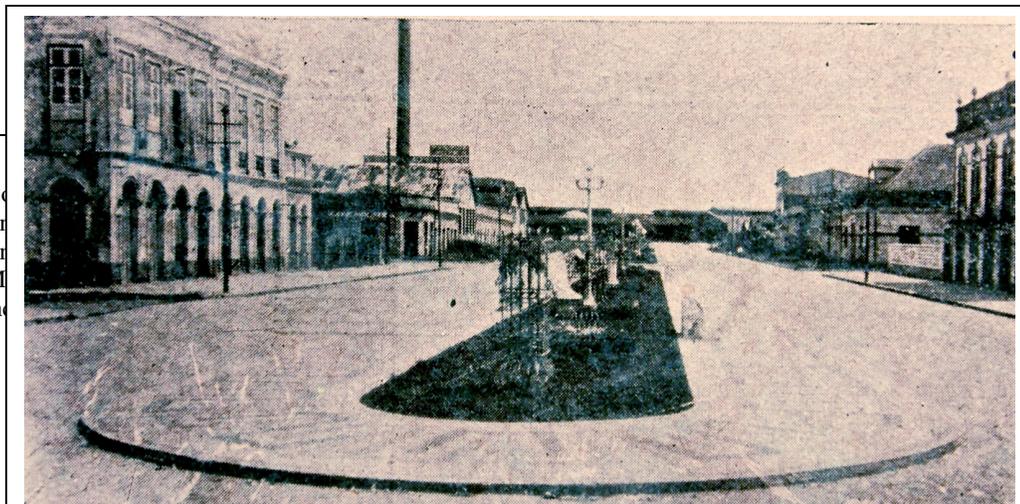
O Sr. Antonio Arruda, também morador do bairro, nas suas lembranças sobre a praça destaca as mudanças que foram sendo feitas naquele espaço:

Aqui no Canal da Magalhães tinha uns pés de tamarindo, uns bancos... Quando eu era moleque a gente vinha pegar tamarindo. Até que resolveram abrir de novo e tirar a praça. (...) O que é era a praça? Não era bem uma praça...tinha o coreto que ainda está lá, e para cá eram os tamarineiros e os bancos. Aí só fizeram tirar os tamarineiros e abrir de novo o canal³¹.

Monteiro e Rodrigues (1990, p.40) descreveram a Praça Magalhães com base nos seus entrevistados também antigos moradores do bairro, como “uma rua larga formada por três quadras plantadas com tamarineiros, onde havia bancos de mármore, vasos e animais de louças, complementadas por uma quarta quadra onde se encontra até hoje um coreto”³².

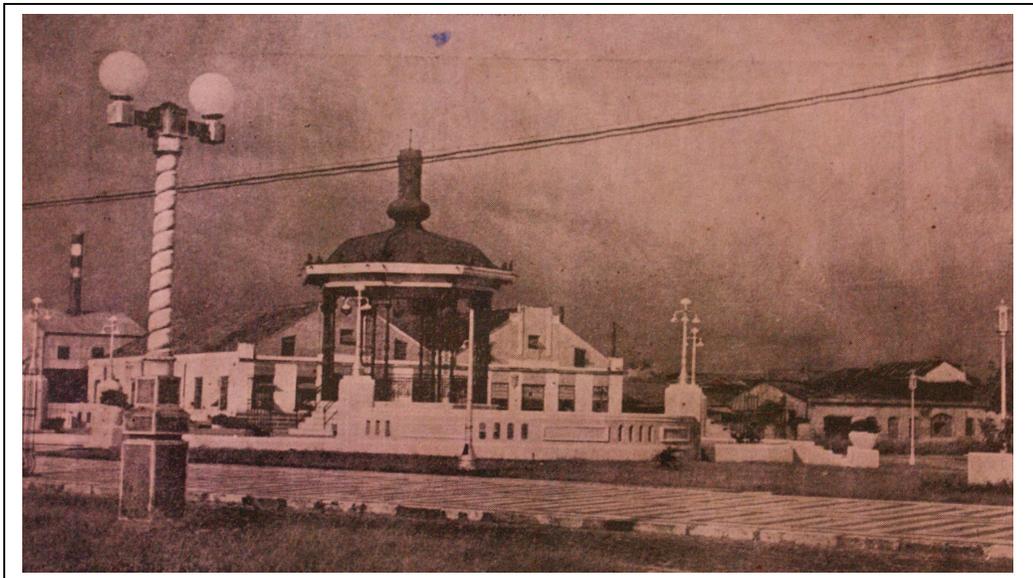
Como se percebe a imagem da praça é bem nítida na memória dos moradores, pois as descrições são muito semelhantes o que ressalta a função social que ela desempenhou no bairro, desprovido de arborização, com predominância de ruas estreitas e irregulares e sem muita animação como foi relatado por muitos dos meus informantes.

Figura12 – Praça General Magalhães, antiga Doca do Reduto, com os pés de tamarineiros ainda pequenos.



29 C
30 E
31 E
32 M
Con

Figura13 – Coreto da Praça General Magalhães, antiga Ilha Moreira e trecho da Avenida Marechal Hermes.



Fonte: Revista O Pará Ilustrado, 1943, p.2

As obras efetuadas pela Intendência em 1930 ajudaram a melhorar a aparência daquele espaço, entretanto, não solucionaram o problema que se estendeu até as décadas de 70 e 80, causando grandes transtornos aos moradores daquela área, guardados nas lembranças de muitos deles, como veremos mais adiante.

2.4 Um bairro mercado: “cheio de povo e pequenos comerciantes (...)”

Para Osvaldo Orico (1956, p.66 -76) o Reduto era considerado uma “zona pouco aristocrática”, pois era “habitado por pequenos comerciantes, operários, costureiras”, mas para ele o que importava “era a sensação decorativa de Belém” que lhe tomava pelos braços, “quando saía dos casebres e dos modestos domicílios” e o conduzia pelas ruas do seu bairro.

Desde sua origem o Reduto desempenhou uma importante função comercial na cidade. A localização da área “a beira do rio” favoreceu a instalação de vários estabelecimentos comerciais ali que se favoreciam pela chegada de mercadorias vindas de cidades do interior e que eram descarregadas na doca do Reduto. Estabeleceram-se ali muitos comerciantes, sobretudo de origem estrangeira, como veremos adiante, que mantinham suas lojas nos térreos e moravam nos altos. Muitas lojas se concentraram na Rua 28 de Setembro que dava ao bairro um movimento mercantil que só era superado pelo da famosa Rua João Alfredo que ficava na área comercial do centro da cidade.

O comercio existente no Reduto era diversificado e bem abastecido. Lojas de tecidos, ferragens, gêneros alimentícios, sapatos e outras. Como já foi referido anteriormente, o intenso movimento das embarcações que aportavam na doca do Reduto e adjacências deram ao Reduto um dinamismo comercial que chegava a rivalizar com o comercio da área central da cidade, o do Ver-o-Peso e suas adjacências. A proximidade ao núcleo histórico da cidade e ao rio, única via de transporte existente em Belém até a metade do século passado fez com que o Reduto se tornasse um importante ponto de abastecimento para outros bairros durante grande parte do XX³³.

Para explicar a importância do elemento hídrico na configuração da cidade, Trindade (1997, p.74) aponta o caráter periférico ou ribeirinho que Belém assumiu desde sua fundação e, afirma que o desenvolvimento comercial resultante da economia da borracha criou uma diferencialidade espacial no intra-urbano belenense, onde “o contato com as vias fluviais é o elemento de maior importância” ³⁴. Sendo assim, o desenvolvimento econômico de Belém implicou, igualmente, num

³³ Em 1897 a Lei nº 173 autorizou a construção de um mercado em frente à doca do Reduto, entre as ruas Vinte Oito de Setembro e Paes de Carvalho para a venda em geral de gêneros de alimentação.

³⁴ Trindade cita Eidorfe MOREIRA, 1966, p. 63-66 onde é ressaltado que seja na perspectiva geográfica como na perspectiva histórica, a água é o elemento dinamizador da cidade, e de um modo geral da própria região.

adensamento e concentração do comércio e dos serviços na Área Central da cidade e nas suas proximidades por causa da vizinhança do rio, como foi o caso do Reduto.

Reitero a observação de Trindade em relação ao significado paradoxal que o rio teve na história do Reduto desde sua origem: do igarapé do Reduto surgiu a doca e dela se originou todo o ativismo do bairro, mas para se construir o porto de Belém, se fechou a doca e daí, a decadência do comércio existente na área.

A queda dos preços da borracha no mercado internacional afetou a atividade comercial em toda a região amazônica, portanto também os comerciantes de Belém e um grande número de pessoas que faziam do Reduto seu ponto de abastecimento. Este fato certamente marcou profundamente a vida dos moradores do bairro, como a do menino Orico ao lembrar que seu pai “perdeu a freguesia dos caboclos” e “a oficina do ferreiro começou a decair” (1956, p. 110). O aterro da doca do Reduto deslocou para o Ver-o-peso a dinâmica mercantil do bairro abalando sua estrutura de “bairro mercado” e a decadência do comércio da borracha levou muitos empresários a fecharem suas portas.

Entretanto, os números testemunham uma outra realidade do Reduto no período que sucede ao fechamento da doca e à crise da borracha. Paradoxalmente, percebemos que a partir da década de 30 houve um crescimento significativo do número de estabelecimentos comerciais no bairro do Reduto como lojas de ferragens, lojas de tecidos, padarias e bares, conforme podemos ver no quadro abaixo onde foram relacionadas algumas das firmas comerciais ali instaladas.

QUADRO 1 – ALGUNS DOS ESTABELECEMENTOS COMERCIAIS EXISTENTES NO REDUTO

FIRMA COMERCIAL	GÊNERO	LOCALIZAÇÃO
Ferreira Gomes Ferragista S.A	Ferragens	Rua 28 de Setembro
Casa Minerva	Ferragens	Rua 28 de Setembro
Casa Mascotte	Ferragens	Rua 28 de Setembro
Casa Reductoense	Ferragens	Rua 28 de Setembro
Confeitaria Damas	Bar e Confeitaria	Rua 28 de Setembro
Café Ás de Paus	Bar	Rua 28 de Setembro
Café Estrela	Bar	Rua Gaspar Viana
Café O Pombo	Bar	Rua Quintino Bocaiúva
Botequim União	Bar	Rua 28 de Setembro
Botequim Aristocrata	Bar	Endereço não identificado

Botequim Triunpho	Bar	Rua 28 de Setembro
A Americana	Sorveteria	Rua 28 de Setembro
A Motorista	Autopeças	Tv. Piedade
A Sportiva	Autopeças	Tv. Rui Barbosa
Casa Formosa Síria	Tecidos	Rua 28 de Setembro
Casa Amim	Tecidos	Rua 28 de Setembro

Fonte: Elaborado pela autora com base em Álbum do Pará (1939) e depoimentos dos entrevistados.

Meira (1976, p.640) considerou o Reduto como um bairro destacado na vida urbana de Belém, por ter sido “o primeiro que tomaria ares comerciais depois da primazia caber à Rua dos Mercadores, fixando pequeno comércio na sua artéria principal, a Rua dos Mártires³⁵”. Dado o número de estabelecimentos indicados no quadro acima, questiono a consideração de “pequeno comércio” feita por Meira e reitero a referência de “artéria principal” do bairro³⁶ visto que havia um número significativo de estabelecimentos comerciais no Reduto e a maioria destes estava situada na Rua 28 de Setembro.

Muitos desses estabelecimentos alcançaram grande expressão na vida comercial da cidade e ficaram presentes na memória de antigos moradores do Reduto como, por exemplo, a loja Mascote e a firma Ferreira Gomes fundada em 1842 que além do comércio de ferro e metais a empresa atuava também em vários ramos do comércio como madeiras, louças, autopeças, com lojas espalhadas principalmente na área do Reduto (TRINDADE, 1997,p.73).

O Sr. Mario Feio³⁷ diz que comprava muitas coisas para a casa na loja Mascote e que a Ferreira Gomes “era muito sortida, era uma das maiores casa de ferragens de Belém” opinião reforçada pelo Sr. José Ferreira³⁸ afirmando que a “Ferreira Gomes era uma referência na cidade”.

Penteado considera que o comércio de Belém neste período passou por uma fase de “heróica resistência”, pois com a decadência da rica economia de exportação da borracha e a desorganização administrativa que se instalou no estado até a segunda guerra mundial, era para ter havido uma desestruturação total da

³⁵ Segundo Cruz a Rua dos Mercadores é a atual Travessa João Alfredo, principal rua do comércio do centro de Belém e a dos Mártires, a Rua 28 de Setembro, principal rua do comércio no Reduto.

³⁶ Ver BRAGA, Theodoro José da Silva. Guia do Estado do Pará. Belém: Typographia do Instituto Lauro Sodré, 1916 e MEIRA FILHO, Augusto. Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará. Fundação e História. II Volume, 1ª. Edição. Belém - Pará, 1976.

³⁷ Entrevista dada 18/11/2008.

³⁸ Entrevista dada 13/11/2007.

economia da cidade (1968, p.166). Contudo, os números crescentes dos estabelecimentos comerciais nos apontam o contrário.

A expressividade destes estabelecimentos é confirmada pela publicidade feita através dos reclames veiculados nos jornais da imprensa local ou em edições especiais como a do Álbum da Colônia Portuguesa no Brasil ou em revistas semanais existentes na cidade.

Dos anos 30 em diante se percebe na imprensa local certa organização empresarial onde os reclames passam a ter a função de fomentadores de capital porque vão atuar no sentido de atrair consumidores. Afinal a sociedade belenense não estava ainda distanciada do fausto que conheceu décadas atrás e, mesmo se o declínio da borracha no início do século XX provocou mudanças radicais de padrões de vida, surgiam novos valores de referencias que passavam a consolidar novos comportamentos, gostos e costumes. Atividades lucrativas já existentes e outras novas que foram surgindo pouco a pouco iam configurando na sociedade novos grupos sociais que iam desde os ricos comerciantes aos empregados do comércio e operários.

Padilha (2001, p.22-26) avalia que os reclames passaram a estampar as páginas do gordo mercado editorial porque nas primeiras décadas do século XX, momento de mudanças radicais de padrões de vida, o debate político que permeava as páginas dos noticiários no início da República cedeu lugar ao cenário urbano, cada vez mais deslumbrante. Deste modo, a publicidade se estabelece como uma forma de comunicação típica das cidades modernas, desempenhando um papel importante na consolidação de novos comportamentos e costumes.

Figura 14 – anúncio da Loja Ferreira Gomes

Caixa Postal, 77
End. Teleg. REDUCTO

Rua 28 de Setembro,
377

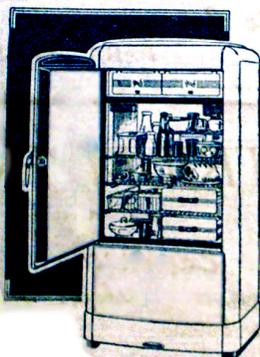
Ribeiro
A B C 5.^a ed.
Mascote 1.^a e 2.^a
ed. e Particulares

Codigos

Ferreira Gomes & Cia.

Casa Fundada em 1842
• FERRAGISTAS
Importadores e Exportadores
Administração de bens imoveis

Bicicletas cromadas *Phillips* e *B. S. A.*
Geladeiras e frigoríficos *Kelvinator*.
Pneus *Goodyear*. Radios *Zenith*. Autos *Nash*. Bombas para agua *Challenger*. Laquers *Opex* para pistola.
Baterias *Willard*. Motocicletas *B. S. A.* e *Victoria*. Fogões economicos *Standard*. Caminhões e Onibus *Reo*.
Artigos de phantasia, *crystais* e porcelanas. Ferragens, Louças, Cutelarias e utensilios domesticos. Artigos electricos, mechanicos e maritimos. Tintas, oleos, esmaltes e vernizes especiaes. Maquinas e ferramentas agricolas e industriais.




Secção de Madeiras : Rua 28 de Se-

Figura 15 – anúncio da Casa Mascote



Fonte: Revista *Pará Agrícola*, 1934.

Retomando a função comercial desempenhada pelo bairro do Reduto é importante ressaltar que o movimento comercial que se desenvolveu naquele bairro fez com que ele se tornasse um importante ponto de abastecimento para os seus moradores e para outros bairros vizinhos, o que lhe garantiu a referencia de “bairro mercado”. Desde o final do XIX se tem indicação³⁹ de que havia um pequeno mercado considerado pela municipalidade como uma sucursal do mercado do Ver-o-

³⁹ No Relatório Municipal de 1897-1902(p.75) encontra-se referencia à Lei nº 173 – 30-12-1897 autorizando a Intendência a construir um mercado em frente à doca do Reduto, entre as ruas 28 de Setembro e Paes de Carvalho (atual Manoel Barata) destinado à venda de carnes verdes, pescado, caça, verduras, frutas e em geral dos gêneros de alimentação.

Peso, de grande serventia para os bairros próximos da área do Reduto como podemos ver no documento da Intendência Municipal:

Para os bairros dos Reducto, Umarizal , São João e até Nazareth, continua a ser de muita serventia e utilidade a pequena sucursal do Mercado do Ver-O- Peso, junto à doca do Reducto. Esse Mercadinho encontra-se no prédio n.25, à margem ocidental da doca referida (Relatório da Intendência de Antonio Lemos, 1905, p.131-132)

Tratando ainda sobre abastecimento no Reduto é importante destacar a presença das mercearias ali existentes. Chegando a aproximadamente a uma dezena o número desses estabelecimentos comerciais no bairro elas desempenharam um papel muito importante na vida econômica da cidade e no cotidiano dos moradores do bairro.

Pozzebon (1900, p.100) pesquisando sobre o papel das mercearias na distribuição de gêneros alimentícios em Belém na segunda década do século passado concluiu que “as mercearias instaladas no centro da cidade – na zona comercial – atendia a uma freguesia de posses que adquiria os gêneros de primeiras necessidades em estoques suficientes”⁴⁰. Para as classes populares era vantajoso fazer compras nas mercearias, pois podiam comprar produtos cujos valores eram anotados nas famosas “cadernetas de fiado” para pagamento posterior.

Além das compras nas mercearias de um modo geral, pessoas de todas as classes sociais complementavam as suas necessidades de consumo com produtos vendidos nas feiras livres ou nos mercados públicos municipais.

Dona Maria Helena Nobre lembra que gostava de comprar as coisas no Ver-o-Peso porque eram mais baratas do que no Reduto⁴¹ mas, Dona Waded Rachid lembra que em sua casa algumas coisas eram compradas na feira do Ver-o-Peso por uma empregada da casa e outras compradas no próprio bairro.

Aqui em frente era uma mercearia que tinha tudo. Era de um português Manoel Cardoso. O papai comprava as coisas lá. Muita coisa vinha de Portugal. Vinham naqueles aguidá. Comprava em grande quantidade. Cordas de alho, cebola, carne-seca, latas de manteiga.

O Sr. Mario Feio, morador do Reduto desde 1935, diz que morou inicialmente na Rua Gaspar Viana próximo a Travessa Quintino Bocaiúva e lembra

⁴⁰ POZZEBON, Sandra Elizabeth. *O papel das mercearias na distribuição de gêneros alimentícios à população de Belém na segunda década do século XX*. UFPA. Belém, 1990.

⁴¹ Entrevista dada em 13/11/2007.

que quando menino ia comprar peixe, frutas, farinha, carvão e outros no comércio do Igarapé das Almas, hoje Doca de Souza Franco. Depois que casou, na década de 40, passou a morar na Rua Boaventura da Silva entre as Travessas Quintino Bocaiúva e Rui Barbosa, onde reside até hoje, e lembra que fazia as compras próximo da sua casa numa mercearia chamada Casa Combate⁴² que “era uma casa de comércio muito sortida”, mas lembra que tinham bastantes mercearias no bairro.

Eu comprava também lá no largo das Mercês, que vinham trazer em casa. Deixava a lista de compras e eles vinham trazer as compras com a nota fiscal para pagar no final do mês. Eu comprava a carne na Combate. Tinham três mercearias aqui próximo. Tinha uma mercearia que era padaria...aqui na Rui Barbosa, tinha outra na Boaventura com a Benjamim, uma mercearia pequena que ainda está lá. Tinha um açougue... aqui na esquina (da Rui Barbosa) tinha uma mercearia Paysсандú, que era mercearia e açougue.

Como lembrou o Sr. Mario Feio as mercearias de um modo geral vendiam todo tipo de gênero alimentício, da carne ao pão. Fontes (2002, p.29) estudando sobre trabalhadores e a indústria de panificação em Belém⁴³, declara que “as mercearias em Belém eram misto de padaria e mercearia, que desmanchavam de 30 a 60 sacas de trigo por mês”, mas que o pão comprado em mercearias era vendido com acréscimo.

Segundo Fontes (2006) em 1940 existiam em Belém cerca de quarenta e sete estabelecimentos produtores de pão espalhados pelo centro comercial da cidade em bairros residenciais urbanizados. O ramo da panificação em Belém foi dominado pelos portugueses. Era um ramo de opção tanto para o trabalhador como para o investimento daqueles portugueses que conseguiam amealhar recursos no Brasil.

O comércio varejista em Belém equilibrava-se entre brasileiros e estrangeiros quanto à quantificação numérica, entretanto em termos econômicos, concentrava-se realisticamente na mão de estrangeiros, sobretudo de portugueses que atuavam no setor de distribuição de gêneros alimentícios em pequena escala e setorizada por bairros em mercearias⁴⁴.

⁴² Este estabelecimento existe até hoje no mesmo endereço, Avenida José Malcher com a Travessa Rui Barbosa, na transição do bairro do Reduto para o bairro de Nazaré.

⁴³ Edilza Fontes estudou o mundo do trabalho nas padarias artesanais em Belém entre os anos de 1940 e 1954, a partir da memória de antigos trabalhadores aposentados da indústria de panificação, e com isso deu uma importante contribuição para a história social do trabalho na Amazônia..

⁴⁴ Ver dados coletados no Anuário Estatístico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística referente ao recenseamento realizado em 01 de setembro de 1930.

2.5 “bairro menos abastado, sobretudo de nacionalidade síria”

O Reduto apesar de estar situado na área central da cidade não possuía uma população grande e nem de grandes posses e, entre as pessoas circulantes, muitos eram de origem popular como vendedores ambulantes, trabalhadores das lojas comerciais ou das fábricas que desde as primeiras horas da manhã até tarde da noite enchiam as ruas do bairro.

Um aspecto que chamou a atenção em relação à composição social do bairro do Reduto foi a presença de nacionalidades diversas. Entre os moradores entrevistados pude observar uma pequena amostra desse cosmopolitismo: portugueses, italianos e principalmente descendentes de sírio-libaneses.

Segundos os recenseamentos da época, a presença estrangeira na Amazônia no período de 1872-1900 foi bastante reduzida. Somente entre 1900 e 1920 é que esta se tornou expressiva, chegando a registrar entre 1908 e 1910 a entrada no porto de Belém de quase 13.500 imigrantes estrangeiros de várias nacionalidades, destacando-se os portugueses (48,67%), os espanhóis (15,98%), os ingleses (7,18%), os turco-árabes (4,69%) e os italianos (4,15%) (EMMI, 2008, p.105). Em 1900 o Estado contava com quase 700.000 habitantes, dentre os quais 260.000 eram migrantes vindos do Nordeste brasileiro e, imigrantes vindos da Europa e Oriente Médio (ZAIDAN, 2001, p.64).

Pelos dados do recenseamento de 1930 quanto a profissão e nacionalidade de brasileiros e estrangeiros na cidade de Belém, o total de comerciários brasileiros natos era de 5.824 indivíduos entre homens e mulheres e o total de comerciários estrangeiros era de 4.712 entre homens e mulheres⁴⁵. Os números nos confirmam que a presença estrangeira na capital paraense era muito expressiva.

Zaidan diz que era bastante divulgado nos portos marítimos do Oriente que o Estado do Pará a Região Amazônica eram prósperos e ricos, devido à borracha e que sozinho exportava produtos naturais como o cacau, castanha, tabaco e outros, mais que muitos países da América Latina. É provável que até o início da Primeira Guerra tenha desembarcado no Porto de Belém entre 15mil e 25 mil imigrantes sírio-libaneses.

Com a decadência da economia da borracha na Amazônia muitos desses estrangeiros vão permanecer na região porque se encontravam envolvidos em diversas

⁴⁵ Anuário Estatístico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística referente ao recenseamento realizado em 01 de setembro de 1930.

atividades econômicas, passando então a dar importante contribuição tanto econômica quanto no técnico, profissional e cultural (EMMI, 2008, p.106).

As lembranças dos moradores do Reduto, estrangeiros ou descendentes, me demonstraram que há uma memória de uma coletividade que mesmo que fossem de diferentes condições socioeconômicas tinham um passado comum porque conviviam com os mesmos problemas no que diz respeito a trabalho, moradia, modos de consumo e lazer.

José Domingos Ferreira, português vindo para o Brasil na década de 40, contratado para trabalhar como auxiliar de administração na fábrica de sabão Santa Maria, instalada na Travessa Rui Barbosa com a Rua Municipalidade. Seu José veio para Belém com sua esposa porque havia uma promessa de vir a se tornar sócio da fábrica, mas em 8 anos que trabalhou isso não aconteceu e ele resolveu sair e montar seu próprio negócio.

Montou uma fábrica em sociedade com um amigo que não deu certo (a fábrica ficava no bairro do Marco). Depois comprou um posto de gasolina na Praça da República, na Rua Osvaldo Cruz com a Avenida Assis de Vasconcelos, mas não deu certo e aí comprou um outro posto de gasolina novamente no Marco, na Avenida 1^o de dezembro com a Travessa Lomas Valentina.

Morava na Rua 28 de setembro, mas lembra que alagava muito na época da chuva e as águas do canal subiam e resolveu mudar de lá e na década de 60 comprou uma casa na Travessa Rui Barbosa onde mora até hoje.

Sobre a presença de imigrantes portugueses no Pará, Fontes (2002, p.90) declara que havia um ponto de contato quando eles chegavam aqui. Na década de quarenta, o governo português passou a exigir um documento para a liberação da saída de adolescentes e jovens portugueses era a Carta de Chamada, uma carta de um patrício já estabelecido no Brasil que passava a se responsabilizar pelo menor, assegurando-lhe casa e comida⁴⁶.

Geralmente os imigrantes portugueses voltavam para Portugal, após acumular capital suficiente, vendiam seus estabelecimentos para um patrício ou para o “seu gerente”. Essa “preferência nacional” foi percebida por Fontes em anúncios de jornais onde encontramos entre eles dois que se referiam a duas mercearias situadas no Reduto:

⁴⁶ Fontes (2006) informa que era comum a vinda de menores para o Brasil antes de completarem 17 anos para não ter que prestar serviço militar, pois em Portugal era de três anos.

Caixeiro. Precisa-se de um de 15 a 16 anos, com prática de mercearia, que dê prova se sua conduta. Prefere-se português. Rua Aristide Lobo, 139. (*O Estado do Pará*, de 02/05/ 1916, p.3. apud FONTES – 2006, p.91).

Precisa-se de um pequeno, de 15 a 16 anos, português, com prática de mercearia, que seja fiel, trabalhador e obediente. Exige-se referencias. Rua General Gurjão 79, Casa Confiança. Outeiro & Cia. (*O Estado do Pará* de 25/05/ 1916, p.6. apud FONTES- 2006, p.91).

Theodoro Braga (1916, p.40) ao referir-se ao Reduto o classificou como um “bairro menos abastado, sobretudo de nacionalidade síria”. Entre as firmas registradas na Junta Comercial do Estado do Pará, entre 1880 e 1915, vinte e quatro eram de imigrantes sírio-libaneses, e entre estas, meia dúzia se estabeleceu no bairro do Reduto.

Zaidan (2001) acredita que até 1914, tenham desembarcado no Porto de Belém entre 15 mil e 25 mil imigrantes sírios libaneses, entre estes um terço foi para o Acre, outro terço se espalhou entre o Amazonas, Rondônia e Roraima e o restante se estabeleceu no Estado do Pará⁴⁷.

Charif Rachid, pai de Waded Rachid Viana, era libanês e chegou a Belém no início da década de 40 com uma turma de amigos viajantes, que ela não soube dizer de quais nacionalidades. Instalou-se em uma pensão que ficava na Independência⁴⁸ e lá conheceu Maria do Carmo Nascimento, paraense. Namoraram 14 anos e depois casaram. O pai comprou pontos em alguns lugares da cidade até que finalmente adquiriu a loja da Rua 28 de Setembro chamada Casa Amin⁴⁹ conhecida loja de venda de tecidos. A moradia ficava nos altos e ali nasceram e se criaram os quatro filhos de *Seu Rachid*, como era popularmente conhecido o comerciante, e de dona Maria do Carmo.

Juvenal Alves Haick, veio para o Reduto em 1944 quando seu pai também Juvenal Haick, filho de árabe instalou uma oficina de máquinas, O Rei das

⁴⁷ O autor declara que não conseguiu encontrar registro de todos os imigrantes sírio-libaneses que desembarcaram em Belém porque muitos se encontravam sem documentos e outros, traduziam seus nomes para o português no próprio navio para não terem dificuldades de serem entendidos ao se apresentarem.

⁴⁸ Atualmente chama-se Avenida Magalhães Barata e fica no bairro de Nazaré.

⁴⁹ A Casa Amim pertencia ao libanês José Amim que iniciou sua firma comercial em 1911 já no ramo do comércio de tecidos.

Máquinas⁵⁰ onde trabalhava com o conserto de máquinas de costura, eletrola, etc. Diz que seu pai foi para o Reduto porque tinham muitos árabes por lá.

Tinha os Abelém (família libanesa), na esquina da 28 (rua 28 de setembro). Tinha a Formosa Síria, na 28 entre Piedade e Benjamin.(...) No prédio da esquina da 28 com Piedade tinha uma loja de fazenda (tecidos), não lembro muito o nome, era uma pessoal sírio. Na esquina da Assis de Vasconcelos tinha também um comércio de fazendas, era de um senhor chamado Barleta, não lembro se era judeu ou sírio. O Reduto era só quase fazenda⁵¹.

O bairro é rememorado por seus antigos moradores como um espaço onde foram construídas identidades culturais e sociais de acordo com as condições econômicas apresentadas por seus ocupantes: "O Reduto era só quase fazenda" como disse o Sr. Juvenal ou ainda, como se referiu o Sr. Antonio Arruda: "O comércio de fazendas eram dos libaneses e dos portugueses eram as tabernas".

Ainda sobre os sírios, libaneses e árabes, chama atenção a questão das nomenclaturas atribuídas a esses imigrantes. Vimos que nossos entrevistados referem-se a eles e seus antecedentes ora como "árabes", ora como "sírios", ora como "libaneses", mas na literatura em geral e, sobretudo na imprensa eram chamados de "turcos".

Hontem, as 5 horas da tarde, quando caminhava despreocupadamente pela rua 28 de setembro, próximo do Reduto, foi atropelado pelo bond da Usina, n 2, guiado pelo motoneiro n.363, Antonio Barbosa Fernandes, o **turco** João Jorge Salomão, que devido a violência do choque recebido, caiu no solo, perdendo completamente o sentido. (*A Folha do Norte* - 02 de Janeiro de 1920, p.3)

Zaidan (2001), explica que essa confusão de nomes aos imigrantes árabes no Brasil se deu devido à situação de instabilidade sócio-política de suas pátrias – Síria e Líbia. Com não eram países independentes, o que aconteceu somente nos anos de 1943 e 1945, e ao fato de quando os primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1860 e 1914 traziam consigo documentos que indicavam cidadania turca, mas na realidade, eles eram fugitivos do domínio turco-otomano (1516 a 1919). Portanto

⁵⁰ Seu Juvenal conta que o prédio onde funcionava a oficina era alugado e que seu pai não se preocupou em registrar o nome da firma, Quando precisou desocupar o prédio, o proprietário patenteou o nome e passou a usá-lo. Tempos depois seu Haick alugou um outro prédio e registrou com o nome de Imperador das Máquinas, firma herdada por seu Juvenal que a mantém até os dias de hoje.

⁵¹ Entrevista dada dia 19/11/2008

essa variação de nomenclatura só causava incomodo e provocava muitas vezes uma reação mais violenta dos imigrantes árabes quando estes eram chamados de “turcos”.

Contudo, fora essa questão de denominação inadequada e àquelas ligadas ao relacionamento entre empregados e patrões, sobretudo os portugueses do ramo da panificação (FONTES, 2002) não houve momentos da maior rugosidade entre estrangeiros e brasileiros paraenses, pode-se dizer até que a relação era amigável. Seu José Domingos Ferreira lembra que havia muitos estrangeiros no bairro e que eram chamados de “gringos”, mas, que não havia problemas entre eles, pois existia um bom relacionamento entre todos.

Em relação ao governo não se tem notícias de problemas relacionados aos imigrantes, até mesmo no período dos Interventores não foram encontrados casos de conflitos, o que se percebe é que as colônias estrangeiras em busca de assegurar suas estabilidades procuravam dar apoio, inclusive financeiro ao governo. Encontrei em uma reportagem de uma revista porta-voz do governo de Magalhães Barata no seu segundo período (1943-1945) intitulada “Fraternidade Sírio-Libanesa” onde é relatada a oferta de um cheque no valor de trinta mil cruzeiros para serem gastos em obras de assistência social, o que demonstra que a relação entre o governo e a colônia sírio-libanesa era bem amigável.

Fatos como esse revelam, antes de mais nada, a perfeita identidade de seus promotores para com a nossa terra e nossa gente (...). Parecendo embora um paradoxo, o fato é que os *sírio-libanezes* acabam sendo mais nossos patrícios, como se intitulam, do que outros povos latinos, não obstante as profundas diferenças de raça e de língua. Quanto aos de Belém, tão nossos amigos, tão afins conosco, não nos lembramos sequer de sua origem *extrangeira*, porque há muito os consideramos verdadeiros paraenses, amando esta terra e amando este povo. (*O Pará Ilustrado* n. 138 de 31-07-1943,p.8)

Além dos portugueses e sírio-libaneses, podemos destacar ainda a presença dos italianos no bairro do Reduto que foi muito significativa e de grande importância para o desenvolvimento da atividade comercial e industrial no bairro.

Segundo pesquisa recente sobre a presença de italianos em cidades amazônicas os registros apontam que os primeiros deslocamentos de italianos para a Amazônia estão relacionados com o auge da economia da borracha, sendo que existem muitos indícios de presença de italianos desde as primeiras décadas do século XIX (EMMI,2008).

Em 1920, os italianos constituíram quantitativamente a terceira nacionalidade européia nos estado do Pará, chegando a 726 pessoas, somente suplantada pelos portugueses e espanhóis. Entretanto, em 1940 quando a população de italianos no Brasil começou a decrescer, no Pará ela passou a ser de 566 pessoas, ainda ocupando o terceiro lugar, mas agora depois dos sírio-libaneses que chegavam a 821 pessoas, enquanto os portugueses mantinham a liderança mesmo decaindo dos 14.211 para 5.657 pessoas⁵².

Assim como os portugueses, muitos italianos vieram para o Brasil através da “carta de chamada” que como explica Emmi funcionava quando algum italiano residente no país

desejava promover a vinda de um parente ou amigo, comprometia-se diante do governo brasileiro, através do Delegado de Polícia do Município, a fornecer os recursos necessários a sua subsistência durante todo o tempo de sua permanência no Brasil, ou repatriá-lo se não pudesse tê-lo sob sua responsabilidade (2008, p.174).

A principal atividade econômica exercida pelos italianos no Pará foi o comércio. Em Belém, esse comércio esteve mais direcionado ao atendimento das necessidades das populações urbanas, principalmente gêneros alimentícios, materiais de construção, joalherias, confecções e calçados. Os italianos estiveram presentes no que se pode chamar de “início da indústria paraense” quando contribuíram significativamente com a instalação de fábricas de sapatos como foi o caso da “Boa Fama”, que em 1925 chegou a exportar calçado para alguns países da América do Sul, a “Italiana” e a “Libonati”.

Os italianos procuraram instalar seus estabelecimentos comerciais e fabris em áreas privilegiadas para os negócios, como o Reduto e a Campina. No Reduto o destaque vai para a fábrica Boa Fama que era de propriedade do senhor Nicola Conte, italiano da região de Basilicata que chegou ao Pará em 1907 e, em 1912 montou sua fábrica.

Giorgio Simonetti⁵³, italiano que chegou ao Brasil em meados da década de 50, foi para Belo Horizonte onde trabalhou numa fábrica alemã e depois veio para o Amapá. Em Belém chegou por volta do ano de 1959. Veio pelo Programa de

⁵² Dados obtidos dos Censos de 1872, 1920, 1940 e 1950 in EMMI, Marília. Italianos na Amazônia (1870-1950). Belém- NAEA, 2008,p,106.

⁵³ Entrevista dada em 14/11/2007.

Imigração do Ministério do Trabalho que trazia trabalhadores para o Brasil. Não pagou passagem e ficou hospedado na Pensão Suíça que ficava na Rua Manoel Barata, no Reduto. Trabalhou na “Importadora de Ferragens”⁵⁴, depois com um amigo resolveu montar o próprio negócio. Montaram uma oficina, mas não deu certo. Resolveu então ficar sozinho e comprou um prédio na Travessa Benjamin Constant que era um depósito de ferro velho e ali ele montou uma oficina de desempenho de rodas onde trabalha até hoje com seu filho.

José, Rachid, Haick e Giorgio são protagonistas de histórias de vida que fazem parte da memória do bairro do Reduto e, que juntos com muitos outros estrangeiros ajudaram a construir a história da cidade de Belém.

⁵⁴ Grande loja de ferragens cuja matriz ficava na Avenida Castilho França perto do Ver-O-Peso e uma filial na Rua 28 de Setembro, no Reduto, a Mascote.

CAPÍTULO 2

BELÉM E O BAIRRO DO REDUTO:

Dos anos 20 aos 40

3. A expansão industrial em Belém nas primeiras décadas do século XX

Ao final do século XIX, em grande parte do Brasil, ocorreram transformações econômicas e sociais que favoreceram um desenvolvimento acelerado do processo de industrialização e urbanização de muitas capitais do país. De Decca (1991, p.5-6) em seu estudo sobre o desenvolvimento industrial do Brasil nas primeiras décadas republicanas, diz que era possível ver nas várias cidades em crescimento o surgimento de “grandes fábricas e fabriquetas, oficinas, pequenas e médias empresas, estabelecimentos comerciais, botequins, companhias de transporte e de serviços vários, etc.”. Observa o autor que neste período a atividade industrial era ainda bastante setorizada e que apesar de desenvolver-se em vários ramos industriais, “a indústria têxtil e alimentícias eram os setores mais desenvolvidos e importantes”.

Nas décadas iniciais do século XX, São Paulo e Rio de Janeiro concentravam a maior parte da produção industrial brasileira, mesmo se já era possível encontrar pólos de atividades industriais em outras cidades brasileiras. Entre as cidades com pólos industriais emergentes enumeradas por De Decca, Belém aparece encabeçando a lista, seguida de Recife, Salvador, Petrópolis e outras.

Até meados do século XIX o Pará tinha as suas principais atividades econômicas como a pesca, a pecuária, umas poucas culturas agrícolas e uma “reduzida e rudimentar indústria” voltadas para o mercado interno. Desse período até a segunda década do século XX, em decorrência das demandas da indústria internacional, o extrativismo e a exportação do látex, elemento básico da borracha, passaram a ser as principais forças da economia paraense em detrimento de outros setores (SANTOS, 1980).

A borracha passou a comandar a vida econômica da Amazônia, determinando mudanças sociais como o povoamento de áreas com a vinda de imigrantes utilizados como mão-de-obra nos seringais e mudanças culturais como o processo de urbanização e modernização de cidades como Belém e Manaus, entrepostos comerciais onde se dava a convergência de capital gerado pela rica extração do látex.

Entretanto, apesar de toda opulência, o extrativismo gomífero era frágil. A tecnologia rudimentar não tinha rentabilidade suficiente para enfrentar as intempéries econômicas, somadas às diversas dificuldades externas que passaram a fazer parte do cenário mundial como a produção asiática que passou a concorrer com a brasileira e o desenvolvimento tecnológico dos grandes centros manufatureiros que foram substituindo o látex como matérias-primas na produção de inúmeras mercadorias, contribuíram decisivamente para o declínio da extração e exportação do látex amazônico, realidade que foi traduzida como crise da borracha (MOURÃO, 1989, p.18).

Apesar do pouco interesse pelo desenvolvimento de outros setores produtivos, podemos observar que durante o período de 1870 a 1910, ano em que se iniciou a crise, e mesmo durante o seu desenvolvimento, já ocorria uma orientação de aplicações de rendas e capitais em outros setores extrativistas, na agricultura e em ramos fabris como o de vestuário, alimentação, sementes e construção civil (MOURÃO, 1989, p.18). Deste modo, ampliou-se significativamente no mercado o uso de produtos que, até então não se cogitava como o algodão, o açúcar, o arroz, madeiras, além de sementes oleaginosas e outros produtos que passaram a serem utilizados nas indústrias manufatureiras que surgiam⁵⁵.

Um exemplo dessa realidade foi a inauguração de uma nova fábrica em Belém, em outubro de 1919. Tratava-se de uma Usina de beneficiamento de algodão dotada de aparelhos moderníssimos importados da América do Norte com a capacidade de produzir 800 arrobas por dia. (figura16)⁵⁶. Como explicar o fato de que diante da previsão de uma década de grande crise a cidade ganhava um novo empreendimento econômico?

Figura 16 - Usina de beneficiamento de algodão.



55
56
es
m
po

na, a fábrica
atualmente
no um teatro

Na reportagem intitulada “As nossas indústrias” a iniciativa do comerciante A.R. Cox foi exaltada por se tratar de um empreendimento de tamanha envergadura diante da “*phase* de crise econômica” que Belém atravessava e de somar com outras “boas iniciativas de particulares” que procuravam superar as dificuldades que lhes eram apresentadas⁵⁷.

O surgimento de novos estabelecimentos fabris de beneficiamento de outros produtos que não a borracha, demonstra que a economia da região tinha fôlego para se sustentar, mesmo sem receber muita atenção do Governo Federal como denunciava um outro artigo em um outro número da revista *A Semana*. Intitulado “*A desdita do Norte*” o texto deixa transparecer através das palavras de seus autores a indignação dos “nortistas” com os “pro-homens da República” que se mostravam de “ouvidos chumbados” ante o “doloroso grito de agonia” de uma “Amazônia numa situação de arrocho”⁵⁸.

Desse modo, as dificuldades decorrentes do contexto político-econômico nacional e regional, pareciam não impedir o desenvolvimento industrial em Belém, mesmo que tímido, frente ao do sudeste brasileiro, era crescente, como registrou a reportagem de *A Semana* “de momento a momento, ou de espaço em espaço vemos surgir um ‘*empreendimento*’, que de qualquer forma vem ajudar a não nos deixarmos ‘*cahir*’ no desconcerto do ‘*paiz*’ ”⁵⁹.

Mesmo deixando de ser a “capital da borracha”, Belém vivia dos “créditos” gerados pela economia gomífera demonstrando que mesmo com a “crise”

⁵⁷ *A Semana* era uma revista quinzenal fundada em 1918 por Alcides Santos, Eustachio de Azevedo e Ignácio Moura.

⁵⁸ *A Semana* de 06.03.1920, p. 5.

⁵⁹ *idem*, p.1.

não houve uma decadência vertiginosa da capital paraense. O que se percebe é que a cidade passou a viver um período de transição em seu desenvolvimento, onde os “efeitos da supressão da hegemonia do Brasil no mercado internacional de goma elástica” eram disfarçados pelas “repercussões da primeira guerra mundial” (PENTEADO, 1956, p.163).

Os sentimentos expressos nas duas matérias da revista revelam exatamente o que era Belém naquele início da segunda década. Uma cidade que se mantinha como um centro comercial de referência, mas, que ainda se ressentia da falta de solução para inúmeros problemas insolúveis, como observou Le Cointe ao descrever Belém como uma cidade que convivia entre as porções antigas de um passado e aspectos modernos de uma outra cidade inteiramente nova.

Belém na segunda década do século passado possuía um ritmo de vida urbana que a tornava “uma das mais movimentadas cidades do norte e nordeste brasileiro”, continuando a ser um centro cultural de referência, dado o número de estabelecimentos culturais como escolas, Biblioteca Pública, Museu, teatros e cinemas. Contava ainda com cinco jornais diários e dezenas de fábricas entre estas várias de sabão, duas de gelo, uma cervejaria uma de massas alimentícias, uma litografia, e uma de cordas, a Perseverança, da qual trataremos mais adiante (PENTEADO, 1956).

Em relação à produção industrial do estado do Pará, podemos dizer que mesmo com deficiências, o setor industrial desde o final do XIX já apresentava um número considerável de estabelecimentos fabris, número que cresceu significativamente nas primeiras décadas do século XX o que permitiu uma posição superior sobre o resto da região. Entre 1900 e 1920 o número de estabelecimentos fabris no Estado cresceu mais que o dobro. Esse cenário é expresso no quadro abaixo que apresenta um demonstrativo dos estabelecimentos e operariado industrial na Amazônia entre 1907 e 1920.

QUADRO 2 – AMAZONIA – ESTABELECEMENTOS E OPERARIADO INDUSTRIAL

Unidades	Estabelecimentos		Operários	
	1907	1920	1907	1920

Pará	54	168	2.539	3.033
Amazonas	92	69	1.168	636
Acre	-	10	-	22
Total	146	247	3.707	3.691

Fonte – IBGE - Recenseamento de 1920.

Sobre as primeiras indústrias que surgiram em Belém, propriamente até início do século passado, pode-se afirmar que na quase totalidade, elas tiveram na base de sua instalação o capital gerado pela comercialização de produtos exportáveis (quadro 3). Entretanto, apesar de operarem com baixo nível de tecnologia e, relativamente, a custos elevados, o que as tornavam, de certo modo, deficitárias em relação à concorrência da produção do centro-sul do Brasil ou de empresas estrangeiras que aqui se instalavam, elas atendiam em grande parte a demanda local. Havendo até setor cuja produção atendia também ao mercado externo, como era o caso do setor de calçados, como trataremos mais adiante.

Em 1922, no ápice da crise econômica, a exportação do Pará baixou de 7.791.846 libras esterlinas para 697.792, mas, manteve-se superior à importação, que fora de 661.813 libras esterlinas, o que nos comprova a solidez da nossa produção e do comércio local⁶⁰.

Em 1929 a política protecionista do governo de Eurico de Freitas Vale, adotada principalmente para beneficiar as manufaturas de borracha, deu um grande impulso a indústria local, diminuindo taxações e concedendo créditos e privilégios aos empresários. Desse modo, “sob a égide das políticas financeiras da República Velha, instaurou-se no Pará um pequeno, mas próspero parque industrial” (MOURÃO, 1989, p.44).

Com base em censos e levantamentos diversos, se constatou que em 1930 havia no Pará um parque industrial que satisfazia em parte a demanda local e que se constituía basicamente de dois tipos de indústrias: as que produziam matérias-primas semimanufaturadas voltadas quase exclusivamente à exportação como as de borracha lavada, madeira serrada, couro curtido etc. e as que produziam bens de consumo

⁶⁰Anuário de Estatística do Estado do Pará, 1926, p. 12.

voltados para atender à demanda local como as indústrias de alimentação, construção civil, calçados, vestuário e etc. (quadro 3).

Uma das grandes dificuldades que se apresentaram para a estabilidade de um parque industrial no nosso Estado foi exatamente a dependência do mercado de exportações de matérias-primas, contudo, apesar da crise da produção gomífera observamos que a produção fabril do estado não foi totalmente abalada.

QUADRO 3 – PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO E DE CONSUMO LOCAL

Matérias-primas semimanufaturadas voltadas exclusivamente para a exportação	Bens de consumo voltados para o mercado local
<i>Borracha lavada laminada</i>	<i>Construção civil</i>
<i>Couro curtido</i>	<i>Alimentos</i>
<i>Madeira serrada</i>	<i>Bebidas</i>
<i>Óleos e essências</i>	<i>Produtos de higiene e limpeza</i>
<i>Sementes selecionadas</i>	<i>Calçados</i>
	<i>Chapelaria e vestuário</i>

Fonte: elaborado pela autora com base em MOURÃO, 1989.

Após a Revolução de 1930 a situação econômica no Brasil como um todo ficou muito instável em relação à produção industrial, mas particularmente no Pará, ela causou grandes limitações. O governo revolucionário de Barata dificultou o desenvolvimento de empresas já instaladas e obstaculizou o crescimento de novas alegando que havia irregularidades nas negociações. Anulando contratos, suspendendo isenções, revogando leis que permitiam concessões privilegiadas o governo baratista contribuiu para desarticular várias fábricas no Pará (MOURÃO, 1989, p. 68).

Apesar de tênue, o desenvolvimento industrial na cidade de Belém não se retraiu nos difíceis anos 40 até porque existiam indústrias com estruturas sólidas e de funcionamento satisfatório, apesar das dificuldades que enfrentava o empresariado local⁶¹. Entre as empresas sólidas do mercado belenense, muitas se encontravam no Reduto, como veremos adiante.

⁶¹ Mourão apresenta números satisfatórios para o quadro do setor industrial em 1940: 666 estabelecimentos industriais, dos quais 590 eram da indústria de transformação empregando cerca de

Olhando somente pela perspectiva econômica, a historiografia tem discutido o período da pós-borracha como um período de crise. Cabe questionar se este foi ou não um período de crise. Essa orientação teórico-metodológica levou a uma visão reducionista deste período e dos sujeitos históricos que dele fizeram parte, dando a entender que a cidade estagnou e, que como seu universo social resumia-se aos seringalistas e aos grandes comerciantes, com a decadência da borracha não havia sobrado ninguém e, Belém, havia se tornado uma cidade nefasta. Os dados históricos estão aí para comprovar o contrário e, que apesar do “baque” provocado pela crise da borracha, a produção industrial em Belém vai se manter em pé, pelo menos até a primeira metade do século XX⁶².

Se nas primeiras décadas do XX o crescimento do número de estabelecimentos fabris no estado foi expressivo, o do operariado não chegou a tanto. Entre as razões que explicam essa redução aponta-se o refluxo migratório, causado em parte pelo desmoronamento do comércio da borracha ou por outras situações como a reestruturação econômica de seus lugares de origem, como foi o caso do Ceará. No artigo intitulado “O despovoamento da Amazônia” foi focalizado a saída de migrantes cearenses de áreas rurais onde muitos destes se estabeleceram, mas sabemos também que muitos dos migrantes nordestinos foram para os seringais ou ficaram na capital⁶³.

(...) Os cearenses que se haviam refugiado no Pará por efeito das secas do meio-norte, estão açodadamente em demanda da terra natal que, em plena atividade, neste momento está movimentando todas as suas fontes de vida. De Bragança e Benjamin Constant, abandonam os seus pequenos campos de cultura, dirigindo-se a pé para o Maranhão, visto não poderem pagar as passagens à Estrada de Ferro de Bragança. É incalculável o número dos que se retiram daquela zona rural do Estado. (*Revista Commercial do*

8.142 operários. Em 1950, o número desses estabelecimentos aumentou para 881 indústrias de transformação e 120 extrativas. Ocupavam cerca de 10.685 operários.

⁶² Com a II Guerra as exportações brasileiras crescem em importância o que serviu para dinamizar alguns ramos da atividade industrial. Foram adotadas algumas medidas a nível nacional a fim de que se formasse o setor de bens de produção capaz de sustentar a economia brasileira. A implantação das Usinas Siderúrgicas Nacional e Volta Redonda foram criadas com esse fim. Somente a partir de 1950 que o Governo central passou a dar orientações políticas direcionadas para a Amazônia e que tinham como finalidade modificar o panorama econômico da região. Nesta década se iniciaram as obras de construção da Rodovia Belém-Brasília (BR-316) que foi inaugurada em 1960 facilitando o acesso por terra ao Estado do Pará, principalmente de produtos do centro-sul que passaram a competir de modo desigual com os produtos similares locais, contribuindo para a decadência e mesmo o desaparecimento de muitas empresas manufatureiras paraenses.

⁶³ Sobre migração cearense no Pará ver LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

Pará, da Casa Bancária de Moreira, Gomes & Cia, de dezembro de 1921
In SANTOS, 1980, p.263)

É verdade que o número do operariado indicado pelo Censo de 1920 (quadro 2) é relativo à população total do Estado, entretanto sabemos que a mão-de-obra da indústria se concentra na zona urbana, deste modo, analisando a população da cidade de Belém veremos que esta cresceu em mais de 20.000 entre o início do século e a década de 20 como podemos verificar no quadro 4.

QUADRO 4 – POPULAÇÃO DE BELÉM ENTRE OS ANOS DE 1920 E 1950

<i>Crescimento da população de Belém</i>	
1900	120.000
1920	144.692
1940	169.351
1950	225.218

Fonte: Anuário de Estatística do Pará. Instituto de Estatística do Pará – Belém. 1926.

Entendemos que o período compreendido entre 1920 e 1940 o crescimento foi reduzido devido à crise provocada pela queda da borracha que como nos referimos acima, provocou o retorno de muitos imigrantes. Em 1940 os números crescem um pouco mais chegando a população de Belém a um número de 422,648 hab/Km², distribuídos em vinte bairros, sendo os mais populosos os que se encontravam na periferia da cidade⁶⁴.

Pelo Recenseamento do IBGE de 1950, Belém aparece como a maior cidade nesta latitude de população branca cuja maioria era de brasileiros, com destaque para duas colônias de estrangeiros – portuguesa e sírio-libanesa.

4. Reduto – bairro operário ou bairro industrial?

A expansão urbana que ocorreu em Belém no final do XIX e início do XX é característica de áreas de grandes centros urbanos em que se desenvolveram

⁶⁴ Ver mapas da Distribuição da População Absoluta dos Bairros de Belém em 1950 In PENTEADO,1968, p.197.

processos de industrialização. Apesar de não estar ligada ao desenvolvimento industrial Belém não fugiu à regra do processo de urbanização. A localização junto aos terminais de transporte flúvio-marítimo favoreceu o surgimento de unidades fabris na área central ou em áreas próximas a esta, como era o caso do Reduto. Aquela região da cidade passou a despertar o interesse dos empresários enriquecidos pela economia da borracha porque “puderam ocupar o espaço que melhor lhes convinha para a realização de suas atividades, às proximidades da baía” (TRINDADE, 1997, p.82).

Localizadas nas proximidades do núcleo central da cidade, essas fabricas passaram a delimitar posição “de certa forma bem definida no espaço urbano de Belém” que chegaram “a marcar a paisagem até os dias atuais, através de prédios que serviram à função industrial no passado”, e que hoje são ocupados com atividades diversas. (TRINDADE, 1997, p.82).

Entre as dezenas de fábricas que se estabeleceram na capital nas primeiras décadas do século XX, grande parte se encontrava no bairro do Reduto. No levantamento das edificações fabris existentes no bairro até a segunda metade do século passado, foram encontrados cerca de 20 estabelecimentos ligados a vários setores como de bebidas, alimentos, calçados, construção civil, produtos de limpeza e higiene, etc.

A existência de um igarapé onde ainda no século XVIII foi instalada uma fábrica de sola que deu o nome àquele sítio de Igarapé da Fábrica fez com que o Reduto desde a sua origem assimilasse essa vertente industrial. A proximidade da orla facilitava a construção de trapiches que serviam para o escoamento dos produtos das unidades fabris que passaram a se instalar ao longo das Ruas da Municipalidade e da Indústria, como foi o caso das “*Officinas* de M. Carniceiro da Costa”, a primeira grande indústria da cidade (figura 17) ⁶⁵ fundada em 1870, considerada a mais antiga de seus congêneres na Amazônia instalada na Rua da Indústria. Porém, se tem

⁶⁵ O álbum de Arthur Caccavoni *O Pará Comercial: na exposição de Paris-1900* (1900) apresenta textos e imagens sobre a participação de várias indústrias paraenses na Exposição Universal de Paris quando expuseram seus produtos e muitas delas, sendo premiadas com medalhas pelo reconhecimento da qualidade de suas produções. Entre estas está a de Manoel Carniceiro da Costa, uma oficina de carpintaria e serraria à vapor que trabalhava com serraria, carpintaria, ferraria e estaleiro (barcos e lanchas de madeira de lei a vapor), construção civil, naval e de móveis, além de venda de materiais de construção.

informação que já em 1847 estava instalada também na Rua da Indústria uma fábrica de sapatos e botas de borracha chamada de Ramminger Co⁶⁶.

As fábricas que foram se concentrando na área do Reduto no final do século XIX, assim como em Belém de um modo geral, eram de várias linhas de produção e marcadas por processos tecnológicos diversificados, mas pontuadas por procedimentos operacionais simples. Na verdade podemos considerar que no Reduto abrigaram-se um número expressivo de “oficinas de fundo de quintal” e outros estabelecimentos a meio termo entre o comércio e a indústria. A localização de empresas com esse perfil no bairro tornava-se conveniente graças à pequena dimensão dos negócios, à proximidade com o mercado consumidor do centro e à disponibilidade de mão-de-obra, parte residente no próprio bairro ou nos bairros próximos.

Figura 17 – Galpões das Oficinas Carniceiro



Fonte: Álbum *O Pará Commercial na exposição de Paris*, 1900, p.20.

Contudo, no bairro também se registra a existência de estabelecimentos fabris de grande porte como “algumas serrarias e fábricas de carroças, a tradicional

⁶⁶ Não encontrei maiores informações sobre esta fábrica.

grande indústria de fios e cordas, em geral, ‘A Perseverança’”. (PENTEADO, 1956, p.167) que marcaram a história da indústria no Pará e que até hoje suas construções são imagens vivas de uma época próspera.

As primeiras atividades ali desenvolvidas no decorrer do século XIX conferiram-lhes desde cedo ao Reduto feições de “bairro comercial”, por seu dinamismo mercantil que atraía inúmeras pessoas que iam ali para comprar ou vender.

Algumas ruas do Reduto ficaram marcadas até hoje pela presença de imponentes prédios que abrigaram grandes indústrias, como são os casos da Rua 28 de setembro, da Gaspar Viana e da Municipalidade. Esta última, no início do século XX tornou-se foco de interesse do então Intendente Antonio Lemos que se referiu em seu relatório como sendo uma “avenida de grande futuro” e que ela estaria “para a *commodidade* das classes *industriais* e operárias” assim como a Avenida Independência estava “para o recreio e a salubridade das classes chamadas *liberaes*” (Belém, 1902, p.172). Era a visão “economicista” da administração urbana voltada para os interesses capitalistas que se afirmavam cada vez mais naqueles tempos de fausto econômico. Ter um setor destinado à atividade industrial implicava na realização de obras de saneamento e urbanização que vinham ao encontro das aspirações cosmopolitas da elite da época. Essas ruas e suas fábricas fizeram do Reduto um bairro de periferia fabril, característica que vai manter até a segunda metade do século XX e que lhe rendeu uma nova classificação: “bairro operário”.

4.1. As fábricas do Reduto

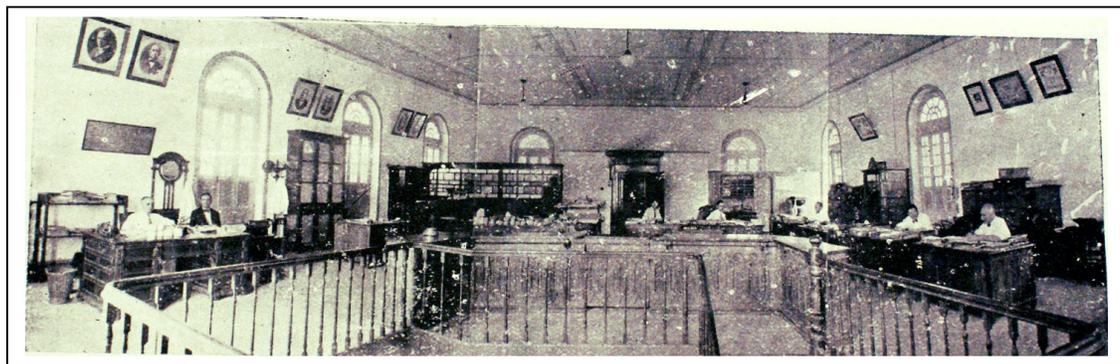
*** FÁBRICA “PERSEVERANÇA”**

Percorrendo hoje o quadrilátero formado pelas ruas Quintino Bocaiúva, Gaspar Viana, Rui Barbosa e Municipalidade, área ocupada pela Fábrica Perseverança desde sua fundação até a desativação, encontramos somente parte daquele conjunto industrial que até 25 anos atrás foi um dos ícones da produção fabril do Norte do Brasil. O imponente prédio central abriga pequenas empresas comerciais, um estabelecimento de ensino e um decrépito escritório de administração do prédio que é gerenciado por um membro da última sociedade que administrou a firma comercial Perseverança.

O escritório mantém apenas dois funcionários, sendo um deles, uma operária admitida na década de 1970. Na parte superior do prédio, ainda encontra-se o

escritório da administração da fábrica, com mesas, carteiras, armários e uma velha máquina, é verdade que estão literalmente encobertos pela poeira do esquecimento, mas é como se estivessem ali resistindo para não deixar se apagar a memória daquele lugar (figura 18).

Figura 18 - Escritório da Fábrica Perseverança



Fonte: Álbum do Pará 1939, p. 191.

O conjunto industrial Perseverança se estendia por cinco ruas do bairro: Rui Barbosa, Gaspar Viana, Quintino Bocaiúva, Municipalidade e Visconde de Souza Franco chegando a ocupar no final da década de 50 uma área superior a quarenta e cinco mil metros quadrados, com 30.000 metros quadrados somente de edifícios.

Esse grupo de fábricas fora inicialmente um pequeno núcleo fabril de cabos e aniagem de Ferreira Cruz e Cia., fundada em 1895 e, que por sete anos lutou contra as dificuldades financeiras surgidas, não resistindo fechou suas portas em 1902. Quatro anos depois, a pequena fábrica foi comprada pela firma Martins Jorge & Cia.⁶⁷ passando a constituir-se então como Fábrica Perseverança. O grupo que assumiu a organização industrial da empresa investiu enormes capitais em aparelhagem e maquinismo, passando a produzir com eficiência cabos, aniagem, sacaria, barbantes, linhas para pesca e algodão hidrófilo, concorrendo com várias empresas do sul do país.

Segundo informações contidas no Álbum do Pará de 1939, a construção dos primeiros pavilhões industriais se deu em 1930 e ocupavam três quarteirões do bairro do Reduto e atingia uma área aproximada de 12.000 metros quadrados. A área

⁶⁷ Esta firma foi formada inicialmente pelos senhores Antonio Gonçalves Martins, Raphael Ferreira Gomes, J.Jorge Corrêa e Alfredo Marques de Carvalho Dias. No final da década de 30 a mesma firma já era composta pelos senhores Sá Ribeiro e José Melero Carrero e pelas firmas Jorge Corrêa & Cia. e Ferreira Gomes & Cia., também proprietária da fábrica Palmeira, grande fabricante do setor de alimentação.

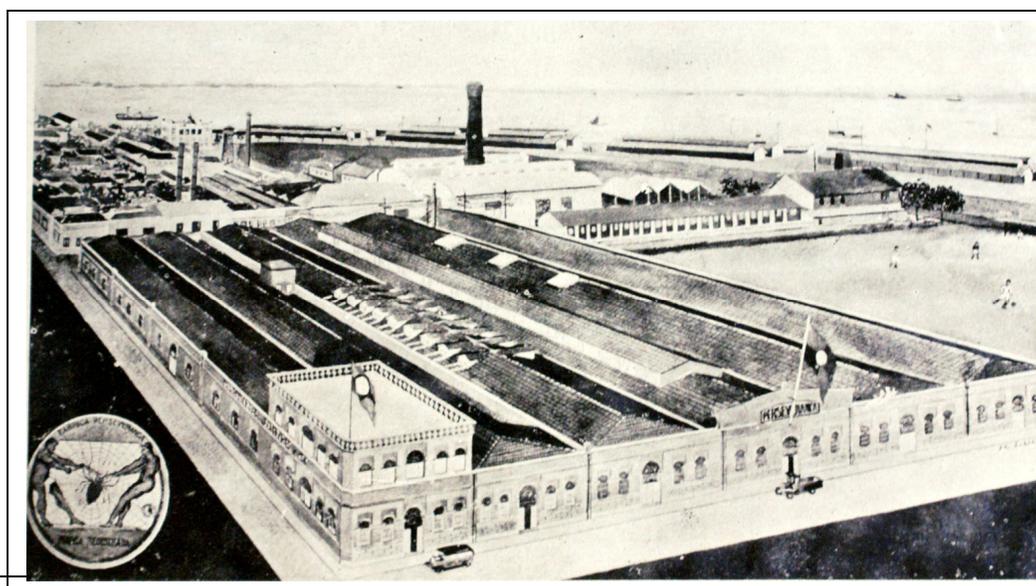
de 45.000 m² foi verificada no desenho de Cileo Favacho, publicado no referido álbum do governo (figura 19). Depois da década de 60, após sucessivas vendas e desapropriações, os bens imóveis de Martins Jorge S.A., relativos ao antigo parque industrial da fábrica Perseverança foram se reduzindo. Atualmente encontram-se restringidos a dois, ambos situados na Tr. Quintino Bocaiúva.

Até a segunda década do século passado a capacidade de produção mensal da fábrica era de 400 a 500 metros de aniagem e de 20 a 30 toneladas de cabos. Na década de 30 a fábrica foi equipada com novo maquinário⁶⁸ e instalou-se a secção de fiação de juta e tecidos de algodão onde “foram montadas as mais modernas *machinas* para descarçar, preparar, cardar, fiar, tecer e branquear algodão” (ÁLBUM DO PARÁ, 1939, p.191).

No final desta década a fábrica contava com cerca de 300 teares servidos de 13.000 fusos que geravam uma produção diária de 15.000 metros de tecidos e 50.000 sacos destinados à embalagem e ensacamento do café, sal, arroz, farinha de mandioca, timbó e outros produtos da indústria agrícola e extrativista regional e nacional.

Após dominar o mercado de produção de cordas e aniagem, a Perseverança se destacou na produção de tecidos de algodão e de algodão medicinal, muito apreciado pelos clínicos e farmacêuticos locais. Era a única fábrica de algodão hidrófilo existente na Amazônia, com uma produção de 400 k diariamente.

Figura 19 - Complexo de fábricas do Grupo Perseverança.



⁶⁸ Fonte: Álbum do Pará, 1939, p.190. do o maquinário utilizado na fábrica era comprado diretamente de firmas estrangeiras ou através de seus representantes no Brasil.

Os anos 50 trouxeram para o grupo Perseverança a mais completa fábrica de linhas de pesca, tornando-se a maior organização especializada no gênero existente no Brasil e a única que existia do Rio de Janeiro ao extremo norte do país. Produzia diariamente cerca de 2.500 quilos de linhas, ou uma média aproximada de 750 toneladas anualmente⁶⁹, e empregava mais de mil operários, entre homens e mulheres (MOURÃO, 1989, p.57).

Figura 20 – Operários da Fábrica Perseverança

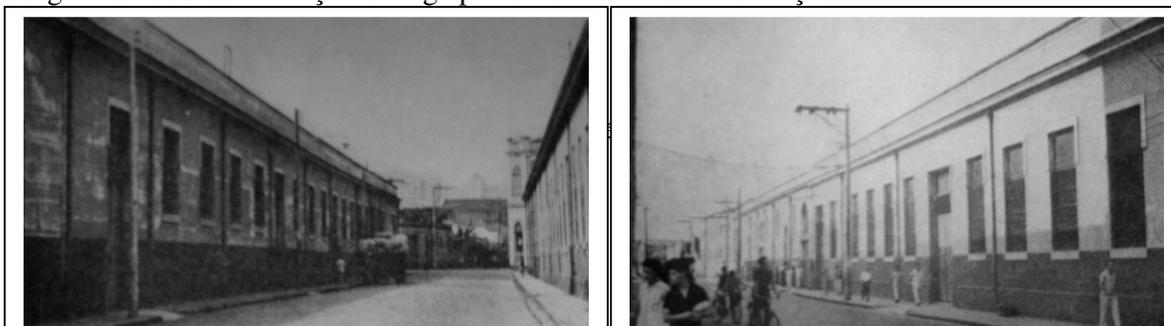


Fonte: Álbum do Pará, 1939, p. 190.

Nesta mesma segunda metade do século XX, a atividade fabril da empresa passou a entrar em declínio. A desativação definitiva se deu em 1983 quando as condições adversas do mercado industrial contemporâneo forçaram-na a colocar um ponto final na história de uma das mais importantes firmas industrial do Norte do Brasil.

Para Penteado (1956, p, 291) as instalações da Perseverança constituíam “a única paisagem verdadeiramente de zona industrial” encontradas na área urbana de Belém.

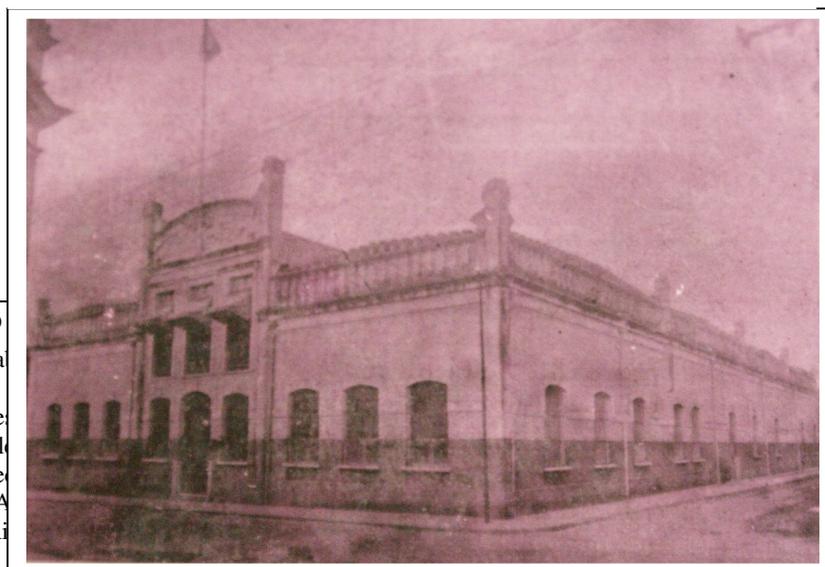
Figuras 21 e 22 - Instalações dos galpões da Fábrica Perseverança



* FÁBRICA “PHEBO”

Ocupando uma área de 5.000m² na travessa Quintino Bocaiúva, do n.307 a 325 surgia em 1936 as Perfumarias “PHEBO Ltda.” (figura 23). Fundada em 1924, por dois portugueses, João da Silva Santiago e Maximiliano Rodrigues da Costa nas proximidades do Igarapé das Almas, como uma pequena perfumaria de nome “*Lusitanea*”, que contando com dez operários queriam somente fabricar colônias, loções, talcos e sabonetes para vender na própria região⁷⁰. Em 1931, desenvolvendo pesquisas utilizando as essências regionais, Mario Santiago e Antonio Santiago, filho e sobrinho de João da Silva Santiago, descobriram uma fórmula de produção de um sabonete glicerinado, transparente, de perfume marcante e de cor preta. Surgia assim uma das marcas paraense de maior representatividade no mercado externo: o sabonete Phebo⁷¹.

Figura 23 – Antigo prédio da Fábrica Phebo



70
fa
71
re
ól
re
(A
Ri

umaria *Lusitanea*,
sabonete Phebo foi
ura que combinava
riente. O sabonete
ia calor e energia.
piro. Ed. SENAC,

“A distancia de Belém dos grandes centros consumidores, dificultava as vendas e o início da perfumaria foi bastante difícil” conta Maria de Fátima, funcionária da firma desde os anos 60 e conhecedora do histórico da empresa. Os Santiagos embarcavam por navios para o sul e sudeste do país em consignação um produto que tinha um preço cinco vezes maior que os sabonetes da época. O primeiro grande pedido foi feito em 1932 por uma farmácia de São Paulo e, um ano depois, o *Mappim Stores* comprou 25 dúzias do sabonete e se tornou o principal cliente da fábrica paraense.

No período da 2ª. Guerra Mundial, diante da impossibilidade de importar as matérias primas aromáticas do exterior, a empresa teve que parar seus negócios e durante três anos, em lugar de sabonetes e perfumes, utilizando os equipamentos normalmente empregados na produção de latas para os seus cosméticos passou a produzir vasilhames destinados à coleta de látex pelos seringueiros na Amazônia. Com esta alternativa, a empresa conseguiu equilibrar suas finanças até 1945, com o fim da grande guerra, e retornar para suas atividades normais⁷².

Com uma produção de perfumarias em geral, com aproximadamente 200 produtos diferentes ainda dedicava-se ainda à produção de sabões grossos para lavagem de roupas e secções variadas de estamparia, metalurgia, tipografia, litografia, cartonagem, etc. porque além dos seus produtos de higiene a fábrica também produzia seus próprios rótulos e embalagens⁷³.

Utilizando máquinas de grande porte e dos melhores fabricantes da época e matéria prima de superior qualidade fabricava produtos de grande aceitação no

⁷² Informações obtidas em material produzido pela administração da empresa.

⁷³ Até a década de 80 a fábrica funcionava com duas linhas de montagem: uma de fabricação automática, apenas com maquinários e as bancas, para embalagem manual dos sabonetes.

mercado brasileiro, principalmente no Rio de Janeiro, onde a indústria perfumista encontrava-se na ponta de linha.

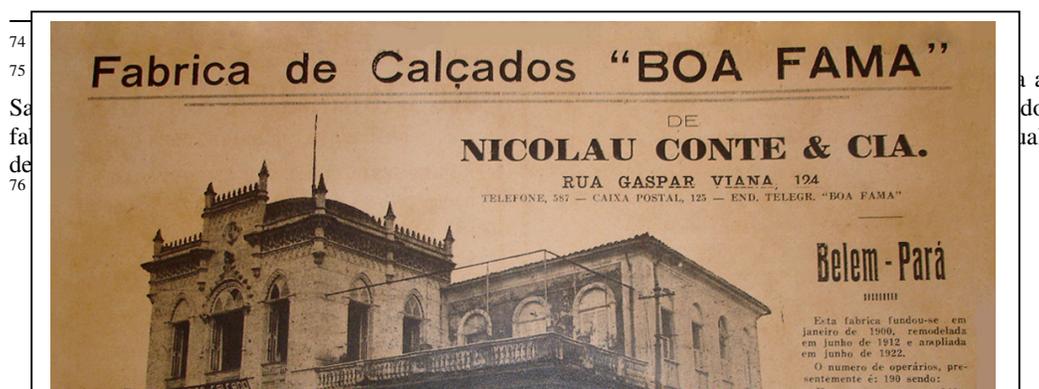
A fábrica “Phebo” além de muito expressiva economicamente tornou-se para muitos belenenses um símbolo de identidade com a cidade. O perfume inebriante que exalava de suas máquinas enchia os pulmões de todos que passavam pelas ruas do Reduto, ou pelos arredores do bairro. Era uma sensação agradabilíssima que ficou guardada na memória olfativa dos que experimentaram aquele aroma, como Renato Nunes⁷⁴, jornalista ambulante estabelecido em uma esquina do bairro mais de vinte anos, mas convive no bairro desde menino quando ia levar a refeição do pai que trabalhava como sapateiro na Fábrica “Boa Fama”. “Gostava muito de vir para o Reduto, pois gostava do cheiro do guaraná da Fábrica “Vigor” e dos perfumes da Fábrica Phebo, daí o bairro ser chamado de Bairro Cheiroso”⁷⁵.

* UZINA “PROGRESSO”, FÁBRICA “BOA FAMA”, “FREITAS DIAS” E OUTRAS.

No ramo de processamento de alimentos encontramos a Usina “Progresso”, constituída em 1931 como uma sociedade comercial entre Sarfaty & Cia. e Benchimol & Irmão com o objetivo de explorar o beneficiamento de castanhas e estabelecida na rua Gaspar Viana, n.79. Em 1947 o contrato social foi recomposto e a firma passou a se constituir com o nome de Usina “Progresso, Ltda.”, na mesma sede. Em 1956 a fábrica havia se desenvolvido tanto que se estendia do n.317 ao n.335, na mesma rua da sede inicial. A Usina “Progresso” encerrou suas atividades no final da década de 90⁷⁶.

A fábrica “Boa Fama” destacou-se no ramo dos calçados foi considerada como a primeira fábrica de sapatos do Norte do Brasil. Fundada em 1912 por Nicolau Conte, italiano chegado ao Pará em 1907, a Boa Fama iniciou de forma artesanal e tornou-se num breve tempo uma das mais bem equipadas fábricas de toda a região Norte (EMMI, 2008, p. 196).

Figura 24 – Anúncio da Fábrica Boa Fama



Com sua matriz instalada na Rua Gaspar Viana n. 124, a “Boa Fama” tinha três lojas espalhadas no comércio e uma filial em Manaus. Com uma produção diária de 1.500 pares de sapatos que eram vendidos em todo Norte e Nordeste do país e também para alguns países da América Latina como a Guiana Francesa e o Peru. A fábrica possuía um maquinário aproximado de cento e cinquenta máquinas, em sua maioria importada da Inglaterra e empregava cerca de 200 empregados entre homens e mulheres, dos quais alguns italianos (MOURÃO, 1989, p. 60).

A fábrica “Freitas Dias” de propriedade de J.S.Freitas & Cia. foi fundada em 1861 e desde aquela época já se destacava pela variedade e qualidade de sua produção que ia desde pregos, instrumentos de ferraria e carpintaria, funilaria, móveis e construção civil. Chegou a empregar mais de quatrocentos operários e realizou grandes construções tanto em Belém como em outras cidades do Nordeste (MOURÃO, 1989, p. 60).

Outra fábrica de destaque no Reduto foi a “Fábrica Santa Maria”, situada na Rua Municipalidade e que produzia óleos e manteiga vegetal, além de beneficiar arroz. Era dirigida pelo português Antonio Machado e empregava mais de duzentos trabalhadores (MOURÃO, 1989, p. 32).

Como já nos referimos anteriormente no Capítulo 1 (p.44-45), nas primeiras décadas do século XX a imprensa paraense já se encontrava organizada

dentro de uma estrutura empresarial, onde os anúncios eram de importância vital para a geração de capital para os órgãos publicitários. As revistas, principalmente as semanais⁷⁷ surgiram no cenário publicitário assumindo um perfil tipicamente urbano, substituindo em alguns casos, o debate político por variedades diletantes. Chamadas de locais de lazer como cinemas, bares, livrarias, textos contendo poesias, crônicas e notícias sociais e uma grande quantidade de anúncios comerciais.

As empresas fabris de grande porte investiam na publicidade local primeiro porque tinham recursos para sustentar esse recurso e depois porque sabiam que dessa forma garantiam lucros com a venda de seus produtos (figuras 25 e 26).

Outros canais de propaganda de importante difusão foram os álbuns comerciais ou oficiais que para serem editados com produção de qualidade precisavam muitas vezes do patrocínio de empresas que tivessem suporte financeiro e os jornais diários. Estes eram produzidos para divulgarem as realizações dos governos municipais e estaduais ou para alcançarem uma parcela mais reduzida da sociedade, porém de grande poder aquisitivo.

Outro meio de divulgação muito utilizado pelas firmas industriais por causa do maior alcance de consumidores para os seus produtos foram os jornais diários, principalmente a partir de 1930 quando assumiram um formato com uma melhor diagramação. Na década de 40 os jornais de maior circulação, vinham recheados de propaganda de todos os tipos de estabelecimentos estabelecidos na praça de Belém.

A Fábrica Phebo era uma das que investia muito na propaganda de seus variados produtos como sabonetes, talcos, pó-de-arroz e perfumes. Na década de 40, os anúncios dos seus produtos procuravam enfatizar a semelhança com os produtos europeus e eram veiculados tanto nos jornais locais como nas grandes revistas nacionais⁷⁸.

Figura 25 – Anúncio da sapataria Boa Fama



riódicos semanais, trimestrais
ra do estado como Manaus, Rio

Figura 26 – Anúncio do Pó Phebo



Fonte: *A Província do Pará*, 16/02/1947, p.6.

Grandes, médias e pequenas empresas desenvolveram-se e desapareceram ao longo dos dois últimos séculos no bairro do Reduto. Empresas que operando com alto ou baixo nível de tecnologia, muito contribuíram para o desenvolvimento econômico da cidade de Belém e para a formação de um pequeno, mas expressivo parque industrial.

QUADRO 5 – OUTRAS FÁBRICAS INSTALADAS NO REDUTO DESDE FINAL DO SÉCULO XIX ATÉ MEADOS DO XX

TIPO	FIRMA	LOCALIZAÇÃO
Artefatos de borracha	Ramminger Co Fábrica Farah Companhia Industrial do Brasil	Rua Gaspar Viana Rua Municipalidade Rua Municipalidade
Beneficiamento de arroz	Usina Modelo	Rua Gaspar Viana
Beneficiamento de castanha	Usina Brasil Usina Glória Usina Tupy Usina Progresso	Rua Ó de Almeida Rua Gaspar Viana Tr. Benjamin Constant Rua Gaspar Viana

Bebidas	Guaraná Vigor	Rua Gaspar Viana
Chapéus	Fábrica A Paraense	Tr. Rui Barbosa
Cigarros	Fábrica Terezita A Nacional	Rua Gaspar Viana Rua Gaspar Viana
Couro cru	Abitol Aguiar	Tr. Piedade
Ferramentas	Aliança Nacional	Rua 28 de Setembro
Funilaria	Renda Priori	Rua Gaspar Viana
Gelo	Fábrica de Gelo de Bolonha & Paiva	Rua Gaspar Viana
Madeiras	Fábricas Freitas Dias	Tr. Benjamin Constant
Óleo e sabão	Indústria de Óleos Santa Maria	Rua Municipalidade
Sapatos	Fábrica Boa Fama	Rua Gaspar Viana
Serraria	Indústria Taquara	Tr. Benjamin Constant

Fonte – elaborado pela autora com base em álbuns, revistas, jornais e entrevistas.

Algumas delas como as produtoras de derivados de fumo “A Nacional” e “Terezita”, foram incorporadas a grandes empresas como a de “Cigarros Souza Cruz”, quando por aqui chegou em 1940. Outras resistiram até meados do século passado com solidez e razoável funcionamento como a “Boa Fama” e a “Santa Maria” que ao enfrentarem a concorrência extrarregional a partir da década de 60 desestruturaram-se e fecharam suas portas. E outras ainda foram mais resistentes, até mesmo por conta da ajuda recebida pelo governo estadual, conseguindo sustentaram suas atividades até as últimas décadas do século XX, como foi a potente Perseverança.

Na segunda metade do século XX com a abertura da Rodovia Belém-Brasília muitas empresas fecharam suas portas diante da concorrência com os produtos do sudeste brasileiro. Registra-se assim, a partir dos anos 50, um decréscimo populacional significativo no bairro do Reduto resultante da saída de muitos moradores ligados à atividade industrial e comercial para outros bairros, ou até para fora da cidade, como aconteceu com alguns imigrantes cujos estabelecimentos eram ao mesmo tempo residência e local de trabalho ⁷⁹.

⁷⁹ Segundo dados do IBGE a população residente no Reduto em 1950 era de 9.211, baixando para 7.073 em 1960 e para 6.332 em 1980. O bairro sofreu um descenso apresentando uma variação negativa de 23,3 % o que demarca claramente o período de declínio das atividades industrial e comercial naquela área da cidade.

O Quadro Estatístico da Cidade de Belém de 1950 - Relação dos Bairros mais populosos indica que o Reduto ocupando uma área de 76,1 ha. (era na época a segunda menor área da cidade) possuía uma população absoluta de 9,211 que correspondia a 4,08% da população total de Belém. Enquanto o Umarizal, bairro contíguo ao Reduto, que ocupava uma área de 231,4 ha, tinha uma população de 26.290, equivalente a 11,67% da população da cidade. Para se ter idéia o quanto a área do Reduto é reduzida, o bairro Condor que ocupava o último lugar registrado com uma população de 1,828, representava a 0,81%, e possuía uma área de 174,6ha.

4.2. A questão das “Vilas Operárias” e as condições de trabalho no Reduto

Entretanto, mesmo com o desaparecimento das fábricas naquela área da cidade, o papel industrial do Reduto permaneceu marcante até a segunda metade do século passado e, por muito tempo, quiçá, até os dias atuais, a imagem de “bairro operário” foi mantida. Busco com esse trabalho exatamente discutir essa representação criada sobre o bairro do Reduto.

A concentração de fábricas no Reduto induzia conseqüentemente a uma grande concentração de operários que nelas trabalhavam, mas que não necessariamente moravam no bairro, como pretendeu instituir o Intendente Antonio Lemos quando em seu Relatório de 1904 se referiu ao bairro como uma área que foi gradativamente se constituindo para a acomodação das “classes industriaes e operárias”.

A redefinição do espaço urbano foi uma das características geradas pela mentalidade da “Belle Époque” representada em Belém pela gestão lemistá (1897-1910). Sobre a política urbanista de Lemos, Sarges (2000, p.108) referiu-se que esta:

tornava bastante visível a distinção entre a área central da cidade, destinada aos ricos burgueses “desodorizados” e “higienizados” e as “áreas periféricas” destinadas a população trabalhadora pobre.

Essa nova ordenação espacial e estética da cidade fazia parte da “modernidade” implantada em muitas capitais brasileiras nas primeiras décadas do século XX. No sudeste brasileiro como parte desta política sanitária de purificação da cidade, a habitação do pobre, particularmente a operária, tornou-se motivo de preocupação por parte da burguesia industrial, dos higienistas e dos poderes públicos,

sobretudo porque buscavam demarcar precisamente os espaços de circulação dos diferentes grupos sociais. (RAGO, 1987, p. 164)

A questão da habitação popular passou a preocupar os poderes estatais que influenciados pelos discursos higienistas baseados na idéia de que a casa do pobre por ser infecta era depositária de doenças e, portanto, nociva á saúde pública. A solução apresentada para este problema foi então a construção de Vilas Operárias.

De Decca (1991, p. 49) ao tratar sobre habitação do operariado urbano-industrial nos vários núcleos e centros urbanos brasileiros diz que este estava “congregado nos bairros operários, populares e industriais, habitando pobres e exíguas moradias, muitas coletivas”. Essas moradias, em geral, de baixo padrão habitacional preocupavam o poder público municipal que diante da realidade das habitações das classes populares “passam a recomendar desde a 1ª década do século XX a construção de vilas higiênicas e baratas para o operariado, incentivando a iniciativa privada de varias firmas”.

Havia por trás desta “preocupação” com a saúde da população pobre da cidade, todo um discurso racionalizador que buscava impor uma disciplina formada por novos modos de higiene pessoal, mas também como uma forma de controle da vida do trabalhador. Além do que a construção de habitações simples e baratas seria um negócio lucrativo para os industriais que se tornariam também os “senhorios” das habitações, tornando assim um rentável negócio para muitos industriais que passaram a construir vilas operárias junto às suas fábricas, porém cobrando aluguéis a preços elevados.

No Reduto encontramos exemplos semelhantes. A firma Ferreira Gomes construiu na década de 30 uma vila próxima ao prédio da loja para os seus funcionários, chamada de Vila Rafael Ferreira Gomes que mantém até hoje o nome e as características da maioria das casas construídas na época⁸⁰. Entretanto, pude observar, atualmente, que essas casas eram destinadas a operários especializados ou gerentes que ocupavam cargos de maior importância.

Seu Juvenal Haick confirma esse entendimento quando lembra que uma vez foi convidado para uma festa na casa de uma jovem moradora desta vila e que o pai dela, funcionário administrativo da Ferreira Gomes, não gostou da presença dele

⁸⁰ Esta Vila tem mais de uma dezena de casas e tem acesso tanto pela Tr. Rui Barbosa como pela Rua Municipalidade.

ali porque sabia que era filho do empregado que fechava as vitrines da loja durante a noite.

Um outro exemplo que ainda persiste no bairro é o da chamada Vila ABC⁸¹, constituída por sete casas e, segundo o Levantamento de Vilas e Conjuntos no Reduto encomendado pela Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico- IPHAN (1998) o proprietário era um português, sócio da firma Ferreira Gomes, provavelmente construída entre 1940-1945. Pedro de Alcântara Costa, morador do bairro desde final da década de 30, informou que na década de 50 quando casou, morou em uma das casas que pertencia a um tio seu, funcionário da Fábrica Perseverança, o que nos confirma que esta vila também fora construída para atender uma faixa de trabalhadores ocupantes de cargos maiores nas fábricas próximas.

Como já foi acima mencionado, a imagem do Reduto como bairro operário foi construída em razão do número de fábricas ali instaladas e pela existência de muitas vilas naquela área e diria, até mesmo, por uma tentativa de comparação com o Rio de Janeiro e São Paulo, grandes capitais onde existiam bairros como o Brás e Belenzinho que constituíram-se caracteristicamente como bairros operários com suas fábricas e vilas operárias.

No referido Levantamento foram registradas aproximadamente duas dezenas de vilas no bairro do Reduto. Apesar de um grande número delas apresentarem características populares como tetos e paredes geminadas em terrenos com larguras pequenas, em nenhuma delas foi encontrada na denominação original, referencias como vila operária.

Para Soares (2008) as vilas em Belém eram exemplos de moradia de classe média e baixa típica do início do século XX, em geral construída por empreiteiros, casas aviadoras ou bancos, que alugavam para seus funcionários, como nos referimos acima, ou para determinadas famílias. Esses tipos de moradia se tornaram um empreendimento rentável nas décadas após a queda da borracha e podiam ser encontrados dois tipos de variação: a vila particular⁸² e os grupos de casas semelhantes, este último por oferecer melhores condições de acomodação foi o mais construído em Belém.

⁸¹ ZAIDAN (2001, p.130) informa que ABC é o Grupo da família Said, de origem libanesa, atacadista do ramo de miudezas de armarinho.

⁸² Segundo Soares as vilas particulares por se assemelharem aos cortiços, não eram bem aceitas pelas famílias de melhores posses.

Verificou-se que no Reduto predominou também o segundo tipo, ou seja, grupos de construções geminadas, semelhantes e voltadas para a rua, como é o caso da Vila Áurea construída na década de 20 e da Vila Nelly, construída na década de 30 (Figuras 28 e 29).

Figura 27 – Vila Áurea. Rua Aristides Lobo com Tr. Benjamin Constant.
Fonte: www.skyscrapercity.com/showthread.



Figura 28 – Vila Nelly. Rua Tiradentes com Tr. Rui Barbosa.
Fonte: www.skyscrapercity.com/showthread.

Neste Levantamento foram identificadas também outras vilas de padrão mais popular com casas medindo entre 5 e 3,36 m de largura, porém todas construídas no alinhamento da rua sem recuos laterais ou frontais. Ainda hoje podemos visualizar imóveis de aspectos bem modestos que testemunham a presença naquela área de moradores de baixa renda e que possivelmente pudessem ser de trabalhadores das fábricas existentes no bairro, porém reitero, não em quantidade suficiente que pudesse caracterizá-lo com um bairro operário. Essa caracterização não condiz com o bairro porque ali também são encontradas construções de grande e médio porte, possivelmente pertencentes a proprietários dos estabelecimentos comerciais ou fabris

instalados na área, ou mesmo de profissionais liberais que para ali foram morar por ser próximo do principal centro comercial de Belém.

A representação do Reduto como bairro operário foi reforçada pela historiografia local desde o início do século passado. Penteado (1968, p.167) é um dos exemplos quando ao referir-se ao bairro enumera algumas das fábricas existentes observando que estas eram “intercaladas com residências modestas, ocupadas, especialmente pela população operária”.

Nas três primeiras décadas do século XX a população do bairro do Reduto cresceu significativamente em razão do grande número de unidades fabris que ali se instalaram, mas também em função das pequenas dimensões dos terrenos naquela área⁸³, entretanto percebemos pelas fontes consultadas que uma grande parte dos trabalhadores das fábricas do Reduto não morava no bairro.

Em um jornal denominado *A Pirralha*⁸⁴ encontramos em uma seção compostas de notas com caráter de “focacas” sobre os e as trabalhadoras das fábricas, referências que indicam que grande parte desses e dessas trabalhadoras das fábricas do Reduto eram moradores de outros bairros.

A moreninha Jô, analisando os transeuntes, hia toda sacudida para um contingente de soldados que alli se achava prostado. **Ella mora na segunda rua da Pedreira**, tem um dentinho de ouro e é da fábrica de cordas. (n. 2 de 07/07/1928, p.6)

.....

.....

Aquella menina que aponta no canto da Rui Barbosa, às carreiras, às sombras da noite, após o serão das cordoeiras, gritando “pára”, “pára desgraçado” ella alem de ser muito espirituosa, ainda aquella hora vae para a casa attender a sua clientella de namorados que são apenas três. **Mora no Curro**. (n.4, 18/08/1928, p.10)

.....

.....

Ouçã Gegé! Diga a sua irmã que não se demore muito quando sahir da fábrica, acompanhada desse caixa d’óculos para **tomar o bonde do Souza**. (n.6 - 08 / 09/1928, p.6)

⁸³Ver informações sobre as medidas dos terrenos no Reduto obtidas no Registro de imóveis da década de 30 p. 29 - Arquivo Público do Pará.

⁸⁴ Este jornal circulou durante dois anos (1928-1929) e era dirigido por Da Sylva Maya e caracterizou-se por ser um jornal crítico, humorístico e noticioso. O primeiro número circulou no dia 23/06/ 1928. O nome era uma alusão a uma revista existente em São Paulo durante os anos 20 chamado *O Pirralho* que contava com a participação de Oswald de Andrade e Marcondes Machado.

Pedreira, Curro, Souza, Canudos, Guamá e Cremação são bairros que ocupam a periferia da cidade e que foram classificados por Penteadó (1968) como integrantes do terceiro setor da cidade: os bairros residenciais pobres onde a maioria morava em barracas. Nesta classificação o Reduto, juntamente com o bairro do Comercio (antiga Campina) faz parte dos bairros residenciais modestos, ocupados em grande parte pela classe média.

Em 1931 a Liga Nacionalista do Pará elaborou um Memorial sobre a questão social operária no Estado do Pará encaminhado ao Interventor Federal Magalhães Barata, onde foram apresentadas importantes observações de situações relacionadas à classe operária, e reivindicações pertinentes às suas necessidades, entre estas a sugestão de criação de vilas operárias no bairro da Pedreira.

CASA PARA OPERÁRIOS.

A municipalidade de Belém tem no bairro da Pedreira terrenos devolutos de sua propriedade, o operariado pede a Vossa Excelência a sua preferência para a construção de suas casas, de tipo uniformizado pela prefeitura.(...)

A Pedreira poderá assim **ser de fato** o bairro operário de Belém, com um tipo de casas baratas, obedecendo, entretanto a estética e a higiene das habitações modernas. (Memorial apresentado pelo (sic) Liga Nacionalista do Pará sobre a questão social operária neste Estado ao Sr. Interventor Federal Capitão Joaquim Magalhães Barata, grifo nosso)⁸⁵

Se a reivindicação apresentada pelos trabalhadores de Belém era de que a Pedreira passasse a “ser de fato o bairro operário de Belém” era porque até então não havia verdadeiramente um bairro operário na cidade, pelo menos que os próprios operários concebessem como tal.

Quem eram esses operários que ocupavam os inúmeros galpões fabris existentes no Reduto e que, indiretamente compunham a população circulante daquela parte da cidade? Nas várias fontes pesquisadas que faziam referências ao desenvolvimento industrial e aos estabelecimentos fabris existentes na cidade, particularmente no bairro do Reduto, são inúmeras as descrições das estruturas físicas e administrativas, porém quase inexistentes às que se relacionam ao material humano, ou seja, os operários. A ausência de publicações oficiais que informem sobre as condições de vida e trabalho do operariado emergente nas primeiras décadas do

⁸⁵ Arquivo Público do Estado do Pará. Fundo Gabinete do Interventor. Série Ofícios. Anos: 1931-1933. Caixa 19. Documento 10.

século passado indica que o desinteresse do poder público em relação aos trabalhadores era comum em todo o país.

Pudemos observar nas notas do jornal *A Pirralha* demonstradas acima sobre o local de moradia de muitos dos operários das fábricas do Reduto, que muitos desses trabalhadores eram do sexo feminino, como as cordoeiras, certamente operárias da Fábrica de cordas Perseverança.

No documento apresentado pela Liga Nacionalista que foi acima citado, é denunciada a falta de seleção de trabalho para as mulheres, sendo estas colocadas em certos estabelecimentos em serviços que iam além de suas forças como o trabalho de estiva e o carregamento de grossas cargas de couro.

De um modo geral no Brasil, no começo do século passado, a classe operária era constituída em grande parte por mulheres e crianças (RAGO, 1987). As fontes pesquisadas neste trabalho me levaram a considerar que a presença feminina nos estabelecimentos fabris era bastante significativa. E certamente as condições de trabalho e salários não eram diferentes do restante do país, principalmente dos centros mais industrializados como Rio de Janeiro e São Paulo.

Belém é a cidade das mangueiras e das operárias. Dois prismas profundamente diversos. Dois aspectos admiravelmente magníficos. Não se pode imaginar o encanto das tardes de sol morrendo, quando as ruas se enchem de tons variados dos uniformes. Porque cada fábrica, cada centro industrial adota um traje característico. Este é branco. Aquelle azul marinho. Aquelle outro grenat. Mais outro negro. E até há um cor de sangue, vermelho, victorioso, berrante, único. É um uniforme e ao mesmo tempo um reclame atrevido. São as operárias da fábrica “Guará”. Pobrezinhas! Trabalham a poucos salários e fazem reclame de beijo. O mundo é assim mesmo. (Revista *Belém Nova*, 30-08-1927).

O texto reflete a imagem feminina construída pelo imaginário operário: explorada, desamparada, vítimas. Como nos grandes centros industriais do país, as operárias das fábricas em Belém eram geralmente de origem modesta e se submetiam a grandes jornadas de trabalho que algumas vezes se estendiam até aos domingos. Por serem mais “submissas” eram preferidas pelos patrões que pagando baixos salários conseguiam obterem maiores lucros, como nos mostra a matéria publicada na Revista *A Novidade* de maio de 1940:

(...) E por falar de soluções há ainda as usinas e fábricas cheias de mulheres que só vão ao lar de noite e aos domingos. São mocinhas do subúrbio (...). Então os patrões viram que era muito doce pagar salários

líricos. E gostaram porque vieram muitos lucros. Não quiseram mais os homens, pois as mocinhas são muito líricas e rendem mais.. (...).

Uma outra situação muito freqüente nas fábricas era a dos serões. Trabalho noturno onde a mão-de-obra feminina era amplamente explorada, como nos demonstra algumas notas publicadas no jornal *A Pirralha* que pelas referências dos locais citados trata-se de fabricas do Reduto.

O J.V.S. empregado de uma fábrica no Reducto, segundo disse a alguém, não acompanha a pequena **depois do serão das cordas**, pelo facto da zinha morar numa rua escura, e elle ter receio de voltar com medo (n. 2 de 07/07/1928, p.6).

Aquella menina que aponta no canto da Rui Barbosa, às carreiras, às sombras da noite, **após o serão das cordoeiras** (...).

A cordoeira Cecília, moradora na Pedreira, impressionada de estar mais bella, convida o namorado, e lá se vão todas as noites passear pelo caes. Isso é **depois do serão das 9 horas** (n. 10, 03/11/1928, p.5).

No Memorial da Liga Nacionalista entre as “medidas essenciais” apresentadas para o operariado feminino estava a da “abolição completa dos serões, porque é primeira porta de entrada para a prostituição das moças pobres que procuram nas oficinas meios de subsistência”⁸⁶.

A política populista criada pelo governo varguista criou entidades moldadas na doutrina trabalhista assistencial que absorveram os interesses do proletariado defendido pelas organizações operárias que foram apropriados e devolvidos sob forma de benefícios para os trabalhadores.

Paralelo ao movimento operário se organiza a prática patronal que oscila entre o exercício da repressão e o paternalismo que cria “concessões” como construção de vilas operárias, instalação de armazéns, farmácias, escolas, assistência médica. Em Belém algumas empresas industriais tomaram medidas nesse sentido⁸⁷

⁸⁶ Em *Do Cabaré ao Lar*, Margareth Rago analisa o papel de reprodutor das exigências burguesas que o movimento operário no Brasil assume nas primeiras décadas do século XX quando denuncia a exploração do trabalho feminino, voltando-se primordialmente para o problema moral da sexualidade. De modo geral o discurso do operariado masculino mostrava que a mulher era “frágil” e “indefesa” diante dos “ataques” dos homens nas fábricas.

⁸⁷ O documento apresentado pela Liga Nacionalista indica que a Gráfica Amazônia que ficava no Reduto havia tomado medidas no sentido de atender à questões relativas as horas de trabalho, salários e ainda assistência médica e dentária.

mas surgiram também entidades assistencialistas de outras naturezas como o COB – Circulo Operário Brasileiro, criado em 1939 e instalado no Reduto exatamente por que ali na época havia a maior concentração de fábricas da cidade.

O COB foi idealizado pelo padre Tiago Way, da Ordem Lazarista, como meio de “agregar os trabalhadores belenenses em torno de atividades voltadas à promoção humana”⁸⁸. Os associados recebiam atendimento médico, odontológico, farmacêutico e funerário mediante uma mensalidade simbólica. Sem a presença de sindicatos fortes e desatrelados da máquina estatal, os operários das fábricas de Belém eram levados ao envolvimento com entidades assistencialistas como a COB.

Inicialmente, o Padre Way arregimentou seus associados indo para as portas das fábricas e apresentando os benefícios que a entidade oferecia. Sem posicionamentos políticos explícitos, a COB se manteve ao longo de todo o século passado, até os dias de hoje, através de convênios com o Governo e de recursos enviados por entidades católicas européias.

Com a criação da Legislação Trabalhista em 1945 os trabalhadores urbanos em Belém vão começar a se movimentar pelos seus direitos, sem, entretanto, querer entrar em conflito com o governo⁸⁹. A idéia dominante era a de que o governo sendo o favorecedor de seus direitos não poderia ser responsabilizado pelas intempéries enfrentadas pelos trabalhadores, os “inimigos” eram os outros, como pudemos perceber em uma reportagem sobre um comício organizado pela União Geral dos Proletários de trabalhadores contra o pretendido aumento do preço da carne. Nesta manifestação de protesto os trabalhadores afirmariam os seus propósitos de apoiarem o Governo em sua atitude contrária à pretensão dos marchantes que eram visto como os algozes da situação. Depois dos discursos os trabalhadores saíam em passeata até a residência do interventor⁹⁰.

É sabido que a imprensa local e nacional neste período procura demonstrar que a situação de carências no país era um fato, porém existia uma preocupação enorme em mostrar que o Governo não era indiferente e que buscava “solucionar” os problemas da população de forma pacífica e indolor. Nas questões concernentes às classes trabalhadores como aumento de salários, condições de trabalho, essa preocupação era dividida com outros aparelhos administrativos. Há de se considerar

⁸⁸ *O Liberal* – Caderno Jornal dos Bairros. (26-11-1987)

⁸⁹ O censo Industrial do Pará de 1940-1980 declara que em 1940 o numero de estabelecimentos industriais no estado do Pará era de 666 e o de operários era de 10.595.

⁹⁰ *A Província do Pará* - 08/03/ 1947

que a construção ideológica do Estado populista era compartilhada pelos próprios sindicatos e organizações trabalhistas, beneficiados pela política trabalhista de Vargas, como já foi mencionado anteriormente e que se percebe nas reportagens de jornais e revistas que apoiavam o governo, como o citado abaixo:

O movimento em prol de aumento de salários que se vem desenvolvendo em todo o país, por iniciativa de diversas classes, tem obtido resultados mais ou menos satisfatórios em benefício dos reclamantes. Se suas pretensões, não são de todo atendidas, pelo menos, tanto de parte do governo como das empresas, interessadas tem sido demonstrado o maior interesse no sentido de resolver esse problema.

Dissídios coletivos estão se verificando a todo momento e sem todas as partes do país e à parte reclamante, em geral, é dado ganho de causa. Por outro lado manifestam-se movimentos grevistas, cujos efeitos são os mais desastrosos para as populações, como aconteceu, ainda há pouco no sul com os trabalhadores das empresas paralizam suas atividades, os dirigentes das companhias e representantes das classes discutem as possibilidades de serem atendido o pedido dos reclamantes, chegando afinal, a uma solução satisfatória para ambos os lados.

Ainda há poucos dias, em nossa capital, os transviários declararam-se em dissídios, chegando mesmo ao ponto de alarmar a cidade com a possibilidade de uma greve. O governo tomou as necessárias providencias, reuniu interessados na questão, técnicos, etc. achando finalmente uma solução, que, se não preencheu de todo as pretensões dos trabalhadores da Companhia Paraense de Eletricidade, resolveu pelo menos a mais difícil parte do problema. (*A Vanguarda*, 16 /01/1946)

Fecho aqui esta discussão sobre essas questões que também compunham o cenário da cidade, entretanto, como não é este o foco principal desta pesquisa não convém deter-me por demais. Concluo este item citando um pequeno artigo intitulado “Um esforço pelo progresso de Belém”⁹¹ onde o autor culpava a descontinuidade administrativa pela qual passava a cidade nos últimos quinze anos pelo retardamento do progresso verificado naqueles finais de década. Referia-se ao fato de que há trinta anos antes Belém ostentava um título das mais nobres do cenário nacional exatamente pela qualidade de seus serviços públicos, pela elegância de suas praças e pelo estado primoroso das vias públicas. Segundo o articulista da Província do Pará, era decepcionante para os que a conheceram nos seus dias de glória, vê-la naquele “estado de penúria”. Pode-se perceber ao mesmo tempo uma espécie de reação ao marasmo ao qual a cidade estava “aprisionada” e, um inconformismo dos saudosistas de plantão diante do “retrocesso” que a cidade sofria.

⁹¹ *A Província do Pará* – 09 de fevereiro de 1947, p. 2.

Essa postura reforça o paradoxo existente na análise que mostra uma Belém nos meados do século XX, cercada de problemas básicos como falta de luz nas ruas, deficiente serviço de abastecimento de água, precário fornecimento de energia que impedia um desenvolvimento industrial decente, mas que não decaía, estava apenas “estagnada na sua evolução, à espera de um novo surto de progresso” (PENTEADO, 1968, p.183).

5. História e Memória da cidade e do bairro: outras lembranças.

Segundo Penteado (1956), a pior fase da existência de Belém corresponde aos anos que se situam entre as duas grandes guerras mundiais, quando chegou inclusive a sentir uma acentuada decadência demográfica. Nos anos 30, após o movimento que derrubou o governo oligárquico da República Velha no Brasil, iniciou-se no Pará o governo de Magalhães Barata e com ele se agravaram sérios problemas decorrentes das péssimas condições de infra-estrutura na cidade que se estenderam por toda a década de 40 como os da habitação, energia elétrica, transportes e abastecimento.

Dentro desse período a situação da habitação passou a se constituir numa séria problemática para a administração municipal. Antes, porém de adentrarmos na questão dos problemas das moradias em Belém nas décadas acima citadas, gostaria de chamar atenção para a classificação feita por Penteado das áreas que compunham a cidade e da caracterização das moradias nelas existentes.

Nas chamadas áreas “elegantes”, como Nazaré e S. Brás que eram bairros arborizados estavam localizadas ao longo das principais avenidas da cidade (Nazaré,

São Jerônimo e Independência⁹²) as grandes mansões cercadas por jardins. Nas áreas que contornavam o bairro do Comércio, e as contíguas a ele, como o bairro do Reduto, estavam instaladas as construções modestas “no alinhamento das ruas”, como ainda hoje encontramos no Reduto. E nos bairros residenciais pobres, que se estendiam pela periferia da cidade, encontravam-se as barracas que eram “casas de madeira cobertas por folhas de palmeiras” (PENTEADO, 1968, p.181-182).

Retomando o memorialista Osvaldo Orico, destaco as lembranças da sua infância vivida naquele bairro nas décadas de 20 e 30. Ao descrever o percurso que fazia todos os dias quando ia para o colégio em que estudava localizado na Estrada de Nazaré (atual Avenida Nazaré) Orico realça exatamente essa divisão dos espaços urbanos em Belém, percebidos por Penteado anos depois. Caminhando por ruas estreitas e sem arborização, cheias de “casebres” e “modestos domicílios”, “deixava a Rua 28 de setembro, onde morava, e seguia pelas travessas Rui Barbosa ou Benjamin Constant, arrebatando os sapatos nos valados e pedregulhos dessas primas pobres da cidade” até a São Jerônimo e Nazaré, “que eram os logradouros aristocráticos de Belém, povoados de palacetes e mansões”, protegidos por “um túnel vegetal, com as mangueiras cruzando as copas de lado a lado, numa explosão de seiva e num capricho de urbanismo” (1956, p. 66).

Através dessas imagens reconstruídas pelo memorialista podemos considerar que o Reduto se constituía em um espaço singular, pois mesmo próximo a uma das áreas mais “aristocráticas” da cidade mantinha-se como uma área proletária. Desde o início de sua formação o Reduto foi caracterizado pela predominância de casas “modestas, porta e janela, no alinhamento da rua” (PENTEADO, 1968, p. 292).

O Registro de imóveis da década de 30 aponta para um grande número de edificações de uso residencial que eram construídas em terrenos que variavam entre quatro e sete metros de frente e entre vinte e cinco e cinquenta metros de fundo, geralmente desprovidas de pátios ou espaços laterais. Enquanto que os terrenos da Avenida Nazaré chegavam a ter até vinte metros de frente por setenta metros de fundo⁹³. Essas diferentes medidas dos terrenos citados nos levam a entender a observação do menino Orico quando referiu-se aos “palacetes e mansões” do aristocrático bairro de Nazaré e aos “casebres” e “modestos domicílios” do Reduto.

⁹² Hoje as duas últimas avenidas chamam-se respectivamente Governador José Malcher e Magalhães Barata.

⁹³ Dados obtidos na documentação cartorial - Registro de imóveis - da década de 30.

Nos jornais de oposição como *A Vanguarda*⁹⁴ são expressas indignações e preconceito como na matéria que trata sobre o problema das casas baratas onde Sebastião R. de Oliveira, que assinava a autoria da mesma apontava como um dos fatores da falta de habitações boas e baratas, o estabelecimento do Código Municipal de Construções, de 1935⁹⁵. Segundo informação do vespertino, este Código somente admitia a edificação de vastos e ricos “bungalows” não só nas avenidas principais da cidade como em qualquer outra rua, por mais distante que fosse do centro da cidade. Deste modo, “varrer-se-iam” das zonas centrais, as casinhas humildes, o que era apoiado pelo autor ao afirmar “que realmente era necessário”, mas que as “exigências descabidas” para a construção de moradias mesmo em lugares pontos mais afastados da cidade “que a pobreza não tem outro remédio senão procurar abrigo nos igapós dos arrabaldes, onde é dizimada barbaramente pela malária”. A visão preconceituosa sobre os espaços periféricos da cidade é fortemente reforçada nesta matéria quando o autor se refere que toda aquela situação de carestia e de controle traria como “resultado é o pobre chefe de família, acostumado a um certo conforto ser obrigado a morar n’uma barraca suburbana” (01/01/ 1938, p.10).

A postura crítica do autor é esvaziada pela posição elitista demonstrada na sua sugestão de demarcação da espacialização da cidade tomando como parâmetro a desigualdade social: “convém, portanto reformar tal código de forma mais eqüitativa e humana, dividindo a cidade em zonas elegantes, modestas e humildes de acordo com as possibilidades dessas”⁹⁶.

Desde o início da primeira década do século passado Belém contava com uma grande empresa organizada para construir e reformar prédios urbanos era a “Freitas Dias”, sobre a qual tratamos no item anterior. A Fábrica “Freitas Dias” além de importarem materiais nacionais e estrangeiros, construía prédios por empreitada ou administração, assim também como realizavam consertos e reformas de qualquer prédio.

⁹⁴ Segundo o registro do livro *Jornais Paraóaras*, produzido pela Biblioteca Pública do Pará em 1985, *A Vanguarda* foi um jornal independente que circulou entre 1937 e 1962. Foi dirigido por Pires Camargo desde sua fundação até 1943 quando Milton Trindade assumiu sua direção, vinculado aos Diários Associados.

⁹⁵ A documentação referente a este Código não foi encontrada.

⁹⁶ *A Vanguarda* – janeiro de 1938.

Bem conceituada na cidade por sua estrutura e qualidade⁹⁷ esta empresa era muito requisitada pelos proprietários das casas já existentes no perímetro urbano, sobretudo os do centro da cidade, que procuravam reformar seus imóveis, assim também como pelos que desejavam construir novas edificações.

Para atender a demanda popular, o poder público municipal tentava melhorar a situação tomando “aqui e ali” medidas que aliviassem o problema, como foi percebido em reportagens da imprensa local⁹⁸. Uma outra forma foi expropriando terrenos alegando motivo de necessidade pública, como fez por meio do Decreto nº 49 de 02/04/1940 em que designava os terrenos existentes dentro da área do Marco da Léguas que se enquadrava pela Avenida Tito Franco, travessa Lomas Valentinas, Avenida Dr. Freitas e Tr. Perebebuí, para ser construído um bairro que se chamaria Presidente Vargas e onde seriam construídos vários estabelecimentos e casas populares⁹⁹.

Em 1947, uma matéria de *A Província do Pará* intitulada “Crise da Habitação” chama atenção para a falta de casas em Belém, problema que surgiu desde antes da guerra e, que se agravava visto que as construções na cidade têm se rareando cada vez mais. A matéria denuncia que famílias inteiras se amontoam em pequenas salas, ou alojam-se em casas de parentes e amigos por não terem outra opção de solução para seus problemas de acomodação. Diz o autor da matéria que as construções foram reduzidas e que somente “de longe em longe, numa ou noutra rua distante é que surge uma obra, uma pequena casa ou um minúsculo bangalô, destinado à locação”. Um outro problema sério reclamado na matéria é o das condições das casas destinadas ao aluguel, que eram na maioria das vezes, pequenas e desconfortáveis.

por um pequenino bangalô, desses construídos em série e dentro de becos a que chamam “villas” o aluguel nunca é inferior a mil cruzeiros.(...) se o local é tido como melhor, distante do comércio cinco ou seis quilômetros apenas, o preço do aluguel sobe assustadoramente, chegando até a quatro mil cruzeiros pra casas realmente velhas, como duas em Batista Campos. (*A Província do Pará* - Crônica da cidade, 15-03-1947, p.2)

⁹⁷ BRAGA (1916), CRUZ (1791) e o Álbum da Colônia Portuguesa no Brasil (1929) fazem referências aos serviços desta empresa.

⁹⁸ O jornal *A Vanguarda* de 4/05/1940, p.2 noticiava sobre o lançamento da pedra fundamental da *Villa* Abelardo Conduru que ocuparia o quarteirão compreendido pela rua Veiga Cabral, Cesário Alvino e Ângelo Custódio e travessa Carlos de Carvalho, em terreno doado pela prefeitura ao Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas para a construção de residências para os seus segurados.

⁹⁹ *A Vanguarda* de 28/06/1940. Esse bairro e as casas projetadas nunca saíram do papel, pois não foram encontradas maiores informações sobre a sua execução.

Contudo, a moradia não foi o único problema que o belenense enfrentou durante as décadas de 30 e 40. Em quase toda a historiografia da época que mostra a cidade, as afirmações sobre os serviços públicos eram unânimes: uma calamidade. Roque (1976,p.205) nos relata que “o número de aparelhos da *Pará Telephone* não davam para as necessidades; a luz gerada pela *Pará Eletric*¹⁰⁰ alumiaava menos que um candeeiro; os bondes eram explorados por empresas inglesas”¹⁰¹.

Porém o abastecimento de alimentos foi um dos piores, se não o pior, problema enfrentado pela população belenense principalmente nos anos 40. “A questão alimentar transcende de toda outra em Belém atinge o fundo da população, não deixando dúvida sobre a triste realidade que representa”, expressava-se desse modo o articulista Firmo Dutra em seu artigo que tratava sobre “Alimentação e Frigoríficos”¹⁰².

O conflito mundial afetou diretamente o transporte marítimo de carregamento de gêneros alimentícios devido ao bloqueio da Costa brasileira e como Belém não dispunha de recursos adequados para o armazenamento de grande quantidade de produtos para provir o abastecimento por longo tempo, a cidade foi invadida por uma grave falta de alimentos provocando uma série de problemas. “Não há leite e não há verduras. O peixe é escasso e caro e o pão é sempre uma interrogação, somente respondida pelos acordos internacionais”¹⁰³.

A produção agrícola e pecuarista interna pouco haviam evoluído em termos de técnicas produtivas, desde os anos 20, apresentando falta de condições básicas para o desenvolvimento das lavouras e rebanhos paraenses. Do pouco que se conseguia extrair do chamado *hinterland* paraense, ainda havia a dificuldade de transporte terrestre, visto que com o fim da Estrada de Ferro Belém - Bragança muitos

¹⁰⁰ A Pará Railway and Lighting Company Ltd, foi a primeira concessionária de energia elétrica a se instalar na Amazônia. De origem inglesa a Pará Electric era responsável pela produção de energia termoeletrica da cidade desde 1905 e estava situada na Avenida Municipalidade. Foi desativada no final da década de 40 ficando o prédio abandonado por várias décadas até sua deterioração total. Hoje só existe da antiga usina a chaminé e no local funciona uma moderna academia de ginástica.

¹⁰¹ Existem pesquisas recentes em monografias de História no Laboratório de História da Faculdade de História do IFCH- UFPA sobre estes temas: DUARTE, Tedy Rony Luz. *Transportes coletivos e reivindicações populares urbanas em Belém (1944-1947): conflito ou reconciliação?* Belém: Universidade Federal do Pará, 2002. PINON, Alerrandson Afonso Melo. *Belém durante a Segunda Guerra Mundial: problemas de alimentação, energia elétrica e transporte (1939-1945)*. Belém: Universidade Federal do Pará, 2007.

¹⁰² *A Província do Pará*, 09/ 02/ 1947.

¹⁰³ *Ibidem*.

produtores passaram a ter grandes dificuldades para trazerem seus produtos para a venda na capital.

Por outro lado, as mercadorias que chegavam de forma incerta e precária através do ITA do sul ou de algum navio estrangeiro, por um alto preço, era preciso que fossem consumidas o mais rápido possível, senão corria-se o risco de se perder por causa da deterioração dos alimentos, visto que não existia em Belém um frigorífico com capacidade para estocar os produtos importados do sul e do estrangeiro.

A utilização do frio industrial além de poder manter um estoque de gêneros alimentícios de primeira necessidade, como a carne e o peixe, seria uma forma de inibir o mercado negro desses produtos e abaixar o preço dos mesmos, assegurando aos pescadores, vendedores e consumidores a garantia de abastecimento¹⁰⁴.

Entre as manifestações de exaltação ao governo pelos que o apoiavam destacamos a revista *A Novidade*, canal de propaganda do baratismo¹⁰⁵. Na sua edição de janeiro de 1942 encontramos um artigo intitulado “Belém se levanta” cujo teor objetivava chamar a atenção para o novo momento econômico, social e cultural da cidade manifestado através da movimentação do comércio. Chamava atenção para o fato de Belém ter se tornado o “maior ponto de intercâmbio norte-americano” das rotas aéreas que atravessavam o Atlântico e das novas obras que surgiam na cidade como a Avenida 15 de agosto “moderna e grandiosa como poucas do norte” e repartição federal como o Instituto Agrônômico.

Apesar dos crescentes números de pobreza de sua população a cidade se beneficiara com a instalação das bases militares americanas, da visita constante de turistas que movimentavam o aeroporto e enchiam os hotéis. Em 1943, os Estados Unidos assinaram acordos com o Brasil, interessados que estavam na produção de látex para abastecer o estoque de borracha dos países aliados para os quais eles davam apoio na Guerra e com isso, começa a soprar ares de melhorias para a população de Belém.

O jornal *O Estado do Pará* de 24 de janeiro de 1943 publicou um artigo escrito por um jornalista americano destacando contribuição da presença dos americanos em Belém para a melhoria da cidade que se encontrava, segundo a visão

¹⁰⁴ *ibidem*.

¹⁰⁵ Entre os jornais destaca-se *O Estado do Pará*.

do jornalista, mergulhada numa pobreza enorme expressa na falta de alimentos básicos e em uma estrutura urbana precária¹⁰⁶.

Essa participação americana neste momento de “ressurgimento” da cidade de Belém é percebida em vários aspectos, um deles é o cultural. Para muitos a referencia cultural paraense, e a de muitos outros lugares, passou a ser a norte-americana. Se na virada do século XIX para o XX Belém expressava o francesismo europeu, a partir de 40 vai ser tomada pelo espírito “hollydiano” da terra do “Tio Sam”.

Félix Roque, empresário cultural de Belém, em entrevista a uma revista local apresentava seu projeto de transformar Belém na “*Hollywood Brasileira*”, visto que a cidade já apresentava condições de sediar grandes eventos, de receber grandes nomes nacionais e realizar grandes projetos como os cinematográficos¹⁰⁷ (*A Novidade*, 1942, p.10)

Um dos aspectos dessa influencia marcante da cultura americana na sociedade belenense foi sentido na produção arquitetônica. Sarquis e Malta (2003) ao estudarem o desenvolvimento dos diversos movimentos arquitetônicos que se configuraram na chamada Arquitetura Moderna Brasileira analisaram como estes movimentos foram absorvidos e traduzidos pela produção arquitetônica de Belém entre 1930 e 1964.

Dentro da influencia da cultura norte-americana que nos referíamos acima, destacamos o neocolonialismo que se tratava “de uma proposta de arquitetura que valorizava a herança local em oposição aos valores importados, ecoando a almejada emancipação cultural das nações americanas diante do velho continente”.¹⁰⁸

A arquitetura neocolonial se expressou no Brasil sob duas formas: uma voltada para a valorização do acervo colonial brasileiro e outra voltada para a utilização de modelos importados da estética norte-americana. Belém incorporou-se à discussão apresentada pela primeira forma, entretanto o contato dos profissionais locais com a estética veiculada através do cinema, rádio e revistas norte-americanas

¹⁰⁶ Este artigo foi publicado pela primeira vez em 21 de novembro de 1942 na revista americana *Busines Week* e foi escrito pelo jornalista John F. Chapman. Destacava Belém como uma cidade favorecida geograficamente pela existência de um poderoso cais de porto capaz de abrigar transatlântico, porém com uma população sofrendo por graves problemas de abastecimento.

¹⁰⁷ O empresário falava do projeto de fundação da Amazônia Filmes, empresa cinematográfica que teria seus próprios estúdios em Belém e que contaria com a valiosa técnica de Líbero Luxardo, que assumiu realmente por alguns anos a sociedade com o empresário Félix Roque.

¹⁰⁸ Caderno de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Mackenzie, São Paulo, v.3, n.1, 2003, p.34.

aliada ao gosto da sociedade local por “residência unifamiliar com poucos pavimentos e isolada no terreno, como uma casa campestre na cidade”, foram fundamentais para a absorção dos padrões arquitetônicos norte-americanos (p.35). Desse modo os *bungalows*, símbolos da modernidade, passaram a compor o cenário de muitas ruas da cidade de Belém, mesmo que diferentemente da caracterização original ¹⁰⁹.

Uma das expressões do movimento modernista em Belém é o Edifício Dom Carlos, localizado no Reduto na Travessa Ó de Almeida entre a Rua Quintino Boacaiúva e a Avenida Visconde de Souza Franco (Figura 30). Com o projeto de um arquiteto local chamado Camilo Porto Oliveira este prédio foi construído pela família Chamié¹¹⁰ no final da década de 40 para atender aos membros da mesma, destaca-se pelo fato de mesclar princípios inerentes ao modernismo internacional com aspectos construtivos e hábitos próprios da realidade local (DERENJI, 1995 apud SARQUIS e MALTA 2003, p.43)

Figura 29 – Edifício Dom Carlos



Fotografia - Tita Padilha

¹⁰⁹ Sarquis e Neto explicam que originalmente os *bungalows* eram moradias térreas típicas da Índia britânica, com muitos pavimentos, circundadas por varandas cobertas e localizadas no centro das propriedades. Em Belém o termo foi adotado para designar casas de dois pavimentos com livre inspiração neocolonial, baseadas no estilo das missões californianas. (2003, p.35)

¹¹⁰ Família de origem sírio-libanesa que se destacou no ramo do beneficiamento de castanha, inclusive esse prédio foi construído próximo à fábrica de beneficiamento de castanha da família. No final do século passado o prédio da fábrica já em demolição foi vendido para uma empresa local que construiu um shopping que há pouco tempo foi vendido e demolido para a construção de um outro shopping muito maior.

Encontramos no Reduto expressões de distintos movimentos arquitetônicos o que, aliás, nos chamou atenção pelo fato de ser uma área “modesta” e mesmo assim abrigar uma diversidade de estilos arquitetônicos. Encontramos ali desde o eclético, estilo que representou a modernização da cidade trazida pelo farto período da borracha, ao modernismo paraense que trazia a marca de uma “relativa independência estética e conceitual” ao que era produzido no eixo Rio - São Paulo¹¹¹.

Mas o Reduto é assim cheio de contrastes e controvérsias. Espaço de diversidades e similaridades. E para falar do Reduto ninguém melhor do que aqueles que têm a propriedade para tal, os seus moradores antigos. Através dos seus relatos pude conhecer aspectos do bairro e do viver no Reduto na primeira metade do século XX. É verdade que essas pessoas pelas suas idades cronológicas trazem a memória especialmente das décadas de 30 e 40 quando eram crianças ou jovens e que, portanto, podem ter misturado as suas lembranças com as que lhes foram repassadas por seus pais, parentes, patrões, enfim pelos grupos sociais que pertenceram ao longo de suas vidas.

Halbwachs (1990) aponta que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas. Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica, deste modo, a lembrança seria uma imagem envolvida em outras imagens.

Sabemos que a lembrança é uma reconstrução do passado e muitas vezes com a ajuda de dados emprestados do presente. Porém foi a partir dessas lembranças que foram ganhando delineações particulares que fui completando as ausências que os documentos escritos haviam deixados. A partir da fala de alguns de seus moradores antigos a memória do Reduto foi sendo reconstruída, mesmo se firmando um sentido no olhar, que é o da negação do presente e o saudosismo do passado (FONTES, 2002, p.204).

¹¹¹ Em trabalho sobre “*A arquitetura como expressão da modernidade em Belém entre 1930 e 1964*”, os autores consideram que a arquitetura modernista paraense ganhou expressão própria através de nomes como Camilo Porto de Oliveira e Edmar Penna de Carvalho que por suas metodologias projetuais e pelas suas obras significativas marcaram fortemente a construção de uma modernidade arquitetônica em Belém.

Waded Rachid caçula e única filha mulher, mora até hoje na mesma casa comprada por seus pais na década de 40 e lembra de sua infância e juventude vividas dentro de um padrão considerado privilegiado na época.

Passei toda minha infância aqui. Estudava no Colégio São Paulo (colégio particular onde hoje é o SESC na Avenida Serzedelo Correa). Era filha única. Sempre tive tudo o que se podia ter na época. Fui criada numa educação muito severa, por parte do meu pai. Era muito tímida, só saía acompanhada. Estudei o científico no colégio Gentil e casei em 1970. Meu pai faleceu em 1972 e meu irmão mais velho em 1973. Depois disso, minha mãe resolveu fechar o comércio. Nessa época o comércio começava a decair. O imóvel foi alugado para uma loja de leilão. Depois para um mercadinho e depois ficou desocupado.

Sobre o cotidiano do bairro Waded Rachid que teve uma infância e juventude mais “controlada” pelos pais, lembra que:

O bairro nunca foi animado, predominava o comércio. Lá em cima também aqui na 28, ficava o cinema Íris, onde hoje é a Fábrica Aliança. Tinha a sorveteria Americana, onde se encontravam o pessoal daqui. Tinha também a Confeitaria Damas. Sempre foi assim, uma vida de cada um na sua casa. Às vezes a gente descia e se reunia. Aos domingos saía para visitar os “badrícios” com papai. Íamos ao Cedro Esporte Clube, principalmente no tempo de carnaval.

Seu Antonio Maia e Seu Pedro Costa têm outras lembranças do bairro, respectivamente: “O Reduto era só para o trabalho...A única distração que tinha aqui era o cinema Íris¹¹²”. “A gente tinha um time de futebol aqui do Reduto, que sempre às tardes se reunia para jogar lá no terreno da antiga *Pará Elétric*”.

Figura 30 – Fábrica Aliança Nacional S.A. - prédio do antigo Cinema Íris.



cada de 30 e que funcionou até os anos 60. Segundo entre 1930 e 1940 os cinemas se classificavam em Iracema e Moderno (Nazaré), Independência (São (Cidade Velha), Popular e Poira (Nazaré), Rex e e demonstra a diferença entre estas salas era o preço a entrada era de CR\$6,00 no Íris era de apenas CR\$

Fotografia - Tita Padilha

Porém seu Juvenal Haick o mais velho de uma família de dez filhos teve uma infância diferente de Waded. Morava em uma casa alugada na Rua 28 de Setembro, começou a trabalhar ainda garoto engraxando sapato, vendendo sorvetes na rua e na época do Círio fazia roque-roque para vender no arraial de Nazaré. Como Osvaldo Orico e muitas outras crianças de famílias pobres do bairro, Juvenal estudou no Grupo Escolar Benjamin Constant e depois como bolsista no Colégio do Carmo onde ficou até o Primeiro Ano ginásial quando largou os bancos escolares. Passou a trabalhar regularmente quando tinha uns doze anos na Casa Minerva¹¹³ na Rua 28 de Setembro próximo de sua residência e que era de propriedade do português Sr. Vieira que também tinha uma fábrica de tabaco que ficava na Piedade.

Eu arrumei meu emprego. Era época de Natal e eu fui ajudar no comércio de Seu Vieira e ele me convidou para ficar trabalhando com ele. Trabalhei de 50 a 60, foi meu único emprego.

Seu Juvenal é hoje um comerciante bem sucedido, com uma grande loja instalada na Rua 28 de Setembro que administra juntamente com sua esposa Maria que conheceu no bairro do Reduto do qual tem muitas lembranças boas:

O Reduto foi muito ativo, até o comércio acabar. Tinha o cinema (Íris), na época do cinema era muito movimento. Até que a sorveteria Americana ganhava muito dinheiro, porque a pessoal saía do cinema quando terminava o filme e ia para lá. Lá eles vendiam também açaí. O cinema funcionava na época do boro, o dinheiro inglês que se pagava o bonde, valia o equivalente a cinquenta centavos (...). Eu andava muito pelo bairro, com dezoito anos eu tinha uma moto e andava muito pelas ruas do Reduto.

¹¹³ A Casa Minerva era um estabelecimento comercial que vendia mercadorias de todos os gêneros, no lugar hoje funciona uma loja de matérias de construção, a PRACASA.

Sobre os operários das fábricas do Reduto, Waded Rachid lembra que “os trabalhadores enchiam as lojas do bairro no sábado à tarde para fazerem pagamento de compras anotadas nas cadernetas e adquirirem novos produtos”.

Sobre as moradias de operários no próprio bairro como as “faladas” vilas operárias, todos eles disseram desconhecer. Antonio Maia disse que conhecia só:

A Vila ABC na Rui Barbosa, a Vila Ferreira Gomes, aqui na Gaspar Viana que acha que o Ferreira Gomes tenha feito para alugar para as pessoas que tinham um cargo mais elevado. Sabe o que acontecia, os portugueses pegavam os terrenos e faziam tudo vila, com casas repetidas. No Reduto tem um monte de vila, mas que eu saiba nenhuma era de operários. Eles (os operários) vinham só trabalhar. Tanto que quando as fábricas fechavam no sábado à tarde, que eles recebiam semanalmente, vinham para o comércio fazer compra, que funcionava direto até seis horas da tarde.

O bairro é rememorado com um espaço de trabalho, de ativismo comercial, mas também de convívio, de construção de identidades. Há uma memória de uma coletividade que convivia com aspectos semelhantes de sociabilidade como os modos de consumo e lazer como vimos acima, mas também enfrentava problemas similares como o do alagamento das ruas lembrado por muito deles como seu Giorgio Simonetti que sempre gostou daquele lugar apesar dos problemas enfrentados na época das chuvas quando inundavam as ruas do Reduto, conta que “vinha água da São Jerônimo e enchia tudo por aqui, nós tínhamos que ficar tirando água de dentro das casas”.

Seu Antonio Maia que tem na porta de sua oficina uma espécie de batente para proteger da entrada da água no tempo de muita chuva e das marés altas invadem lojas e residências de várias ruas, lembra que no seu tempo de criança:

A água que enchia as ruas vinha lá de Nazaré, lá da São Jerônimo. Ali tinha uma baixada que quando enchia vinha como um igarapé por dentro dos quintais (...) Todos esses bairros altos jogam água pra cá. Todas as ruas do bairro enchiam. No período do inverno então... Ainda hoje enche, quando encontra a maré a água invade tudo aqui.

O Reduto é relembrado como um bairro calmo, sem grandes problemas, onde as pessoas se conheciam, se encontravam nas lojas, se sentavam nas portas para conversarem. Mesmo se houveram situações que podem ter marcado mais fortemente a lembrança do passado como relata seu Juvenal.

Eu lembro do canal ali onde teve o antigo 13 de maio, um quiosque, naquela época era um bar que funcionava na época de 1945, eu lembro que os fuzileiros navais vinham muito para lá e faziam muita confusão naquele setor.(...) Tinha também os bondes que passavam por aqui na 28. Aqui na esquina da Rui Barbosa eles viravam. Eu vi muito acidente de bonde aqui. Eles não tinham freio instantâneo, o pessoal saía, atravessava na frente e aí não tinha jeito de parar. O bonde acidentou muita gente aqui. Até matou.

Olhar para o bairro com os olhos voltados para o passado parece pura nostalgia, mas é um processo de reconstrução de uma memória coletiva, onde todos se reconhecem e buscam entender seu tempo. Um tempo que não é mais somente o tempo das crianças que brincavam nas portas ou jogavam bola nos terrenos baldios, ou dos jovens que iam à praça, ao cinema, à sorveteria tranquilamente, mas que é o tempo de agora, da insegurança, da mudança de comportamentos. O tempo do presente. Das mesmas ruas que estão lá, da história que pulsa nos quarteirões ocupados pelos galpões desativados das antigas fábricas.

Mesmo que neste presente não se possa mais ir para frente da *Pará Elétric* ver o descarregamento da madeira que chegava para alimentar as fornalhas da velha usina e nem ouvir a sirene tocar ao meio dia e às seis horas da tarde, como fazia o menino Mario Feio. Mas nele se pode ainda ver e sentir a vida fluindo em cada esquina, em cada prédio, em cada pessoa que compõe hoje a história do Reduto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto modernizador urbanista implantado em Belém no final do século XIX foi passando como uma máquina sobre os espaços da urbe: aterrando igarapés, ampliando ruas, erguendo construções que nem sempre se adequavam às condições naturais nem aos interesses dos habitantes locais. Neste contexto se encontrava o bairro do Reduto, originado do antigo Reduto de São José.

Ao longo desta pesquisa pude conhecer aspectos desse bairro que me ajudaram a entender as várias representações que foram sendo criadas sobre ele. A representação de “bairro mercado” se justifica pela existência do movimentado comércio desenvolvido na sua doca que chegava a rivalizar com a doca do Ver-o-Peso na avaliação do Intendente Antonio Lemos. Produtos que vinham de vários lugares do interior do Estado trazidos por caboclos que enchiam a doca e suas adjacências, ou ainda, por vendedores estrangeiros que carregando suas mercadorias circulavam pelas ruas do bairro em busca de compradores.

Entretanto, para a representação de “bairro operário”, me faltaram dados suficientes para considerá-la. As pistas encontradas pelas fontes não foram convincentes para tal classificação. Não tanto pelo número de fábricas que apesar de não podermos comparar com o sudeste do Brasil, era bem significativo. Entretanto as vilas operárias, consideradas enquanto construções para atender as necessidades dos trabalhadores operários das fábricas ali existentes, não foram visíveis para mim. Pude entender ao final dessa pesquisa que essa não foi uma “preocupação” dos empresários locais com seus operários e que, no máximo construíram habitações conjugadas para atender uma faixa superior do quadro de seus funcionários e poder ampliar seus ganhos com os alugueis.

Permitam-me a ousadia de avaliar que as imagens de grandes fábricas fumegantes, bairros operários, vilas operárias, que eram elementos reais em outros espaços do Brasil e Europa foram sendo apropriadas por autoridades e habitantes de Belém e que passaram para eles a fazer parte da realidade local. Não quero dizer com isso que as fábricas e operários não foram uma realidade em Belém, até porque estaria me contradizendo pelos números que apresentei com a minha pesquisa. Parece-me que houve sim uma ampliação da realidade nos discursos de administradores públicos e jornalistas comprometidos com essas administrações das condições locais existentes e, estes discursos foram sendo absorvidos pela coletividade que passou a tê-los como verdadeiros. Cheguei a esta consideração a partir do pensamento do sociólogo alemão Maurice Halbwachs (1990) de que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, e que, portanto, a origem de várias idéias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós, na verdade são inspiradas pelo grupo.

A imagem do Reduto como bairro operário foi sendo construída desde a primeira metade do século passado, a partir da realidade de outros lugares e se manteve até que a entrada dos produtos “de fora” enfraquecesse a produção local e fechasse as portas de muitas fábricas locais. Poucas indústrias resistiram.

A identidade que foi apropriada pelos habitantes da cidade e do bairro do século passado foi sendo reelaborada e hoje chega mesmo a ser ignorada por muitos dos atuais moradores, até mesmo porque a lembrança é dinâmica e se renova nos espaços das vidas, (re)arrumando sentimentos, sejam eles individuais ou grupais. Hoje o bairro é mais conhecido pelos bares, restaurantes e boates gays que se estabeleceram nas suas ruas do que pela imagem laboriosa das suas fábricas.

Os prédios das fábricas que ainda existem no Reduto deveriam se constituir em “lugares de memória”, não por uma ausência de memória como definiu Pierre Nora (1993), mas sim pela existência de sentimentos da memória que dialogam com a história, como defende Jacy Seixas (2001). Para Seixas, a consagração de “lugares de memória” deve se dar porque habitamos a nossa memória e não porque estejamos afastados dela. É nessa perspectiva que espero que esta pesquisa seja um contributo.

Para contar a história de uma cidade, não basta apenas proteger seus bens materiais é preciso cuidar da vida que existe nela. É a vida que existe nos centros urbanos - seja em bairros operários, nobres ou nas favelas que também merece seu registro. Desse modo, acredito que este trabalho, dentro de suas limitações, ao buscar recuperar a memória de um bairro esteja ajudando a recompor a relação passado-presente e ao mesmo tempo abrindo novas possibilidades de pesquisa.

REFERÊNCIAS

Fontes Impressas Citadas

1. Arquivo Público do Pará

Livro de Escrituras. Registro de Imóveis. Cartório Jovelino Coimbra – 2^o Ofício. Belém, 1930 a 1931. Livro 8.

_____. Cartório Fenelon G. Perdigão – 2^o Ofício. Belém. 1934. Livro 7.

Memorial apresentado pela Liga Nacionalista do Pará. Fundo Gabinete do Interventor. Série Ofícios. Anos: 1931-1933. Caixa 19. Documento 10.

Mensagem dirigida em 07 de julho de 1921 ao Congresso Legislativo Estadual pelo Dr. Antonio Emiliano, Governador do Estado. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1921.

2. Biblioteca Arthur Viana (CENTUR)

A) Relatórios Administrativos

BELÉM, Intendência Municipal. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na Sessão de 15.11.1902 pelo Exmo. Sr. Intendente Antonio José de Lemos; 1897/ 1902. Belém, A.A.Silva, 1902.

_____. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na Sessão de 15.11.1903 pelo Intendente Senador Antonio José de Lemos. Belém, A.A.Silva, 1904.

BELÉM. Intendência Municipal. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, em sessão de 20 de maio de 1930, pelo Intendente Municipal Senador Antonio de Almeida Facíola. Pará – Belém, 1930.

BELÉM. Prefeitura Municipal. Relatório apresentado pelo prefeito Alberto Engelhard ao Exmo. Sr. Cel. Joaquim de Magalhães Cardoso Barata. Interventor Federal no Pará (1943- 1944). 1945.

PARÁ. Governo do Estado. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Governador Antonio Emiliano de Sousa Castro, pelo Diretor Geral da Fazenda Pública e a este pelo administrador de recebedoria de rendas. Exercício de 1921 e primeiro semestre de 1925. Pará Brasil Typ.do Instituto Lauro Sodré, 1922.

PARÁ. Interventoria Geral. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Interventor Geral Major Joaquim de Magalhães Cardoso Barata. pelo agrônomo Luis Fernando Ribeiro (Diretor Geral da Agricultura, Industria e Comercio). Período de 1931 ao primeiro semestre de 1934. Belém: Livraria Clássica, 1934.

PARÁ, Governo do Estado, 1937-1939 (José Carneiro da Gama Malcher). *Álbum do Pará*. Belém: Typografia Novidades, 1939.

PARÁ. Interventoria Federal. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República pelo Dr. José Carneiro da Gama Malcher - Interventor Federal no Pará(1940- 1941). Belém- Pará. Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré (Escola Profissional do Estado) - 1943.

PARÁ. Instituto de Estatística do Pará. Anuário de Estatística do Pará. Belém, 1926.

B) Periódicos

Jornais

Folha do Norte, Belém, 1920/ 1934.

A Pirralha, Belém, 1928/ 1929.

A Provincia do Pará. Belém, 1947.

A Vanguarda, Belém, 1938/1940/ 1946/1947.

Revistas

A Semana, Belém, 1920.

Belém Nova, 1927.

Pará Agrícola, 1934.

A Novidade, Belém, 1940/ 1942.

O Pará Ilustrado, 1943.

C) Álbuns

Álbum da Colônia Portuguesa no Brasil. Oficinas Gráficas do NUMERO. Lisboa, 1929.

Álbum Belém da Saudade - *A Memória da Belém do Início do Século em Cartões-Postais*. Belém: Secult, 1996.

ACCIOLY, Anna. et. al. *Marcas de Valor no Mercado Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. SENAC, 2000.

CACCAVONI, Arthur. *O Pará Comercial: na exposição de Paris- 1900*. Belém (sn)1900.

3. Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM)

Lei Municipal n^o 7.245 de 24 de janeiro de 1984.

Lei Municipal n^o 7.768 de 18 de maio de 1994.

4. Junta Comercial do Pará (JUCEPA)

Acervo Documental - Registro de Firmas Comerciais de Belém.

5. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) / Pará

Anuário de Estatística do Pará. Instituto de Estatística do Pará – Belém, 1926.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recenseamento de 1920. Rio de Janeiro, 1926.

PARÁ. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Industrial, 1939-1940. Pará, 1940.

_____. Censo Comercial, 1940. Pará, 1940.

6. Fontes de história oral citadas

1. ARRUDA, Antonio Monteiro Maia, 61 anos, brasileiro, proprietário da oficina de peças “A Reconstructora”, localizada na Rua 28 de Setembro.
2. FEIO, Mario e Silva, 85 anos, brasileiro, advogado aposentado.
3. FERREIRA, José Domingos, 86 anos, português, comerciante aposentado.
4. FERREIRA, Maria Helena Nobre. 80 anos, portuguesa, doméstica.
5. HAICK, Juvenal Alves. 70 anos, brasileiro, comerciante, proprietário da loja “Imperador das Máquinas”, localizada na Rua 28 de Setembro.
6. NUNES, Renato, 64 anos, brasileiro, jornalista.
7. SIMONETTI, Giorgio, 86 anos, italiano, proprietário da oficina de peças localizada na Tr. Benjamin Constant.
8. RACHID, Maria de Nazaré Lucas, 63 anos, doméstica.
9. VIANA, Waded Rachid, 60 anos, brasileira, doméstica.
10. COSTA, Pedro de Alcântara da Silva, 74 anos, brasileiro, comerciante proprietário da oficina de sapatos “A Proletária”, localizada na Tr. Benjamin Constant.

7. Documentação por meio eletrônico

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Imagens das Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. CD-ROM, 1999.

www.skyscrapercity.com/showthread

8. Memorialistas

DE CAMPOS RIBEIRO, José Sampaio. *Gostosa Belém de outrora*. Belém: Academia Paraense de Letras, s.d.

ORICO, Osvaldo. *Da forja à Academia – Memórias de um filho de ferreiro*. Livraria José Olympio Editora, 1956.

PENTEADO, Jacob. *Belênzinho, 1910. Retrato de uma época*. Premio Jabuti 1963. São Paulo: Carrenho Editorial, 2003.

9. Bibliografia

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Metrópole e Cultura. São Paulo no meio do século XX*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. *Compêndio das eras da Província do Pará*. Belém. Universidade Federal do Pará, 1969.

BARATA, Manoel. *Formação histórica do Pará*. Belém, Universidade Federal do Pará, 1973.

BARBOSA, José Maria Azevedo. *A expansão urbana de Belém*. Belém, 1970.

_____. *A província do Grão-Pará no século XIX, em especial, a cidade de Santa Maria de Belém*. Separata da Revista do Tribunal de Contas do Pará. Ano II, nº. 2, set. 1972.

BELTRÃO, Jane Felipe. *Cólera, o flagelo da Belém do Grão-Pará*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Universidade Federal do Pará, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou Ofício do Historiador*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRAGA, Theodoro. *Guia do Estado do Pará*. Belém: Typografia do Instituto Lauro Sodré, 1916.

CRUZ, Ernesto. *A Água de Belém: sistemas de abastecimento usados na capital desde os tempos coloniais até os dias hodiernos*. Belém: Oficinas da Revista de Veterinária, 1944.

- _____. *As Obras Públicas do Pará*, v. I e v. II. Imprensa Oficial, 1967.
- _____. *As edificações de Belém*. Belém, Conselho Estadual de Cultura, 1971.
- _____. *História de Belém*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.
- _____. *Ruas de Belém: significado histórico e suas denominações*. 2ª ed. Belém: CEJUP, 1992.
- DECCA, Edgar de. *1930: o silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo(1920-1934)*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Indústria, Trabalho e Cotidiano. Brasil – 1889 a 1930*. São Paulo: Atual, 1991.
- EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950).Pioneirismo econômico e identidade*.Belém: NAEA,2008.
- FILHO, Meira Augusto. *Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará. Fundação e História*. II volume. 1ª ed. Belém, 1976.
- FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- FONTES, Edilza.*O pão nosso de cada dia.Trabalhadores,industria da panificação e a legislação trabalhista. Belém (1940-1954)*. Belém: Paka-Tatu,2002.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- MOREIRA, Eidorfe. *Belém e sua expressão geográfica*. Belém: Imprensa Universitária, 1996.
- MOURÃO, Leila. *Memória da indústria paraense*. Belém; FIEPA, 1989.
- PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo - Publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20*. São Paulo: Annablume,2001.
- PENTEADO, Antonio Rocha. *Belém do Pará: estudo de geografia urbana*. Belém: UFPA, 1968. 2 v.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & Historia Cultural*. Belo Horizonte: Autentica, 2005, 2 ed.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar, Brasil (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

VIANA, Artur. Anais da Biblioteca do Arquivo Público do Pará. Tomo Quarto. Typographia do Instituto Lauro Sodré, 1905.

WEINSTEIN, Bárbara. *A Borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: HUCITEC: EDUSP, 1993.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Ed. Hucite, 1996.

SANTOS, Roberto de Araújo Oliveira. *História Econômica da Amazônia – 1800-1920*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SILVA, Lúcia.. *Luzes e sombras na cidade: No rastro do Castelo e da Praça Onze 1920-1945*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas. 2006.

TRINDADE Jr., Saint-Clair Cordeiro da - *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém*. Belém: NAEA- UFPA. 1997.

ZAIDAN, Assaad. *Raízes Libanesas no Pará*. Belém: Secult, 2001.

10. Artigos

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades do século XIX)*. Revista Brasileira de História. São Paulo v.5, nº. 8 / 9, set. / abr. 1984/1985, p. 35-69.

D'ALÉSSIO, Márcia Mansor. *Memória: leituras de M. Halbwachs e P. Nora*. Revista Brasileira de História. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, vol. 13, n. 25/26, set. 1992/ago. 1993, p. 97-103.

DERENJI, Jussara da Silveira. *A seleção e exclusão no meio urbano: Reformas do fim do século XIX em Belém do Pará*. D'INCAO, Maria Angela.; SILVEIRA, Isolda Maciel (orgs.). *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1994, p.265-277.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Memórias da infância na Amazônia*. PRIORE, Mary Del.(org.). História das Crianças no Brasil. São Paulo: Contexto, 1999.p.317-346.

GONÇALVES, Antonio Custódio. *Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais*. Revista da Faculdade de Letras – Geografia. 1ª. Série, vol.IV, Porto, 1988, p.15-31.

LUCA, Tânia Regina de. *Historia dos, nos por meio dos periódicos*. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-153.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993, p.07-28.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p.279-290.

SARQUIS, Giovanni Bianco. NETO, Candido Malta Campos. *A arquitetura como expressão da modernidade em Belém entre 1930 e 1964*. Caderno de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, vol.3, n.1, 2003, p.29-51.

SEIXAS, J. A. *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais*. BRESCIANI, S. NAXARA, M. (orgs), Memória e (Res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001, p.43-45.

VELHO, Gilberto. *Os mundos de Copacabana*. VELHO, Gilberto (org.). Antropologia Urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p.11-23.

WEINSTEIN, Bárbara. *Experiência de pesquisa em uma região periférica: a Amazônia*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro, vol. 9, 2002, p. 262-70.

11. Monografias, Dissertações e Teses

BORDALO, Carlos Alexandre Leão. *O Desafio das Águas numa Metrópole Amazônica: Uma Reflexão das Políticas de Proteção dos Mananciais da Região Metropolitana de Belém-PA (1984 – 2004)*. 2006. Tese de Doutorado. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/PDTU. Belém: Universidade Federal do Pará, 2006.

CARNEIRO, Cyntia de Carvalho; SOUZA, Mauro Henrique Costa de. *Revitalização do Prédio da Antiga Fábrica Perseverança*. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo. Centro Tecnológico. Universidade Federal do Pará. Belém, 1997.

FRANÇA, José Otávio da Costa; MENDES, Paulínia Regia Bahia. *Proposta de Revitalização do canal do Reduto e área de entorno*. 2003. Trabalho de Conclusão de

Curso de Arquitetura e Urbanismo. Centro Tecnológico. Universidade Federal do Pará. Belém, 2003.

LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*. 2006. Tese de Doutorado (Historia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONTEIRO, Ana Claudia Cardoso. RODRIGUES, Alice. *Uma Janela para o Reduto*. 1990. Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura. Centro Tecnológico. Universidade Federal do Pará. Belém, 1990.

MONTEIRO, Ana Claudia Cardoso. *Estudo de Configuração Urbana. Subsídios para a revitalização do bairro do Reduto, Belém-Pa*. 1994. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano). Departamento de Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília, 1994.

POZZEBON, Sandra Elizabeth. *O papel das mercearias na distribuição de gêneros alimentícios à população de Belém na segunda década do século XX*. 1990. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Trabalho de Conclusão do Curso de História. Universidade Federal do Pará, Belém, 1990.

SILVA, Ivo Pereira da. *Terra das Águas: uma história social das águas em Belém, século XIX*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) IFCH/PPHIST. Belém: UFPA, 2008.

SOARES, Karol Gillet. *As formas de morar na Belém da Belle-Époque(1870-1910)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História). IFCH/PPHIST. Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.